

Universidade Federal do Ceará

Programa de Pós-Graduação em Linguística

**Depoimento dos alcoólicos anônimos:
um estudo do gênero textual**

Cibele Gadelha Bernardino

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Linguística.

Orientadora : Prof^a Dr^a Maria Elias Soares

Fortaleza
2000

RESUMO

Nossa pesquisa tem como objetivo descrever a organização retórica do gênero depoimento utilizado nas interações verbais de um grupo on-line de Alcoólicos Anônimos que funciona através de uma lista de discussão intitulada aa-sobriedade. A abordagem dada ao tema baseia-se em pressupostos teóricos da Análise de Gêneros, particularmente nas contribuições teóricas de Jonh M. Swales (1990). O *corpus*, constituído por 60 depoimentos coletados nos meses de abril e outubro de 1999, foi submetido a um exame exaustivo cujo objetivo consistiu em descrever as similaridades e regularidades da distribuição retórica das unidades e subunidades de informação do gênero. Como resultado, concluímos que: a) o gênero depoimento é uma forma de auto-relato que gira em torno do tema do alcoolismo, comum aos depoentes e seus interlocutores, e que tem como objetivo nuclear a troca de experiências entre alcoólatras; b) o gênero possui três unidades retóricas básicas distribuídas em nove subunidades: unidade retórica 1 – estabelecendo contato e identificação – subunidade 1.1 – saudando os membros do grupo, subunidade 1.2 – apresentando o depoente, subunidade 1.3 – agradecendo pelo controle sobre a bebida; unidade retórica 2 – comparando experiências vividas antes e depois do ingresso na irmandade dos alcoólicos anônimos – subunidade 2.1 - fazendo referência a outra mensagem do grupo que tenha provocado o depoimento em questão, subunidade 2.2 – relatando experiências sobre o alcoolismo, subunidade 2.3 – comentando a recuperação após o ingresso na irmandade dos alcoólicos anônimos; unidade retórica 3- fechando o depoimento – subunidade 3.1 – despedindo-se dos interlocutores, subunidade 3.2 – desejando de 24 horas de sobriedade, subunidade 3.3 – agradecendo pela atenção concedida pelos membros do grupo, subunidade 3.4 – subscrevendo-se; c) as fronteiras entre o início e o fim das subunidades do depoimento são demarcadas por meio dos atos de fala que a elas estão subjacentes; d) a condução da distribuição das informações no gênero responde aos propósitos e princípios (os Doze passos e as Doze tradições) do programa de recuperação dos Alcoólicos Anônimos, configurando o gênero depoimento como um espaço no qual somente um alcoólatra pode enunciar.

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos vão especialmente para

O grupo de alcoólicos anônimos aa-sobriedade sem o qual esta pesquisa não teria se realizado;

Fundação Cearense de Amparo à Pesquisa pela bolsa concedida;

Minha orientadora, Maria Elias Soares, pela amizade e apoio;

Meu amado irmão Cid por ter compartilhado comigo as alegrias e angústias que brotaram da execução deste trabalho;

Minha querida amiga Bernardete Rodrigues pelo carinho, pela amizade e por ter acompanhado, de perto, a realização deste trabalho;

Meus colegas de mestrado, especialmente Adriana, Aluiza, Ana Maria, Kilpatrick e Letícia pela amizade inesquecível;

Os professores do Programa de Pós-graduação em Lingüística da Universidade Federal do Ceará pela amizade e pelo amadurecimento teórico com o qual me presentearam;

Universidade Estadual do Ceará pelo apoio;

Meus queridos amigos Olivenor, Gerson Júnior e Zilda pelo incentivo sempre presente.

Introdução

"O que somos, o que sabemos, nosso poder de afirmação passam pela linguagem. Discutir a linguagem é ir ao encontro de uma multiplicidade de questões que desafiam o pensamento.

Se tudo é linguagem nos diferentes contextos e interlocuções, faz-se necessário conhecer melhor a linguagem nossa de cada dia." (Zaccur,1999)

O cenário da pesquisa

Atualmente assistimos a um importante debate acerca da questão dos gêneros (textuais ou discursivos de acordo com a teoria abordada) que tem mobilizado a atenção de estudiosos preocupados com a apreensão dos aspectos sócio-comunicativos da linguagem.

Esse debate tem contribuído sobremaneira para a apreensão das relações entre as manifestações verbais de determinados grupos sociais e os contextos socioculturais nos quais tais manifestações apresentam-se como instrumento de interação.

É, pois, crescente o número de pesquisadores que têm negado uma perspectiva puramente formal da análise de gêneros em favor de uma abordagem que perceba o gênero como ação verbal típica fundada em situações recorrentes delimitadas sócio-culturalmente (Miller,1984). Considerar o conceito de gênero sob essa perspectiva é considerar os grupos sociais que se apropriam dos gêneros e os propósitos com que o fazem. É considerar, ainda, que os gêneros, uma vez postos na interação, amoldam os propósitos dos locutores. Como afirma Bakhtin (1992:280): *os gêneros do discurso organizam nossa fala*.

Obviamente, sabemos que trabalhar com uma definição de gênero é, antes, uma questão de escolha, posto que ao tratarmos de gêneros não estamos lidando com um quadro conceitual homogêneo. Na realidade, são variadas as concepções que envolvem o termo e cada uma delas procura responder a princípios teóricos distintos. Podemos citar, como exemplo, os estudos literários, a retórica tradicional, a lingüística sistêmica, os estudos em escrita de grupos profissionais e grupos de interesse e as perspectivas enunciativas dos estudos da linguagem.

No nosso entender, as várias abordagens citadas representam duas vertentes dos estudos sobre gêneros. As três primeiras representam uma vertente cuja análise preocupa-se primeiramente em reconhecer e classificar exemplares de gêneros, tomando como critério para tanto apenas as considerações formais. A segunda vertente, na qual se enquadram as demais abordagens citadas, afasta-se da tradição formalista e reconsidera o conceito de gênero, desviando o foco da análise para o viés social da linguagem, redimensionando, assim, o papel das marcas formais que passam a ser vistas como representações, na superfície do texto, das similaridades das situações recorrentes (Miller, 1984).

Podemos apontar, como principais influências teóricas desta segunda abordagem, as concepções de Miller (1984), Swales (1990) e Bakhtin (1992) que têm sido referências quase obrigatórias nos trabalhos em análise de gênero. Tais trabalhos têm ocupado cada vez mais um espaço significativo nos estudos sobre linguagem. Podemos citar como expressão deste espaço em ascensão, as produções de Santos (1995), Aranha (1996), Motta-Roth e Hendges (1996), Silva (1996), Rodrigues (1998), Bonini (1999), entre outros.

Consideramos que este crescente interesse pelos estudos sobre gêneros deve-se principalmente à visualização desta abordagem como um avanço necessário no caminho que já vem sendo percorrido pelos lingüistas que conduziram o foco do interesse de análise da frase ao texto e agora do texto ao gênero. Ou seja, a passagem do interesse pelo produto, pelo artefato ao interesse pelas ações verbais típicas que respondem a propósitos comunicativos comuns e partilhados por sujeitos que interagem em esferas recorrentes da ação humana e que, uma vez postas no jogo interativo, passam a regular o comportamento verbal esperado por esses sujeitos.

Por outro lado, é importante considerar que os estudos em questão têm centralizado suas atenções sobre os gêneros acadêmicos, deixando à margem uma enorme gama de outros gêneros que estão disseminados no cotidiano das várias e complexas esferas da interação humana. É exatamente para contribuir no preenchimento desta lacuna que empreendemos esforços para descrever o gênero depoimento dos alcoólicos anônimos.

A descrição deste gênero justifica-se, ainda, por três outras razões: em primeiro lugar porque quanto mais vasto for o número de gêneros analisados, mais vasta será a compreensão dos lingüistas acerca da relação entre linguagem cultura e história; em segundo lugar, as descrições das formas retóricas típicas de determinados grupos sociais são, como afirma Miller(1984), chaves para compreender que papéis sociais ocupar, que

objetivos ter, que relações manter com o outro da interação, o que se pode dizer e como se pode dizer em uma determinada situação interativa e em terceiro lugar, a descrição dos depoimentos dos alcoólicos anônimos significa a descrição da ação verbal de um grupo social que ocupa um espaço consideravelmente importante na sociedade, posto que, como detalharemos no capítulo 3, os Alcoólicos Anônimos funcionam como uma Irmandade internacional presente em 141 países e com forte inserção no Brasil.

Por fim, a relevância deste estudo repousa sobre seu caráter inédito e sobre a expansão de uma perspectiva de análise que até então fora aplicada predominantemente a gêneros acadêmicos.

Os problemas e os objetivos que movimentaram a pesquisa

As indagações iniciais que nos conduziram à realização dessa pesquisa foram três:

1. A Irmandade dos alcoólicos anônimos pode ser descrita como uma comunidade discursiva (Swales, 1990/92)?
2. Os depoimentos dos alcoólicos anônimos apresentam similaridades e regularidades quanto à distribuição das informações em sua estrutura textual?
3. Considerando que as respostas às questões anteriores sejam afirmativas, é aceitável dizer que a distribuição das informações nos depoimentos é orientada pelos propósitos comunicativos da comunidade discursiva dos alcoólicos anônimos?

A partir destas questões traçamos como objetivos de nossa pesquisa:

1. verificar se os critérios desenvolvidos por Swales (1990) para a caracterização de comunidades discursivas aplicam-se a outros grupos sociais que não os do mundo acadêmico;
2. descrever a organização retórica dos depoimentos dos alcoólicos anônimos;
3. apresentar as relações entre os propósitos comunicativos da comunidade discursiva e as regularidades e similaridades na distribuição e organização das informações no gênero.

A organização retórica do texto da dissertação

O texto desta dissertação está dividido em cinco capítulos. No capítulo 1 apresentamos a discussão teórica; no capítulo 2, o percurso metodológico para o desenvolvimento da pesquisa; no 3, descrevemos a comunidade discursiva dos alcoólicos anônimos, no capítulo 4, caracterizamos o gênero depoimento e, por fim, no capítulo 5, procuramos sistematizar os resultados obtidos nos demais capítulos.

O capítulo 1 está dividido em cinco partes. No item 1.1, apontamos o caminho teórico percorrido pela análise de gênero no âmbito dos estudos folclóricos, dos estudos literários, da retórica e da lingüística. No item 1.2, discutimos o conceito de gênero abordado pela teoria enunciativa de Bakhtin (1992). No item 1.3, apresentamos e discutimos as bases teóricas para uma concepção de gênero pautada sobre a retomada de questões retóricas clássicas discutidas por teóricos como Burke (1968), Campbell e Jamieson (1978) Bitzer (1980) e Miller (1984). No item 1.4, discorremos sobre os conceitos de gênero e comunidade discursiva desenvolvidos por Swales (1990/92) e, por fim, no item 1.5, com base em Bazerman (1994), estabelecemos uma relação entre a teoria dos atos de fala proposta por Austin (1990) e Searle (1984) e a análise de gêneros.

O capítulo 2 está dividido em três partes. Na primeira parte, mostramos como ocorreu o nosso contato com o objeto de análise e como realizamos a escolha do referencial teórico. Na segunda parte, apresentamos os procedimentos realizados para a coleta e a organização do material da análise e na terceira parte, descrevemos os passos realizados para a análise desse material.

O capítulo 3 está dividido em dois itens. O primeiro item, por sua vez, está dividido em três partes: 3.1.1 *as origens da irmandade dos alcoólicos anônimos*, 3.1.2 *a história dos alcoólicos anônimos no Brasil* e 3.1.3 *a história do grupo on-line aa-sobriedade*. O segundo item está dividido em seis partes, cada uma correspondendo a análise de um dos critérios utilizados por Swales (1990) para descrever comunidades discursivas. No item 3.1, apresentamos o caminho histórico percorrido pela irmandade dos alcoólicos anônimos: o seu surgimento em 1935 nos Estados Unidos da América, a implantação da Irmandade no Brasil em 1945 e o início de seu funcionamento na Internet em 1998. Tivemos a preocupação de apresentar tais dados históricos para que o leitor pudesse compreender os propósitos e princípios que regulam o funcionamento do programa de recuperação da

irmandade e portanto pudesse compreender como estes propósitos e princípios orientam a organização retórica dos depoimentos proferidos pelos membros da Irmandade.

No item 3.2, realizamos a descrição da comunidade discursiva dos alcoólicos anônimos em acordo com os critérios propostos por Swales (1990/92). Assim, cada subitem deste item, retoma esses critérios, adequando-os à realidade da irmandade dos alcoólicos anônimos. Gostaríamos de ressaltar, ainda, que consideramos o capítulo 3 como um capítulo de análise, uma vez que responde a um dos problemas motivadores desta pesquisa.

O capítulo 4 está dividido em três partes. A primeira parte tem como objetivo elaborar uma conceituação do que vem a ser o gênero depoimento já que este termo é comum a diferentes esferas comunicativas que não apenas a interação entre alcoólicos anônimos. Realizamos tal conceituação a partir da discussão teórica desenvolvida por Bruner e Weisser (1997) sobre auto-relatos e chegamos à conclusão de que os depoimentos são uma forma de auto-relato que gira em torno de um tema-problema comum aos depoentes e seus interlocutores e que tem como objetivo nuclear a solução desse problema por meio da troca de experiências vividas. A segunda parte do capítulo 4 desdobra-se em vários subitens, uma vez que descreve detalhadamente a apresentação e a discussão dos resultados da análise do *corpus* constituído por 60 depoimentos. No primeiro subitem, 4.2.1, apresentamos os resultados obtidos na primeira tentativa de descrição da organização retórica dos depoimentos a partir da apreciação de uma amostra constituída pelos primeiros dez depoimentos do *corpus*. No segundo subitem, 4.2.2, sistematizamos os resultados obtidos nesta primeira análise e apresentamos uma primeira versão de padrão de comportamento retórico da comunidade discursiva. A partir da construção deste parâmetro de comparação passamos à análise dos demais 50 depoimentos, verificando a possibilidade de expansão do padrão obtido no subitem 4.2.2. Este é o objetivo do subitem 4.2.3. A terceira parte do capítulo 4 está destinada à descrição dos atos de fala que foram identificados como pistas pragmáticas para a divisão das unidades e subunidades retóricas do gênero depoimento.

No capítulo 5, a conclusão, procuramos sistematizar as relações, feitas nos capítulos de análise, entre os propósitos e princípios da comunidade discursiva e a organização retórica dos depoimentos.

Para concluir, acreditamos que o trabalho de análise empreendido nesta dissertação significa um passo importante na expansão de conceitos e mecanismos de análise que, até

então, encontravam-se vinculados prioritariamente aos gêneros da esfera acadêmica. Além disso, consideramos que a descrição do comportamento verbal da comunidade discursiva dos alcoólicos anônimos é uma forma de lançar luzes sobre a importância de descrevermos as interações de grupos sociais que muitas vezes são obscurecidos pela sociedade e esquecidos pela ciência.

Capítulo 1

(...) os gêneros são formas de comunicação portadoras da experiência social acumulada pelas gerações anteriores e têm, por essa razão, uma função de clarificação da atividade humana. (Ricoeur, 1986)

A análise de gêneros

1.1 - A análise de gênero: as origens do conceito

O termo gênero não é algo novo em meio aos estudos da linguagem, principalmente em se tratando das abordagens literárias. No entanto, apenas recentemente começou-se a falar em Análise de Gêneros como um campo específico dos estudos lingüísticos. É adequado salientar que a Análise de Gêneros é ainda um campo em formação o que implica processo de redefinição e restabelecimento de conceitos. Para que possamos compreender melhor este processo com relação ao conceito de gênero, faz-se necessário realizar um retorno às diferentes tradições teóricas que influenciaram as mais recentes conceituações do termo. Antes, porém, é necessário esclarecer que diferentes teorias referiram-se a gêneros, provocando uma problemática vaguidão do termo; o que torna imprescindível, pois, limpar o terreno para fixar a que conceituação de gênero estamos nos referindo.

Segundo Swales (1990), o termo gênero é tomado principalmente nas seguintes áreas: estudos folclóricos, estudos literários, retórica e lingüística. Trataremos brevemente de cada uma delas, apenas com o objetivo de delimitar os vários contextos de uso do termo.

A utilização do conceito de gênero no âmbito dos estudos folclóricos percorreu caminhos distintos. Em um primeiro momento, os gêneros foram vistos como categorias agrupadoras de textos em classes, o que possibilitava a recuperação de um modelo textual a partir da reunião de exemplares e, por outro lado, a listagem e estocagem de exemplares a partir do modelo. Numa segunda abordagem, o gênero foi reconhecido como uma forma permanente fixada através de uma estrutura cognitiva profunda formada pelas relações

internas do texto em si mesmo. Tal concepção parece responder a um objetivo dos folcloristas de utilizar exemplares clássicos de mitos e lendas para recuperar crenças antigas. Uma terceira abordagem, o funcionalismo em folclore, ressalta o valor sócio-cultural do gênero que passa a ser visto como uma construção social requisitada pelas necessidades de expressão dos grupos sociais. O gênero, portanto, passa a ser uma manifestação cultural que dá acesso às crenças de determinadas comunidades.

Assim como nos estudos folcloristas, as direções para abordar o conceito dos gêneros em literatura também são diversas e vão desde o reconhecimento dos gêneros como formas regulares de textos do ponto de vista da forma e do conteúdo o que implica classificações em categorias e subcategorias exclusivas que levam a definições convencionais como gêneros líricos, dramáticos ou épicos; até a visualização dos gêneros como um terreno já constituído sobre o qual se pode criar. Assim, um novo gênero é sempre a transformação de um ou de vários gêneros velhos, por inversão, por deslocamento, por combinação. A partir deste ponto de vista, a visão dos gêneros como classes de texto é afastada em favor de outra na qual as convenções genéricas são essenciais para a criatividade, posto que os gêneros são vistos como conjunto de eventos codificados dentro do processo comunicativo social.

Outra abordagem bastante divulgada dos estudos de gênero é aquela referente à retórica tradicional, ou seja, a caracterização de um gênero é tomada como a caracterização da organização e do desenvolvimento das idéias nos textos, o que implica referir-se a textos narrativos, descritivos, argumentativos. É comum encontrarmos, ainda hoje, fortes influências do modelo de "argumento" proposto pela retórica clássica; modelo este que aponta as estruturas do argumento organizado através dos seguintes movimentos retóricos : *introdução ou exortium, apresentação do contexto ou narratio, exemplificação ou confirmatio, antecipação de resposta ou confutatio/refutatio e a retirada gentil ou conclusio/peroratio*. Nash (1989:9 apud Oliveira, 1997:46.)

Apesar da importância desta descrição retórica, é necessário salientar sua limitação quanto à descrição dos gêneros, pois desconsidera aspectos essenciais como os propósitos comunicativos; os aspectos sócio-comunicativos; o jogo interacional estabelecido no e pelo gênero, etc.

Olhando por outro viés, podemos ressaltar ainda que apesar desta limitação, a consideração das formas de organização e distribuição das idéias é sem dúvida questão relevante para a análise; já que todos os gêneros(cartas, editoriais, resenhas) utilizam-se de

tais formas retóricas. Para Campbell e Jamieson (1978), o estudo das formas retóricas deve estar circunscrito em uma concepção do gênero tomado como um amálgama de elementos da substância, do estilo e da situação. Portanto o estudo dessas formas somente terá relevância se visto como parte do funcionamento imbricado dos elementos genéricos. Assim, podemos apontar o reconhecimento e a análise das formas retóricas de organização dos textos como um entre outros elementos importantes na descrição dos gêneros.

É importante ressaltar ainda que se, por um lado, a retórica exerceu grande influência sobre os estudos de composição; por outro, a ênfase na persuasão através da forma de organização das idéias insuflou severas críticas e relegou a retórica a uma posição marginalizada, posto que fora associada à capacidade de convencer através da forma sem qualquer preocupação ética com a verdade.

Após este período de esquecimento, a retórica é reabilitada sob uma nova perspectiva ; *não mais a retórica dos oradores, mas a retórica que todos os falantes utilizam em suas interações cotidianas* (Oliveira;1997:47). Como postularam Campbell e Jamieson (1978), a reabilitação da retórica exige o deslocamento do estudo retórico do evento individual para o estudo das ações retóricas recorrentes.

O renascimento da retórica trouxe consigo novas considerações sobre os gêneros discursivos; acrescentando-lhes além da forma, as considerações sócio-comunicativas manifestas nas preocupações com os propósitos comunicativos; com as comunidades que utilizam os gêneros e com a ação reguladora da audiência. Assim, como afirma Oliveira (1997), a reabilitação da retórica encontra-se em perfeita harmonia com as correntes concepções de gênero.

Em se tratando das abordagens lingüísticas, o estudo de gêneros, até pouco tempo, ocupava lugar bastante secundário, fato que talvez resulte da larga apropriação do termo pela literatura. Segundo Swales (1990), o termo era encontrado com maior frequência apenas entre os etnógrafos e os lingüistas sistêmicos. Os primeiros assemelhavam gêneros a eventos comunicativos típicos de um determinada comunidade, visão aliás assumida por Swales (1990) que, como veremos posteriormente, compartilha também com os etnógrafos a visão de que as unidades utilizadas para segmentar, ordenar e descrever os gêneros devem ser as do grupo social e não construções apriorísticas de categorias realizadas pelo pesquisador. Os segundos, compreendiam os gêneros como *sistemas para a realização de propósitos sociais por meios verbais*; ou ainda como *processos sociais dirigidos a*

propósitos através dos quais a cultura é realizada em linguagem. (Martin & Rothery, 1986, apud Swales, 1990:40.). Tais sistemas apresentariam condições para a formulação do todo discursivo, ou seja, condições para iniciar, continuar e finalizar um texto.

Recentemente, os lingüistas vêm ampliando o espaço para as discussões acerca do gênero, atribuindo-lhe papel central para a compreensão da linguagem enquanto espaço de interação. É nesta perspectiva que podemos interpretar as palavras de Bakhtin (1992:282):

Qualquer trabalho de pesquisa acerca de um material lingüístico concreto lida inevitavelmente com enunciados concretos (escritos ou orais) que se relacionam com as diferentes esferas da atividade verbal... é delas que os pesquisadores extraem os fatos lingüísticos de que necessitam. Uma concepção clara sobre a natureza dos gêneros é, pois, indispensável para qualquer estudo lingüístico. Ignorar os gêneros que marcam as variedades discursivas é cair no formalismo, na abstração, é desvirtuar-se do histórico.

Freedman & Medway (1994) também caracterizam o surgimento dessa nova abordagem dos estudos de gênero como originário de distintas fontes teóricas, tais como o renascimento da retórica, particularmente com os trabalhos de Miller (1984); as pesquisas que vislumbram a escrita como processo social, a teoria dos atos de fala (Austin, 1962); a filosofia da argumentação (Toulmin, 1979); a análise crítica do discurso (Fairclough, 1986) e as pesquisas em escrita de grupos profissionais (Swales, 1990). Acrescentaríamos a estas fontes a influência das teorias da enunciação, particularmente a produção teórica de Bakhtin (1992) que tem sido largamente retomada em estudos recentes.

Como podemos perceber, não há *o conceito de gênero*, mas diferentes concepções de gênero iluminadas por diferentes abordagens teóricas. É, pois, conscientes desta diversidade e reconhecendo-a como salutar e necessária para o processo de estabelecimento de toda e qualquer nova área de estudo que selecionamos as abordagens que mais provavelmente iluminarão a análise do gênero "depoimento", pretendida neste trabalho.

1.2 - A visão de Bakhtin sobre os gêneros do discurso

A referência a Bakhtin é quase obrigatória em trabalhos que pretendam tratar a questão dos gêneros do discurso. Tal referência, no entanto, para ser melhor compreendida, deve situar-se no quadro maior de sua teoria da enunciação.

Como apresentamos em nosso trabalho intitulado "Linguística da interação: a questão do método" (Bernardino,1998), Bakhtin (1992) considera os enunciados como unidades da comunicação verbal que têm sua abertura e fechamento marcados pelas fronteiras com enunciados ulteriores e com a possibilidade de uma atitude responsiva ativa do interlocutor. A premissa básica deste conceito está na consideração de que, na comunicação concreta, não existe ouvinte passivo, pois no próprio instante do início da construção de um enunciado, o interlocutor já inicia também sua possível resposta.

Na realidade, para Bakhtin (1992), o próprio locutor é, em certa medida, um respondente, pois já enuncia no fluxo ininterrupto da corrente dialógica mantida entre todos os enunciados de uma dada esfera da comunicação verbal.

Segundo Bakhtin (1992), o acabamento do enunciado é delimitado pela alternância dos locutores vista do interior do discurso e é determinado por três fatores:

- ❑ o tratamento exaustivo do tema;
- ❑ o intuito do locutor;
- ❑ as formas típicas de estruturação dos gêneros.

A separação acima justifica-se apenas metodologicamente, pois, de fato, estes fatores encontram-se umbilicalmente ligados.

Como demonstra Bakhtin (1992), o intuito do locutor manifesta-se em um gênero do discurso. A escolha do gênero é determinada em função da especificidade de uma dada esfera da comunicação verbal, das necessidades de uma temática e do conjunto constituído pelos parceiros. O gênero, por sua vez, determina a estruturação e a composição dos enunciados, pois cada gênero tem formas de enunciados mais ou menos estáveis e normativas. Portanto o objeto de análise instaurado na teoria de Bakhtin (1992) é o enunciado como uma unidade da comunicação verbal, ou mais precisamente, é o enunciado constituído nas zonas de contato com outros enunciados, é o enunciado do qual fazem parte constitutivamente o "eu" e o "outro" e que se configura como unidade de um determinado gênero de uma esfera da comunicação verbal.

Assim, como afirma Machado (1996:255), *no estudo do gênero se encontra o espaço para o estudo do texto e da dialogia implicada na textualidade*. A apreciação de Machado parece-nos importante por sinalizar elementos da distinção e da relação entre gênero e texto; relação esta que ainda não está bem estabelecida nas discussões sobre gênero. Bakhtin (1992) considera que o texto não é uma coisa sem voz, mas um ato humano que diz

respeito a toda produção cultural fundada na linguagem. Sob este ponto de vista, todo texto é articulação de discursos, é diálogo entre sujeitos discursivos, pois mobiliza significados gerados no evento comunicativo; é enunciação enunciada cuja construção se dá na forma de um gênero.

Esta concepção da relação entre gênero e texto é fundamental para afastar uma outra que visualiza o gênero apenas como descrição de estruturas lingüísticas. Na concepção bakhtiniana, os gêneros vinculam-se à enunciação e sua materialidade em enunciados, portanto vinculam-se à esfera da língua em uso.

Parece-nos, aqui, que o gênero regula a estruturação do texto. É, portanto, unidade maior, um espaço convencionalizado pelas diversas esferas da comunicação para a construção da materialidade textual. É nesse sentido que, acreditamos, dirigem-se as palavras de Bakhtin (1992) ao afirmar que nossa fala é moldada pelos gêneros discursivos, ou seja, o nosso discurso revela escolhas particulares de formas construídas dentro de um todo.

É a partir deste ponto e tendo contextualizado o conceito de gênero proposto pelo teórico que retornamos à questão específica da discussão.

Bakhtin (1986) afirma que as formas dos usos da linguagem estão intimamente ligadas às atividades humanas e portanto são tão variadas quanto estas. Afirma, ainda, que a linguagem é realizada na forma de enunciados concretos por participantes das várias áreas destas atividades. Estes enunciados refletem condições específicas e metas de cada uma dessas áreas, não somente através de seu conteúdo temático e estilo lingüístico, ou seja, seleção lexical, fraseológica e de recursos gramaticais, mas tudo isso através de uma estrutura composicional. Tais enunciados estabilizados dos pontos de vista temático, estilístico e composicional é a que Bakhtin (1986) atribui o conceito de gênero.

Como percebemos, o autor já coloca em primeira mão o problema da heterogeneidade dos gêneros, fato que, para ele, explica por que a lingüística relegou tal estudo a segundo plano, percebendo-o enquanto um fenômeno assistemático e, portanto, inapropriado para uma abordagem estritamente lingüística. Para Bakhtin (1986), tal heterogeneidade, ao contrário de ser negada, deve ser compreendida como a natureza própria dos gêneros, portanto, longe de ser um elemento que depõe contra o estudo dos gêneros, a heterogeneidade é o terreno sobre o qual necessariamente os gêneros devem ser analisados.

Outra questão posta por Bakhtin que tem recebido especial atenção dos pesquisadores em linguagem diz respeito à distinção entre gêneros primários e secundários. Os primeiros são compreendidos como aqueles que se constituem em situações de troca verbal espontânea com as quais estabelecem uma relação direta que implica no funcionamento imediato do gênero como entidade global controlando o processo interativo.

Segundo Schneuwly (1996), a aquisição dos gêneros primários é inconsciente e involuntária, ou seja, à medida que vamos vivenciando uma situação comunicativa imediata é através dos gêneros primários que o fazemos. Assim situação e gêneros ficam indissociavelmente ligados. Já os gêneros secundários não mantêm relação direta com a situação de interação. Tais gêneros geralmente surgem em interações culturais mais complexas e organizadas primordialmente na escrita, portanto sua aquisição não ocorre em situações que estão organicamente entrelaçadas com o gênero. É importante salientar que esta autonomia em relação à situação imediata não pode ser entendida como descontextualização; uma vez que tanto os gêneros primários quanto os secundários apresentam um caráter sócio-histórico.

A relação entre os dois gêneros pode ser considerada uma relação de inclusividade, posto que a construção dos gêneros secundários é quase sempre uma construção complexa dos gêneros primários que uma vez absorvidos pelos gêneros mais complexos assumem um caráter especial, pois perdem sua relação imediata com a situação comunicativa. Assim, como exemplifica Bakhtin (1986), uma réplica do diálogo cotidiano, encontrada em uma novela, mantém sua forma e significação cotidiana apenas com parte de um “todo” que é posto em contato com a realidade.

A relação acima descrita não significa, porém, que o surgimento de gêneros secundários anule ou substitua o conhecimento já adquirido que os sujeitos têm acerca dos gêneros primários. Na realidade, o novo sistema de gêneros nasce com base no sistema já existente, apropriando-se dos recursos da língua postos à disposição pelos gêneros primários e redimensionando-os segundo as exigências da autonomização em relação à situação imediata da interação. Assim, como afirma Schneuwly (1996), a relação entre gêneros primários e secundários implica um movimento permanente de continuidade e ruptura na passagem de um gênero a outro. Este movimento entre os gêneros nos remete a outra questão, a das transformações dos gêneros.

Segundo Schneuwly (1996), analisando a relação entre gêneros primários e secundários em Bakhtin (1986), as transformações dos gêneros refletiriam a capacidade do ser humano de construir instrumentos complexos a partir de outros simples, adaptando-os aos novos contextos sócio-históricos. Isto significa dizer que o surgimento, o desenvolvimento e o desaparecimento de um gênero caminham rumo às necessidades dos grupos sociais que, por sua vez, têm suas formas de interação alteradas pelos gêneros. Percebemos aqui uma relação dialética entre gênero e prática discursiva, posto que tais práticas trazem à baila os gêneros dos quais necessitam, e por sua vez, os gêneros determinam as formas de como tais práticas podem se dar.

È necessário salientar ainda que as transformações dos gêneros podem resultar também de combinações entre gêneros, por empréstimo de um gênero próprio de uma situação para outra situação ou ainda pelo empréstimo de apenas algum aspecto de um gênero para outro, como, por exemplo, a forma ou o veículo. Assim é fácil perceber que uma sociedade pode lidar com uma imensa diversidade de gêneros que convivem ou competem em determinadas esferas da comunicação.

Para Fairclough (1989, apud Machado, 1998), as transformações dos gêneros são desencadeadas a partir de problemas gerados em situações reais de produção; problemas estes relacionados ao conteúdo; às relações sociais e às posições dos sujeitos.

Os problemas relacionados ao conteúdo dizem respeito às necessidades de expressar novas representações do mundo para as quais não há nenhuma forma já institucionalizada que pareça adequada; já os problemas relacionados às relações sociais, podem derivar da indefinição das relações entre os sujeitos ou de conflitos entre as diferentes representações que estes têm das relações sociais. Quanto aos problemas relacionados à posição dos sujeitos, a questão repousa sobre a indefinição dos papéis ocupados pelos sujeitos, ou melhor, sobre a indefinição de suas identidades. A busca da resolução de tais problemas levaria os sujeitos a, de forma criativa, adaptar e alterar os gêneros já existentes o que pode implicar no surgimento de novos gêneros.

Para concluirmos as considerações acerca da abordagem bakhtiniana dos gêneros, discutiremos as relações entre gênero e estilo individual e gênero e destinatário que consideramos de fundamental importância para qualquer análise de gênero.

Quanto à primeira questão, parece-nos claro nos textos de Bakhtin (1986) que estilo individual e gênero são elementos inseparáveis cuja relação orgânica apresenta-se da

seguinte forma: *qualquer enunciado, oral ou escrito, primário ou secundário e em qualquer esfera da comunicação pode refletir a individualidade do falante ou escritor*. Por outro lado, o estilo está inseparavelmente ligado a unidades temáticas e a estruturas composicionais particulares. Assim, podemos chegar à conclusão de que a liberdade criativa do sujeito não é plena, posto que a criatividade se dá com base em padrões de enunciados socialmente edificados.

Isto significa dizer que o intuito discursivo do locutor compõe-se e desenvolve-se na forma de um determinado gênero; portanto escolhas lexicais respondem ao componente temático do gênero, escolhas de modo de enunciação respondem à relação entre os interlocutores instituídas no e pelo gênero e escolhas de orações são feitas em função do todo composicional do enunciado.

É importante reconhecer ainda que existem gêneros que são mais ou menos aptos à expressão individual. Assim, por exemplo, gêneros literários como a poesia são extremamente maleáveis e possuem um campo vasto para a criatividade; para a mudança. Por outro lado, gêneros como ofícios; ordens militares; gêneros fáticos como troca de felicitações são pouco aptos a ceder espaço a intervenção expressiva de indivíduos, compondo o campo dos gêneros mais padronizados que correspondem à maioria dos exemplares.

Esta relação entre criatividade individual e gênero é de fundamental importância para a aprendizagem de uma língua, uma vez que a percepção do valor estabilizador e normativo do gênero e sua condição de espaço para a criatividade regulam os processos de produção e compreensão de textos. É a partir da assimilação e do uso consciente do gênero que os sujeitos tornar-se-ão aptos a adaptar gêneros a situações novas, a novos objetivos ou a diferentes destinatários, ou seja, tornar-se-ão aptos a criar e a reconhecer a funcionalidade das mudanças no sistema de gêneros.

Outro ponto que nos interessa é a relação entre gênero e destinatário; considerando que sob o ponto de vista bakhtiniano, cada gênero possui uma concepção padrão de destinatário, quer este esteja empiricamente presente ou não. Aqui é importante salientar que a maior ou menor presença de um destinatário, o lugar social no qual posiciona-se o destinatário; a representação que o produtor tem do destinatário e que supõe que o destinatário tem dele, produtor, são elementos reguladores da produção. No entanto, há gêneros mais ou menos vinculados ao destinatário. Se considerarmos, por exemplo, um

ofício, certamente o papel do destinatário trará implicações para a construção de lugares enunciativos bem definidos; para o uso de um nível elevado de formalidade; etc. Por outro lado, o gênero *diário*, como afirma Machado(1998), por não delimitar um destinatário empírico, deixa o produtor mais livre; levando-o ao “quase total” esquecimento de um locutor possível; ou à criação de um locutor imaginário que pode ser Deus; um confidente ideal, entre outras possibilidades. No caso específico de nossa análise, compreendemos que o gênero *depoimento de alcoólicos anônimos* estabelece um forte vínculo com o destinatário; de tal forma que se constitui uma identificação plena entre o locutor e o destinatário do gênero. Discutiremos este aspecto com maiores detalhes no quarto capítulo de nosso trabalho.

Para utilizar um gênero com habilidade, o produtor deve saber que o destinatário ao entrar em contato com os primeiros enunciados de um texto (oral ou escrito) é capaz de adivinhar-lhe o gênero: o volume (extensão do todo discursivo), a estrutura composicional e é capaz de prever-lhe o fim. Assim como diz Bakhtin (1986:303), *desde o início somos sensíveis ao todo do discurso* Consideramos que seria positivo ampliar tal assertiva, sugerindo que o destinatário torna-se sensível ao todo do discurso, ou seja, ao gênero, não só ao entrar em contato com os enunciados propriamente ditos, mas também com outros elementos como a formatação do texto, o *medium* (jornal, televisão revista) que funciona como veículo do gênero, os papéis sociais no gênero, etc. Assim, se ao estarmos parados em um sinal de trânsito, recebermos um papel avulso com letras impressas; algumas maiores outras menores, algumas em destaque, mesmo que não leiamos uma só linha, seremos capazes de predizer que se trata de um panfleto e assim poderemos gerar um conjunto de expectativas tais como: o texto vai sugerir a compra de algum produto, ou a contratação de algum serviço ou, ainda, a chamada para algum evento, entre outras possibilidades. O número de possibilidades, porém, é limitado, pois certamente jamais esperaríamos que tal panfleto pudesse tratar de um assunto pessoal ou apresentar procedimentos de uma receita de bolo.

Portanto a boa ou má condução das características previstas pelos esquemas que os destinatários têm dos gêneros pode implicar uma interação mais ou menos satisfatória. E isto é fundamental para o desempenho comunicativo.

Como podemos perceber, a concepção bakhtiniana de gênero é bastante complexa, o que nos leva a concordar com Machado (1996) quando esta afirma que a leitura de Bakhtin

não é tarefa fácil, mas é, sem dúvida, necessária. Não é fácil porque os textos do autor são, na verdade, o resultado de manuscritos que foram posteriormente transformados em livros. Difícil ainda porque os textos bakhtinianos são verdadeiros hipertextos nos quais cada unidade potencializa um conjunto vasto de questões. Necessária porque mostra um potencial de extraposição que supera o tempo e o espaço do próprio autor e revela uma elaboração teórica capaz de iluminar muitas questões que se põem como preocupações de hoje.

1.3 - A concepção de Miller (1984): os gêneros como ação social

Carolyn Miller publicou em 1984 um artigo intitulado "Genre as social action" no qual apresentou as bases para uma concepção de análise de gênero pautada sobre a retomada de questões retóricas clássicas discutidas por teóricos como Burke (1968), Campbell e Jamieson (1978) e Bitzer (1980).

A tese central desenvolvida por Miller é que a definição retórica de gênero não deve estar centrada sobre aspectos relacionados à substância ou à forma do discurso; mas sobre a ação que é realizada por meio do gênero. Para desenvolver sua teoria, Miller discute as relações entre gênero e situação recorrente, mostrando como o gênero pode representar uma ação retórica típica.

Apoiada sobre a teoria de Burke (1968), Miller parte da concepção de que situações recorrentes conduzem a respostas comparáveis ou formas recorrentes que se tornam tradição, passando a estabelecer limitações para novas formas de responder. Assim um determinado gênero torna-se convencional porque surge em situações com estruturas e elementos similares e porque os falantes respondem de formas similares, tendo aprendido o que é apropriado dizer e quais os efeitos provocados por sua ação de dizer. Mas aqui cabem duas importantes questões: o que é situação recorrente e qual a relação entre atos retóricos e formas retóricas?

Para responder à primeira questão Miller parte do conceito desenvolvido por Bitzer (1980) para quem a situação retórica corresponde a um conjunto de pessoas, eventos, objetos e relações, apresentado como exigência à qual o ato retórico responde. Para Bitzer, portanto, o conceito de situação recorrente está relacionado à recorrência de situações reais.

Como afirmamos, Miller parte desta concepção, mas afasta-se dela ao desenvolver uma abordagem diferente do conceito de recorrência. Enquanto Bitzer apóia-se numa concepção materialista de situação retórica, Miller defende que a recorrência é um fenômeno intersubjetivo, uma construção social, portanto não pode ser compreendida em termos objetivos.

Para Miller, as situações não dependem de uma percepção objetiva da realidade, mas de uma definição desta. Entendendo *definição* como uma construção semiótica que nos possibilita interpretar e definir uma situação. A definição nos conduz a tipificações que, se demandadas continuamente, passam a integrar nosso estoque de conhecimentos e suas aplicações tornam-se rotinas. Assim, o que é recorrente não é a situação material, pois esta somente ocorre uma vez; o que ocorre comumente é a construção social de um tipo de situação. Portanto a recorrência não é um fenômeno da realidade objetiva, nem tampouco da realidade subjetiva (individual); a recorrência é um fenômeno semiótico, intersubjetivo, uma construção social.

Este conceito de situação exige uma definição também social do conceito de exigência que dentro deste quadro teórico não pode ser visto como intenção. A exigência é entendida por Miller (1984) como uma forma de conhecimento social; uma construção mútua de objetos, eventos, interesses e propósitos, ou seja, uma necessidade social objetivada; um motivo social.

Miller considera que a maior parte da ação realizada em sociedade existe na forma de padrões recorrentes de ação articulada nos quais está incluída a ação verbal o que justifica a importância de estudar os discursos tipificados em relação a uma situação recorrente, respondendo a uma exigência compreendida como motivo social.

Assim, o estudo dos gêneros se justifica como o estudo dos usos típicos das formas retóricas. Mas aqui é necessário esclarecer que o interesse central do estudo não está na criação de taxonomias ou no simples reconhecimento de aspectos formais para classificações estáticas. O que importa é, de fato, ocupar-se da discussão acerca da relação entre as formas retóricas, os atos retóricos e a análise de gêneros.

Para Burke (1968), as formas retóricas que fundam os gêneros são respostas direcionadas à demanda de uma situação. Campbell e Jamieson (1978) acrescentam a esta definição a assertiva de que as formas retóricas definem a singularidade de qualquer ato

retórico e que são os mecanismos através dos quais nós podemos compreender como um ato retórico dirige-se a determinados objetivos.

Assim, para as autoras, a recorrência de formas retóricas similares funda um gênero, portanto gêneros seriam grupos de discursos que partilham características da substância, do estilo e da situação. Por outro lado, é importante ressaltar que estes discursos que formam um gênero usam estratégias similares para descrever situações também percebidas como similares pelos falantes. Assim, como afirma Miller (1984), os atos retóricos propostos por Campbell e Jamieson são percebidos como estratégias para circunscrever situações.

Retomando a definição, as autoras afirmam que um gênero é um conjunto de atos retóricos unificados por uma constelação de formas retóricas que são recorrentes em seus exemplares. O conceito de constelação desenvolvido pelas autoras evita que caiamos em análises pautadas apenas pela presença ou não de tais formas no discurso. Na verdade, as formas retóricas podem aparecer isoladamente em qualquer discurso, mas apenas em gêneros há uma recorrência de tais formas agrupadas em constelação.

Para explicar o conceito de constelação aplicado a gêneros, Campbell e Jamieson (1978:19) utilizam a seguinte metáfora:

... as estrelas que formam uma constelação são individuais, mas sofrem influências uma das outras, assim como influências externas. Consequentemente elas se movem juntas e persistem em uma relação similar apesar de suas posições variarem no tempo. Como gêneros, constelações são padrões percebidos como significantes e funcionais; elas nos ajudam a visualizar os movimentos de um grupo de estrelas individuais e nos ajudam a compreender as forças interrelacionadas no espaço.

Assim podemos perceber que quando se diz que gêneros correspondem a atos retóricos unificados por uma constelação de formas retóricas, se está dizendo que para a conformação de um gênero é necessário mais que a simples presença de formas retóricas agrupadas, é necessário que tais formas estejam articuladas em um funcionamento peculiar que as autoras chamam de dinâmica interna do gênero. Este conceito funde elementos da substância, do estilo e da situação singularmente articulados em um todo.

Para Campbell e Jamieson (1978), o conceito de dinâmica interna realiza uma distinção entre uma abordagem meramente classificatória e uma abordagem crítico-analítica de gêneros. Para as autoras, a classificação de um gênero deve estar baseada na fusão e interrelação de elementos da substância, do estilo e da situação de tal forma que um

tipo singular de ato retórico seja gestado. Abordando tais atos, é dada, ao analista, a oportunidade de penetrar no funcionamento interno dos gêneros e verificar as forças que ali estão atuando. Eis, pois, o objetivo central da teoria de Miller: circunscrever o conceito de gênero como um tipo particular de classificação do discurso baseada na prática retórica e conseqüentemente organizada em torno de ações contextualizadas. Em outras palavras, a autora percebe o gênero como ação retórica tipificada, como comportamento retórico recorrente dirigido a situações sociais recorrentes que são entendidas como construções semióticas, representações coletivas de situações reais que se tornam típicas em uma dada cultura.

Tal concepção conduz à grande contribuição de Miller aos estudos sobre gênero. Esta contribuição consiste em afirmar que, ao aprendermos um gênero, não estamos aprendendo apenas um conjunto de formas padronizadas para alcançar um objetivo. Na verdade, estamos aprendendo a conhecer melhor determinadas situações e os comportamentos que lhes são adequados.

Assim, vistos como ação recorrente, os gêneros podem dizer muito sobre padrões culturais; funcionando como instrumentos capazes de ampliar a compreensão sobre como participar das ações de uma comunidade.

1.4 - A concepção de gênero de Swales (1990)

O nome de Jonh Swales (1990) tem estado entre as principais fontes que mais têm influenciado os atuais estudos sobre gêneros, particularmente as pesquisas em escrita de grupos profissionais ou de grupos por áreas de interesse. Nesta área são citados trabalhos como os de Myers (1990) sobre a escrita de profissionais em biologia, Huckin e Ackerman (1991) sobre a escrita por disciplinas na universidade, além das pesquisas de McCarthy (1978) e Freedman (1990). Tais trabalhos têm explicitamente dado forma às recentes concepções de gênero, posto que ao especificarem a complexidade dos fatores sociais em jogo na produção de tipos especializados de escrita, fornecem o fundamento empírico para a construção de tais concepções.

Como já salientamos, a produção de Swales (1990) tem sido a de maior relevância nesta área de pesquisa, fato que podemos perceber com facilidade através do conjunto de dissertações, teses e artigos científicos que têm tomado este autor como referência no

Brasil. Podemos citar como exemplo as produções de Santos (1995), Motta-Roth e Hendges (1996) sobre análise de gêneros em resumos de artigos de pesquisa, Aranha (1996) sobre introduções de trabalhos científicos da área de química e Rodrigues (1998) sobre resumos de dissertações, entre outros.

Dada a relevância do conjunto de produções que têm ampliado e repensado os conceitos e a metodologia de análise proposta por Swales (1990) e a importância desse autor para nosso estudo em particular, consideramos de fundamental importância dar um tratamento detalhado à concepção teórica em questão.

Em primeiro lugar, é importante observar que segundo o próprio Swales (1990), o objetivo central de sua produção intelectual é oferecer uma concepção para o ensino e pesquisa do inglês padrão ministrado nas universidades. Para tanto focaliza a análise de gênero como o caminho para o estudo do discurso escrito e falado para fins aplicados. Esta preocupação com a questão dos gêneros surge a partir de um deslocamento das concepções sobre composição que passaram da escrita como ato individualmente orientado por um processo cognitivo dirigido internamente para a escrita como ato situado socialmente, como resposta às convenções do discurso que surgem a partir das ações comunicativas de comunidades particulares. É interessante salientar ainda que Swales (1990) afirma, na introdução do seu livro "Genre Analysis", que procurou delinear e delimitar os aspectos conceituais de tal forma que os termos *gênero e comunidade discursiva* não fossem contaminados pela forte ambiguidade provocada pela variedade de usos destes termos em outros campos teóricos. Por outro lado, o autor também salienta que sua conceituação não se pretende definitiva, mas suficiente para dar conta de uma preocupação pragmática com o desenvolvimento da competência comunicativa em estudantes universitários, falantes nativos e não-nativos do inglês padrão.

Detivemo-nos nestes preâmbulos com o objetivo de afirmar que a Análise de gênero proposta por Swales (1990) não pretende ser uma teoria geral que dê conta do objeto em questão, mas um estudo específico de gêneros acadêmicos a partir do qual o autor pôde definir conceitos adaptáveis ou não à análise de outros gêneros.

Consideramos importante salientar tais questões para aclarar que, apesar do modelo proposto por Swales (1990) não poder ser transposto de forma mecânica para a análise de gêneros de toda e qualquer esfera da ação comunicativa, a adaptação dos conceitos centrais deste modelo à análise de gêneros diversos pode e tem proporcionado considerações

teóricas importantes para os estudos em questão. É sob este prisma que direcionaremos a apresentação desta perspectiva teórica como caminho possível para a análise de depoimentos dos Alcoólicos Anônimos.

1.4.1 - O conceito de comunidade discursiva

Ao tratar a questão da conceituação do termo comunidade discursiva (CD), Swales (1990) justifica a necessidade de detalhar critérios definidos para o reconhecimento de um dado grupo de interação sob este rótulo.

Tal justificativa paira sobre o reconhecimento de que a expressão comunidade discursiva, empregada em geral por pesquisadores que adotam uma visão social do processo de escrita, era utilizado de forma muito indeterminada, favorecendo, assim, críticas acerca do esvaziamento e da circularidade do termo. Respondendo antecipadamente a tais críticas, Swales (1990) determina critérios bem delimitados, capazes de circunscrever a caracterização das comunidades discursivas, implicando afirmar que nem toda comunidade que interage verbalmente pode receber tal caracterização.

Para Swales (1990), uma comunidade discursiva somente pode ser assim reconhecida se responder a um conjunto articulado de critérios, posto que a existência de um critério isoladamente não é suficiente para caracterizar uma comunidade, mas a ausência de algum dos critérios pode ser suficiente para descaracterizá-la.

Os critérios em questão são:

1. uma CD tem um acordo quanto aos objetivos públicos comuns;
2. uma CD tem mecanismos de intercomunicação entre seus membros;
3. uma CD utiliza mecanismos para *promover* participação e feedback;
4. uma CD utiliza e compartilha o conhecimento de um ou mais gêneros;
5. uma CD deve compartilhar um léxico específico;
6. uma CD deve manter equilíbrio entre os membros "experts" e os membros iniciantes.

Em relação ao primeiro critério, o autor salienta que os objetivos devem ser formalmente escritos em documentos ou devem ser estabelecidos em acordos tácitos e devem ser públicos para que a comunidade seja associada publicamente a um discurso específico.

O segundo critério deixa claro que, para haver uma comunidade discursiva, não é necessário que seus membros mantenham qualquer tipo de contato direto, mas é indispensável que interajam através de mecanismos comunicativos comuns que podem variar de comunidade para comunidade.

O terceiro critério revela que os membros de uma comunidade devem partilhar informações. Swales (1990) apresenta um exemplo interessante mostrando que se um indivíduo assina uma revista específica que é o meio de intercomunicação entre os membros da comunidade, mas não a lê, não pode ser considerado membro desta comunidade, embora seja formalmente membro assinante da revista.

O quarto critério é fundamental para a proposta de Swales (1990), posto que os conceitos de gênero e comunidade discursiva encontram-se indissociavelmente ligados em sua teoria. Os gêneros funcionam como espaço verbal da interação das comunidades discursivas e revelam os propósitos comunicativos dessas comunidades, assim como as estratégias de organização retórica que realizam estes propósitos.

O quinto critério ressalta que a especialização do léxico deve ser fortemente partilhada pelos membros de uma comunidade, o que implica muitas vezes o desenvolvimento de abreviações específicas do grupo. Swales (1990) ressalta ainda que o uso destas abreviações é em maior grau realizado pelos membros especialistas da comunidade, resultando, obviamente, na dificuldade que sujeitos estranhos ao grupo terão em compreender todos os itens lexicais utilizados na interação. Segundo o autor, o compartilhamento de um léxico específico é tão crucial para o uso e domínio de um gênero que um grupo iniciante onde isto não ocorra não pode ser considerado ainda uma comunidade discursiva .

O último critério pontua a constante movimentação entre membros experientes e iniciantes de uma comunidade discursiva. Se, por um lado, um grande número de iniciantes pode comprometer a comunidade devido, principalmente, à inabilidade com o uso dos gêneros; por outro lado, a entrada destes membros é essencial para a manutenção dessa comunidade. Assim, a sobrevivência da comunidade depende, de fato, de uma proporção equilibrada entre membros experientes e iniciantes.

Em 1992, Swales realizou modificações na proposta de 1990, incluindo novos critérios e alterando alguns aspectos dos critérios já postulados. Vejamos em que consistem tais modificações.

1. uma comunidade discursiva possui um conjunto perceptível de objetivos que podem ser formulados pública e explicitamente e também em parte, podem ser estabelecidos por seus membros. Tais objetivos podem ser consensuais ou distintos, mas relacionados;
2. uma comunidade discursiva possui mecanismos de intercomunicação entre seus membros;
3. uma comunidade discursiva usa mecanismos de participação para uma série de propósitos tais como promover o incremento da informação e do feedback, para canalizar a inovação, para manter o sistema de crenças e de valores da comunidade e para aumentar o espaço profissional;
4. uma comunidade discursiva utiliza uma seleção crescente de gêneros no alcance de seu conjunto de objetivos e na prática de seus mecanismos participativos;
5. uma comunidade discursiva já adquiriu e continua buscando uma terminologia específica;
6. uma comunidade discursiva possui uma estrutura hierárquica explícita ou implícita que orienta os processos de admissão e de progresso dentro dela.

Como podemos perceber, as reformulações propostas possibilitaram a ampliação e a flexibilização do conceito de comunidade discursiva, pois consideraram a possibilidade de evolução do gênero e de expansão do léxico; a importância da manutenção de um sistema de crenças e de um espaço profissional e a composição hierárquica implícita ou explícita da comunidade.

Finalizando este tópico, tomemos o conceito desenvolvido por Swales no qual é feito um apanhado de tudo que discutimos até aqui:

Comunidades discursivas são redes sociorretóricas que se formam afim de atuar em torno de um conjunto de objetos comuns. Uma das características que os membros estabelecidos dessa comunidades possuem é a familiaridade com gêneros particulares que são usados em causas comunicativas desse conjunto de objetivos. Em consequência, gêneros são propriedades de comunidades discursivas; o que quer dizer que gêneros pertencem a comunidades discursivas, não a indivíduos, a outros tipos de grupos ou a vastas comunidades de fala. (Swales, 1990 ; 9).

Como podemos perceber a partir desse conceito, não se pode tomar o modelo de análise de gêneros de Swales sem considerar a comunidade que utiliza o gênero e com que propósitos o faz.

1.4.2 - O conceito de gênero

O conceito de gênero em Swales (1990) está intimamente ligado ao conceito de comunidade discursiva que, por sua vez, tem como principal critério de classificação o reconhecimento de propósitos comunicativos comuns e partilhados que regulam a interação. É sob este prisma que Swales (1990) aponta os propósitos comunicativos como o fator determinante na conceituação e no reconhecimento dos gêneros; fator cuja importância supera a necessidade do reconhecimento de marcas formais. Tal afirmação, no entanto, merece uma discussão um pouco mais detida tendo em vista que por muito tempo a análise tradicional de gêneros salientou a importância das marcas formais como o único caminho aceitável para o reconhecimento e a classificação de gêneros e que tal visão teórica ainda se encontra muito arraigada em nossa herança intelectual.

Miller (1984) discute pormenorizadamente esta questão e afirma que a grande importância dos estudos de gênero não está na possibilidade de criar taxonomias, classificações formais fixas e prescritivas, mas na possibilidade de perceber aspectos sociais, culturais e históricos inscritos na organização retórica dos gêneros. Para Miller, as similaridades das marcas formais, tanto sob o aspecto da forma (sintaxe) quanto sob o aspecto da substância (semântica), representam similaridades subjacentes das situações retóricas recorrentes. Assim, os gêneros passam a ser vistos como formas típicas de relacionar-se retoricamente com situações recorrentes e as similaridades formais, como derivadas das similaridades da ação social realizada. Portanto, ao analista de gênero cabe perceber a relação entre gênero e situação recorrente e a forma como o gênero pode representar uma ação retórica típica.

As considerações acima não anulam, no entanto, o valor da análise de marcas lingüísticas, mas conduzem-na ao papel que de fato deve ocupar, ou seja, o de análise de pistas capazes de revelar, na superfície textual, indícios da ação retórica típica de determinadas situações sociais recorrentes .

Observando por outro ângulo, a importância e a primazia dos propósitos comunicativos para o reconhecimento de um gênero não significam, no entanto, que a percepção de tais propósitos seja sempre tarefa fácil . Há de fato gêneros cujos propósitos são facilmente identificáveis, como, por exemplo, os gêneros da imprensa (notícia,

editorial, classificados), porém há uma outra gama de gêneros que podem apresentar mais de um propósito ou apresentar propósitos explícitos e outros implícitos, como é o caso de gêneros dos campos da política e da publicidade. É importante ressaltar ainda que apesar de ser um critério fundamental para a análise de gênero, em alguns casos, o reconhecimento do propósito é insuficiente como critério primário; é o caso, por exemplo, dos gêneros da literatura .

Outro aspecto importante a ressaltar é que, além dos propósitos comunicativos, características adicionais são necessárias para o reconhecimento dos gêneros, tais como: forma, estrutura, expectativas da audiência, etc. Para Swales (1990), tais elementos continuam tendo menor importância que o propósito, mas operam significativamente para identificar se um determinado exemplar pode ser tomado como protótipo de um gênero particular.

Isto implica reconhecer que a caracterização e a conceituação de um gênero não repousam sobre o reconhecimento de atributos essenciais e necessários, já que não há limites bem definidos entre exemplares e não-exemplares de um gênero enquanto uma classe conceitual. Assim, ao descrevermos um gênero, não podemos esperar que seus exemplares sejam facilmente detectáveis, uma vez que nem todos teriam necessariamente os mesmos atributos . Na realidade, como se afirma na teoria dos protótipos ¹, os membros de uma categoria não compartilham um conjunto de atributos essenciais e suficientes, mas atributos característicos que são considerados mais típicos ou representativos que outros. Assim, os limites entre o que pertence ou não a uma categoria não são imutáveis e permitem a possibilidade de deslizamento dos exemplares de uma categoria a outra.

Desta forma, o protótipo possibilita perceber que cognitivamente são combinados, ao mesmo tempo, estabilidade estrutural e flexibilidade, responsáveis pela mudança de nuances desta estrutura. Isto indica que as categorias possuem uma dinâmica que é capaz de lidar com a necessidade de preenchimento de novos atributos, interpretados a partir de uma estrutura padrão já posta para os usuários de uma língua. As categorias prototípicas conseguem preservar-se exatamente por terem a capacidade de adaptação às mudanças expressivas.

¹ Eysenck, Michel.W, Keane, Mart, T (1994)

É importante ressaltar que Swales (1990) não discute profundamente essas questões, mas aponta claramente para a aplicação da teoria dos protótipos à análise de gêneros, conduzindo-nos a duas conclusões :

- a descrição de gêneros não pode ser vista como o reconhecimento e a normalização de atributos essenciais, fixos e necessários;
- na descrição dos gêneros, podemos encontrar exemplares mais ou menos típicos; mais próximos ou mais distantes do protótipo.

Outra questão discutida por Swales (1990) que nos interessa de perto diz respeito à nomenclatura que cada comunidade discursiva utiliza para identificar os gêneros através dos quais interagem. Segundo Swales (1990), os membros de uma comunidade discursiva tendem a dar os nomes dos gêneros para classes de eventos comunicativos reconhecidos como ação retórica que ocorre periodicamente. Portanto, é necessário dar particular atenção às nomenclaturas criadas por aqueles que mais familiarmente estão envolvidos com os gêneros.

Consideramos que tal questão teórica além de revelar que o nome do gênero fornece uma forte pista sobre a representação que as comunidades discursivas fazem dos eventos comunicativos dos quais participam, traz também implicações metodológicas importantes, tais como o cuidado que o pesquisador deve ter em perceber as convenções da própria comunidade, evitando, assim, a atribuição de rótulos pré-concebidos que podem distorcer os resultados da análise.

Como pudemos observar, a conceituação de gênero proposta por Swales (1990) é bastante complexa e possibilita estudos variados que percebam o objeto sob diferentes aspectos. Apesar de tal complexidade, o autor procura resumir toda a discussão acima nas seguintes palavras²:

² A tradução do trecho é de nossa responsabilidade. A genre comprises a class of communicative events, the members of which share some set of communicative purpose. These purposes are recognized by the expert members of the parent discourse community, and thereby constitute the rationale for the genre. This rationale shapes the schematic structure of the discourse and influences and constrains choice of content and style. Communicative purpose is both a privileged criterion and one that operates to keep the scope of a genre as here conceived narrowly focused on comparable rhetorical action. In addition to purpose, exemplars of a genre exhibit various patterns of similarity in terms of structure, style, content and intended audience. If all high probability expectations are realized, the exemplar will be viewed as prototypical by the parent discourse community. The genre names inherited and produced by discourse communities and imported by others constitute valuable ethnographic communication, but typically need further validation.

O gênero inclui uma classe de eventos comunicativos através dos quais os membros de uma comunidade discursiva partilham um conjunto de propósitos comunicativos que constituem a racionalidade do gênero. Essa racionalidade molda a estrutura esquemática do discurso e influencia e limita escolhas de conteúdo e estilo. O propósito comunicativo é um critério privilegiado e opera para manter o escopo de um gênero aqui concebido como uma ação retórica comparável. Em adição ao propósito, exemplares de um gênero exibem vários padrões de similaridade em termos de estrutura, estilo, conteúdo e audiência. Se todas as expectativas referentes à caracterização de um gênero forem alcançadas, o exemplar será visto como protótipo para uma comunidade discursiva. Os nomes dos gêneros produzidos por determinadas comunidades e importados por outras possui grande valor etnográfico, mas necessita de validação posterior. (Swales, 1990:58)

O conceito formulado por Swales propõe que a organização retórica de um gênero é regulada , principalmente, pelos propósitos que regem a interação da comunidade discursiva. Portanto, descrever gêneros é descrever, necessariamente, essa relação entre o gênero e a comunidade e seus propósitos .

1.4.3 - O modelo de análise

O modelo de análise proposto por Swales (1990) tem como meta reconhecer a organização retórica do gênero a partir da distribuição das informações recorrentes .A tarefa do analista é, pois, reconhecer, a partir da análise de uma amostra significativa de exemplares, que informações (unidades temáticas) são recorrentes e como estão distribuídas; possibilitando, assim, a apreensão de uma organização retórica do gênero relativamente convencional e o reconhecimento de um comportamento retórico estabilizado por uma comunidade discursiva .

Em seu modelo, Swales (1990) utiliza o termo "*move*" para referir-se a tais informações recorrentes . A tradução deste termo, entretanto, não encontra termo similar satisfatório para a análise em língua portuguesa, conduzindo, assim, muitos estudiosos à adoção de outros termos capazes de facilitar a compreensão do modelo. Temos como exemplo, os termos *movimento* e *sub-movimento* utilizados por Santos (1995), *movimento* e *sub-função* utilizados por Motta-Roch e Hendges (1996) e os termos *unidades* e *subunidades retóricas* utilizados por Rodrigues (1998). Optaremos por trabalhar com os últimos. Vejamos em Rodrigues (1998;124) a definição de unidade retórica:

Uma unidade retórica é conhecida como uma unidade de conteúdo informacional dentro de uma estrutura hierárquica de distribuição das informações na arquitetura física do texto,

com algumas formas opcionais de apresentação que podem ocorrer combinadas ou não, à escolha do autor. Essas escolhas ou mecanismos de condução das informações em cada unidade básica são denominadas por sua vez de subunidades retóricas.

É importante ressaltar ainda que o modelo CARS – Create a Research Space proposto por Swales (1990)) foi desenvolvido para a análise de introduções de artigos de pesquisa e posteriormente estendido e adaptado para a análise de outros gêneros acadêmicos. Este fato poderia levar a um questionamento sobre a possibilidade de utilizar o modelo CARS para a análise de gêneros não-acadêmicos. Julgamos, entretanto, que tal utilização é possível, uma vez que são vários os grupos sociais que apresentam comportamentos sociais típicos e que, portanto, são passíveis de uma descrição que tome como elemento de análise a distribuição e a organização das informações no texto. Isto reforça a ideia de que a dimensão retórica é um aspecto essencial para a análise de qualquer gênero. Esta constatação conduz ao desafio de realizar a descrição dos comportamentos retóricos das várias esferas da atividade humana através da descrição de seus gêneros.

Para finalizar, salientamos que a descrição da organização retórica dos gêneros é apenas um entre outros caminhos possíveis para a apreensão do objeto, mas é o caminho que tem sido preferencialmente percorrido pelos analistas brasileiros.

1.5 - os gêneros e os atos de fala.

Segundo Bazerman (1994), os propósitos, o reconhecimento dos propósitos, o alcance dos propósitos com a co-participação de outros e as ações provocadas pelos propósitos, tudo isto existe no campo do fato social construído pela manutenção de esferas padronizadas de interação e pelos gêneros que materializam as interações verbais típicas dessas esferas. Olhando por outro ângulo, podemos dizer que os gêneros identificam um repertório de ações que deve ser realizado em situações típicas de interação e identificam, ainda, que propósitos podemos ter nestas situações.

A expressão *repertório de ações* nos conduz à visualização de uma sequência de ações que estruturadas em uma totalidade assumem a força de uma única ação global; ou unidade de nível superior a qual Van Dijk (1992) denomina de macro-ação.

Este é o ponto central de nosso interesse por essa discussão, uma vez que consideramos que o depoimento realiza um macro-ato de fala constituído por uma sequência hierárquica de micro-atos que pode ser visualizada na distribuição das unidades temáticas do gênero. Assim, a discussão teórica da qual nos ocuparemos neste tópico visa preparar o terreno para responder a questões que serão postas no capítulo 4 cujo objetivo é descrever o gênero depoimento dos alcoólicos anônimos. Por hora, interessa-nos discutir o depoimento como um ato de fala investigando sob condições tal ato se realiza.

Para chegarmos às respostas pretendidas, faz-se necessário que esclareçamos o posicionamento teórico sobre o qual nos apoiaremos. Para tanto, tentaremos articular alguns elementos das teorias de Searle (1984), Austin (1990), Van Dijk (1992) e Bazerman (1994).

Começemos por uma discussão desenvolvida por Austin acerca da distinção entre proferimentos constataivos e performativos. No início de suas reflexões, Austin estabeleceu uma distinção aparentemente clara entre esses dois tipos de proferimentos. Os primeiros ocupar-se-iam em descrever um estado de coisas ou declarar um fato; o que estaria sob o julgamento do que é verdadeiro ou falso. Os segundos não descreveriam um estado de coisas, mas realizariam uma ação ao serem proferidos. Desta maneira, os proferimentos performativos não estariam submetidos aos critérios de verdade e falsidade, mas às condições de felicidade ou infelicidade para a realização do ato.

Continuando seu percurso teórico, Austin busca estabelecer critérios mais nítidos para distinguir tais proferimentos. Mas como poderemos perceber, tal busca desagua na constatação de que tais critérios não são plenamente aceitáveis.

Vejamos alguns desses critérios para o reconhecimento de proferimentos performativos:

- a) Em proferimentos performativos é padrão o uso da primeira pessoa do singular do presente do indicativo da voz ativa;
- b) Em proferimentos performativos é comum o uso de palavras operacionais que ativam a performatividade;
- c) Os proferimentos performativos estão submetidos às condições de felicidade.

Ao postular tais critérios, Austin já começa a questioná-los e são principalmente tais questionamentos que mais de perto nos interessam. Vejamos.

Quanto ao primeiro critério, Austin o toma como importante por considerar que um proferimento performativo é aquele que, no momento no qual é proferido, realiza uma ação do produtor do proferimento. Assim, para considerarmos a performatividade de um proferimento é essencial o reconhecimento da existência do *eu* explícito ou implícito que profere. O reconhecimento da explicitude ou implicitude da presença da voz que profere é de extrema importância, uma vez que existem proferimentos performativos não explícitos para os quais tal critério deve ser readequado.

Como exemplo, podemos considerar expressões como *Perigo*, *Cuidado*, *Cão feroz*, *Buraco*, entre outras que realizadas isoladamente podem possuir valor performativo. E nestes casos, não teríamos explícita a estrutura *eu + verbo + que*. Podemos encontrá-la, porém, subjacente aos enunciados acima. Assim, em *Perigo*, leríamos *Eu aviso que há perigo* e em *Cuidado*, leríamos *Eu previno que há perigo*; ou quando, nos depoimentos dos alcoólicos anônimos, o depoente diz *Eu ,xxxx, alcoólico*, leríamos *Eu, xxxx, declaro que sou alcoólico*.

Isto poderia nos levar à conclusão de que os proferimentos performativos podem ser reduzidos, expandidos ou analisados de modo a se obter uma forma na primeira pessoa do singular do presente do indicativo da voz ativa. No entanto, há casos, reconhecidos por Austin, nos quais não é possível realizar tal procedimento. Por exemplo, podemos insultar alguém, dizendo-lhe um termo grosseiro, mas não encontramos uma forma explícita correspondente do tipo *Eu o insulto de ...*

Uma outra observação importante é que podemos encontrar esta manifestação do verbo também em descrições de atos realizados em outro tempo e lugar que não os do momento do proferimento.

Como podemos perceber, a explicitação na sentença de tal critério gramatical não é, de forma alguma, suficiente para o reconhecimento da performatividade. Mas o reconhecimento de que existe um eu que profere, o é. Vejamos o que diz o próprio Austin (1990: 61):

Dissemos que a idéia de um proferimento performativo exigia que a expressão consistisse na realização de uma ação. As ações só podem ser realizadas por pessoas, e, em nossos casos, é óbvio que quem usa a expressão deve ser quem realiza a ação. Daí nosso sentimento justificável – que erroneamente apresentamos em termos puramente gramaticais – em favor da primeira pessoa que deve aparecer, ser mencionada ou referida.

Quanto ao segundo critério, a presença de termos operacionais, Austin também salienta sua insuficiência, posto que muitos proferimentos não apresentam tais termos e outros proferimentos apresentam-nos, mas não são performativos.

Tomemos o exemplo de um torcedor que envolvido pelos lances de uma partida de futebol dirige-se a um dos jogadores dizendo: *Você está impedido*. Considerando que quem realizou o proferimento não estava autorizado a torná-lo uma ação, o que temos é a manifestação de uma opinião do tipo *Eu acho que ele está impedido* e não uma ação propriamente dita. O mesmo ocorreria em um proferimento do tipo *Eu declaro que sou alcoólico*, dito por uma pessoa que não é alcoólatra.

É a partir desse ponto que partimos para a análise do terceiro critério. Enquanto os constatativos estão submetidos às condições de verdade ou falsidade das informações, os performativos estão submetidos às condições de sucesso ou fracasso da ação. Dito assim, parece tudo muito claro, mas se tomarmos o proferimento constatativo *João é alcoólatra*, perceberemos que a verdade dessa informação depende de outra informação *Estou afirmando que João é alcoólatra* que, por sua vez, depende de que esta declaração seja um performativo bem sucedido.

Se, por outro lado, tivermos um performativo do tipo *Cuidado com o buraco*, mas não houver nenhum buraco, diremos que a advertência foi nula e tal nulidade não está apoiada sobre as condições de felicidade, mas sobre a consideração de que a informação manifesta na advertência era falsa.

Assim, como afirma Austin (1990), as condições de felicidade e infelicidade podem atingir proferimentos constatativos, assim como as considerações de verdade ou falsidade podem atingir os proferimentos performativos.

Os proferimentos declarativos são o melhor exemplo desta relação. Enunciados do tipo *Eu declaro que sou alcoólico* e *Eu sou alcoólico* são equivalentes e estão submetidos tanto às condições de felicidade quanto às noções de verdadeiro ou falso. Assim, para realizar a declaração, faz-se necessário que o locutor acredite que é alcoólico, ou seja, é necessário que ele seja sincero ao dizê-lo. Do contrário, o enunciado estará exposto à avaliação de atos insinceros. Podemos ainda dizer que se o locutor não for um alcoólatra, sua declaração tornar-se-á nula.

Outra observação importante é que ao declarar algo nos comprometemos com outras declarações, ou seja, declarações posteriores devem estar em acordo com a declaração primeira. Portanto, declarar pode ser considerado um ato, uma vez que o que examinamos não é a sentença, mas o ato de emitir um proferimento numa situação enunciativa.

Na conclusão de sua discussão, Austin afirma que a distinção entre constatativos e performativos não pode ser mantida uma vez que a base da distinção estava calcada em duas abstrações que, ao serem analisadas em contextos, não se mantiveram. A primeira, abstrair dos proferimentos constatativos a presença de atos ilocucionais, considerando-os como simples atos locucionais. A segunda, abstrair dos proferimentos performativos a correspondência com os fatos, ou seja, as noções de verdadeiro ou falso. Consideramos que esta conclusão nos autoriza reafirmar que depor é um ato de fala que está submetido tanto aos critérios de verdade ou falsidade dos enunciados quanto às condições de sucesso e insucesso da ação realizada.

Para compreendermos melhor o que foi dito acima retomemos uma discussão proposta por Austin (1990): a distinção entre atos locucionários, ilocucionários e perlocucionários. Para o autor, dizer algo é, de uma forma geral, fazer algo, portanto nenhum proferimento estaria desprovido de um teor acional. No entanto há distintos níveis a partir dos quais podemos afirmar que dizer é fazer. Em um primeiro nível, reconhecido como locucional, dizer algo é emitir uma articulação de signos verbais em uma determinada construção preenchida de significação, ou seja, é emitir locuções. Considerando este nível podemos afirmar que dizer é sempre fazer. Em um segundo nível, deparamo-nos com atos que são realizados ao dizermos algo, o que é diferente do ato de dizer algo (ilocucionário). A estes atos, Austin apresenta a denominação de ilocucionários. Enquanto os atos ilocucionários significam que *ao dizer X eu realizo Y*, um terceiro tipo de ato significa que *por dizer X eu provooco uma reação em alguém*. Estes são os atos perlocucionários. Assim, a locução corresponde ao que falamos, a ilocução corresponde ao que realizamos ao falarmos e a perlocução corresponde a que consequências produzimos no nosso interlocutor ao falarmos.

Como é de nosso interesse apresentarmos que os membros dos Alcoólicos Anônimos, quando proferem o depoimento, estão realizando um ato ilocucionário; deter-nos-emos na discussão acerca das classes de forças ilocucionárias e na descrição da estrutura dos atos

ilocucionários de uma forma geral. Retomaremos estes tópicos no final deste capítulo para a descrição do ato de depor.

Começemos pelo tratamento dado por Austin às classificações dos proferimentos em acordo com sua força ilocucionária. Segundo este critério, os proferimentos seriam de cinco tipos: veriditivos, exercitivos, comissivos, comportamentais e expositivos. Os primeiros caracterizam-se pela realização de um julgamento; os segundos consistem no exercício de poderes, direitos e influências; os proferimentos comissivos, por sua vez, caracterizam-se pelo estabelecimento de um compromisso; os comportamentais dizem respeito a atitudes e comportamentos sociais; e, por fim, os proferimentos expositivos são utilizados nos atos de exposição que consistem em expressar opiniões, conduzir debates e esclarecer usos e referências. Observemos no quadro 01 abaixo alguns dos principais verbos que correspondem a esta classificação.

Quadro 01

Veriditivos	Exercitivos	Comissivos	Comportamentais	Expositivos
Absolver	Nomear	Prometer	Pedir desculpas	Afirmar
Considerar	Ordenar	Comprometer-se	Agradecer	Declarar
Valorizar	Exigir	Compactuar	Cumprimentar	Negar
Caracterizar	Advertir	Dar a palavra	Felicitar	Classificar
Condenar	Sancionar	Decidir-se a	Criticar	Avisar
Avaliar	Reclamar	Pretender	Reclamar	Perguntar
Constatar	Anular	Jurar	Saudar	Concordar
Tomar x como y	Indicar	Apostar	Desejar	Exemplificar
Caracterizar	Invalidar	Aderir	Apoiar	Explicar

É importante observarmos ainda que há entre os cinco tipos de proferimentos vários pontos de contato que anulam qualquer tentativa de estabelecer fronteiras intransponíveis entre eles. Portanto o quadro 01 deve ser vislumbrado muito mais como um recurso didático para esclarecer as ações realizadas por cada tipo de proferimento, do que como uma tentativa de aprisionar a manifestação de cada verbo a um tipo específico de ato.

Assim, por exemplo, cumprimentar (comportamental) pode implicar um veredito acerca do carácter de alguém ou emitir um veredito, muitas vezes, pode nos comprometer a uma certa conduta futura. O mesmo pode ocorrer com proferimentos exercitivos como

permitir, sancionar e oferecer que ao serem realizados comprometem o locutor a uma determinada linha de ação.

Poderíamos pensar, ainda, que ao jurarmos que algo é de uma certa forma (comissivos), estaremos realizando também uma exposição. Por outro lado, proferimentos expositivos marcados por verbos como *analisar*, *interpretar*, *classificar* podem ser tomados como veriditivos, uma vez que pressupõem o exercício do julgamento.

Passemos agora ao tratamento da descrição da estrutura dos atos ilocucionários. Tal descrição, segundo Searle (1984), deve responder à seguinte questão: quais as condições necessárias e suficientes para que um determinado ato de fala seja bem sucedido e perfeitamente executado na enunciação de uma dada frase? Sobre isto é importante salientar que o conjunto das condições garante o sucesso do ato, mas a não realização de alguma condição não necessariamente o invalida.

Em sua teoria, Searle parte das condições para a realização de determinados atos específicos para chegar, então, a um conjunto de regras para o uso dos atos em geral.

As regras para a classificação dos atos ilocucionários são de quatro tipos: regras de conteúdo proposicional, regras preparatórias, regras de sinceridade e regras essenciais. Compreendamos este conjunto de regras aplicando-o a um tipo de ato estudado por Searle (1984), o ato de declarar que é descrito a seguir.

Se um falante **F** pronuncia um enunciado **E** na presença de um ouvinte **O**, sendo **E** empregado literalmente, o falante **F** faz uma declaração ao ouvinte **O** se as seguintes condições forem satisfeitas:

1. As condições normais de input e output são satisfeitas - *regra preparatória*;
2. **F** expressa uma proposição **P** na emissão de **E** - *regra de conteúdo proposicional*;
3. Ao expressar **P**, **F** tem evidências para a verdade de **P** - *regra preparatória*;
4. Não é óbvio nem para **F** nem para **O** que **O** saiba **P** - *regra preparatória*;
5. **F** acredita em **P**; - *regra de sinceridade*;
6. **F** acredita que **P** representa uma situação real – *regra essencial*.

Como já afirmamos, é a partir do estabelecimento de condições para atos específicos que Searle depreende as regras já citadas. É interessante salientar, ainda, que em alguns atos as regras de conteúdo proposicional e as regras de sinceridade não são tomadas em consideração. É o caso, por exemplo, dos atos de cumprimentar e despedir-se que ao serem

realizados por expressões do tipo *olá, oi, até mais, thau*, não expressam uma proposição propriamente dita e nem dependem da sinceridade do falante .

Outra observação reside sobre a constatação da relevância da regra essencial sobre as demais. Tal relevância repousa no fato de que a regra essencial é a principal responsável pelo estabelecimento das distinções que nos levam a considerar que este ou aquele é um tipo de ato ilocucionário diferente.

A partir do paradigma estabelecido pelos exemplos observados, pretendemos construir, no final deste capítulo, a estrutura do ato de depor, especificando, a partir das regras propostas por Searle, o conjunto de condições necessárias para a realização de tal ato. Este empreendimento em muito nos será útil quando por ocasião da descrição dos depoimentos.

Gostaríamos de salientar, ainda, que nosso objetivo, ao trabalharmos com a teoria dos atos de fala, está em dar conta da operacionalização de uma análise que pretenda ver o gênero enquanto uma ação verbal, portanto estamos procurando centrar nossa atenção em conceitos básicos desta teoria, deixando à margem o tratamento de questões polêmicas.

Dando, pois continuidade a este objetivo passaremos ao tratamento do conceito de macro-ato de fala desenvolvido por Van Dijk (1992) que será, à frente, relacionado com o conceito de repertório de ações desenvolvido por Bazerman (1994).

A noção de macro-ato de fala surge na teoria de Van Dijk a partir de três considerações. A primeira, de que nós utilizamos expressões ou sequências de frases que, muitas vezes, isoladamente, consistem em diferentes atos, mas que consideradas como uma totalidade passam a ter o efeito de um único ato; um comando, um pedido, uma declaração, etc. A segunda consideração está baseada na hipótese de que o planejamento, a execução e a interpretação das ações, a exemplo do processamento de informações complexas, requer a formação de macro-estruturas. A terceira, consiste no reconhecimento de que muitos tipos de discursos são reconhecidos como atos de fala globais.

Van Dijk constrói, ainda, seu conceito de macro-ato, partindo do conceito de macro-ação que corresponde a um complexo de ações articuladas em uma estrutura hierárquica. É importante salientar, ainda, que, compondo esta estrutura hierárquica, existem aquelas ações que são consideradas como necessárias, aquelas consideradas como opcionais, mas prováveis e aquelas consideradas como opcionais, mas improváveis. O autor afirma, ainda,

que a existência da macro-ação implica, muitas vezes, que as ações ocorram em uma ordem determinada.

De forma similar, Van Dijk postula que sequências de atos de fala requerem um planejamento e uma interpretação globais; ou seja, sequências de atos de fala podem funcionar como um único ato global; um macro-ato de fala. No entanto fica a indagação: sob que condições uma sequência de atos de fala pode ser tomada como um ato de fala global ?

Para responder a esta questão, Van Dijk propõe que apliquemos aos atos de fala as mesmas regras de apagamento aplicadas à redução de informação semântica. Isto significaria apagar os atos de fala auxiliares e preparatórios, assim como expressões de estado mental, descrições do contexto e, ainda, os atos de fala responsáveis pela abertura, manutenção e fechamento da interação.

Devemos salientar que as estratégias de apagamento propostas por Van Dijk fazem parte de uma teoria cognitiva e que, portanto, tem um interesse primordial na estrutura abstrata subjacente aos discursos com vistas à melhor percepção dos processos de produção, compreensão e estocagem do discurso. Esse, porém, não é o nosso interesse. Portanto, consideramos que, na análise das interações reais, e, particularmente, na análise dos depoimentos proferidos por alcoólicos anônimos, a descrição de atos tais como cumprimentos, agradecimentos, atos de referência e pedidos que são realizados nas aberturas e fechamentos dos depoimentos é de fundamental importância para compreendermos a relação entre a organização retórica do gênero e a realização dos propósitos comunicativos da comunidade discursiva.

Um outro aspecto importante discutido por Van Dijk e que estabelece um ponto de contato entre os atos de fala e a análise de gêneros, é a sua afirmação de que os falantes conseguem distinguir tipos de discursos porque conseguem reconhecer nestes discursos a realização de macro-atos de fala. Por outro lado, o reconhecimento da relevância de informações e atos individuais que compõem a totalidade do discurso depende do propósito comunicativo global que regula a interação e, acrescentaríamos, do gênero no qual tais propósitos se realizam.

O autor apresenta, como exemplo, o contraste entre descrições em uma história cotidiana e um panfleto turístico. Na história, a descrição da paisagem na qual ocorreu um fato é muito menos importante do que o fato em si, porém em um panfleto turístico, tal

descrição é muito mais importante do que quaisquer fatos relacionados a indivíduos que por ali passaram.

Bazerman (1994) nos diz que um texto composto por vários atos de fala, somente pode ser reconhecido como um único ato de fala se for identificado com um gênero, posto que isto o eleva ao *status* de um tipo singular de ação social. Para o autor, os micro-atos de fala somente ganham significação quando considerados como parte do macro-ato; por outro lado, o insucesso de qualquer um desses micro-atos pode prejudicar o ato global.

Se tomarmos o exemplo dos depoimentos de alcoólicos anônimos, podemos afirmar que um depoimento sem a declaração inicial da condição de alcoólico feita pelo depoente colocaria em risco o reconhecimento e a aceitação do depoimento por parte dos interlocutores.

Tomando como parâmetro todas as questões levantadas neste item de nosso capítulo, consideramos que é válido reconhecer que, a exemplo da análise realizada por Bazerman que reconheceu o gênero *requerimento de patente* como um ato global de pedido, materializado na articulação de micro-atos tais como exposições, atos de referência, entre outros; o gênero depoimento realiza o ato global de depor descrito abaixo.

Dado que um locutor **L** pronuncia um enunciado **E** em um texto **T** na presença de um interlocutor **I** em um contexto **C**, então, na enunciação de **E**, **L** desempenha com sucesso e sem defeito o ato de depor se e somente se as seguintes condições forem satisfeitas:

1. As condições de input e output devem ser satisfeitas;
2. **L** deve apresentar proposições relacionadas a experiências vividas por ele, **L**;
3. **L** deve ter vivenciado as experiências relatadas;
4. **I** deve acreditar que **L** viveu as experiências relatadas;
5. **I** tem interesse pelo depoimento e **L** acredita que **I** tem interesse pelo depoimento;
6. Depor vale como um compartilhamento com **I** de experiências vividas por **L**.

A primeira condição diz respeito ao domínio das condições segundo as quais a realização de qualquer tipo de enunciado é possível. Assim, no caso específico dos depoimentos que analisamos, são condições satisfatórias que os locutores falem a mesma língua; que ambos tenham acesso à modalidade de comunicação por *e-mail* e que nenhum tipo de obstáculo se interponha entre eles.

A segunda condição responde diretamente à regra do conteúdo proposicional proposta por Searle (1992), ou seja, aquilo que de fato pode constar como conjunto de

proposições em um depoimento. Tomando não somente os depoimentos de alcoólicos anônimos, mas outros tipos de depoimentos, tais como os proferidos por crentes em cultos religiosos, ou por dependentes químicos em grupos de apoio, o que se espera encontrar é um conjunto de experiências vividas por uma pessoa em relação a um tema específico: a descoberta da fé, as experiências com as drogas ou com a bebida, por exemplo.

A terceira condição estaria associada ao grupo de regras que Searle denominou de preparatórias, pois antecedem a execução do próprio ato. Nas aberturas ou fechamentos dos depoimentos de alcoólicos anônimos há de uma forma explícita ou implícita a declaração da condição de dependente alcoólico. Este micro-ato de fala que ocorre de forma regular nos depoimentos tem como um de seus propósitos garantir que o ato de depor seja aceito e reconhecido como legítimo.

As quarta e quinta condições correspondem às regras de sinceridade. De fato, um depoimento somente será reconhecido como tal se o interlocutor acredita que as experiências foram realmente vividas pelo depoente e tem interesse real em conhecer tais experiências. Na troca de depoimentos entre alcoólicos anônimos, tais condições são garantidas pelos fortes laços de identificação que existem entre os interlocutores, ou seja, o reconhecimento de que ambos compartilham a condição de alcoólicos.

Por fim, a sexta e última condição(compartilhamento de experiências vividas pelos interlocutores) constitui o traço essencial do significado do ato de depor. É , portanto, uma condição associada às regras essenciais.

Consideramos, pois, que proferir um depoimento é realizar o macro-ato de depor constituído por vários micro-atos que serão descritos no capítulo 04.

Depor é um ato que, de uma forma geral, tem a força de um proferimento expositivo, é fortemente marcado pela presença do *eu* que se compromete e se identifica com o que é falado e está submetido tanto às condições de felicidade quanto aos critérios de verdade ou falsidade das informações; posto que, para depor, é necessário que o locutor esteja autorizado a fazê-lo, mas também é necessário que as informações sejam verdadeiras. Assim, se um locutor depuser sobre experiências vividas com o alcoolismo, mas não for alcoólico, o ato estará nulo e se for alcoólico, mas inventar falsas informações ao depor; da mesma forma, o ato estará ameaçado.

Para encerrar nossas considerações, acreditamos que, por hora, o empreendimento aqui realizado é suficiente para nossos objetivos. Retomaremos estas questões no capítulo 04 quando por ocasião da descrição do gênero depoimento.

No próximo capítulo realizaremos uma descrição dos caminhos e escolhas metodológicas que realizamos para dar conta da análise de nosso objeto de estudo.

Capítulo 2

Metodologia

O objetivo deste capítulo é esclarecer as escolhas e decisões metodológicas que tivemos que realizar para a execução de nosso trabalho. Tal esclarecimento se fará a partir das seguintes questões: como foi realizada a escolha do objeto de estudo e a escolha do referencial teórico, quais os procedimentos para a coleta e a organização dos dados e, por fim, qual o caminho percorrido para sua análise.

2.1 - A escolha do objeto de estudo e do referencial teórico

A nossa motivação para realizar um estudo sobre os depoimentos dos alcoólicos anônimos surgiu em 1997, quando, por conta da elaboração de um pré-projeto para a seleção de mestrado, começamos a ter contato com alguns grupos de alcoólicos anônimos na cidade de Fortaleza. Em 1998, tivemos notícia de que havia grupos de alcoólicos anônimos que interagiam através da internet. Esta informação nos despertou imensa curiosidade e nos conduziu a procurar, neste espaço, informações sobre a Irmandade. Começamos, então, uma busca por páginas da internet que pudessem nos fornecer informações. Grande foi a nossa surpresa quando descobrimos que existem muitas páginas disponíveis sobre o assunto e amplamente abertas ao público em geral. Podemos citar, por exemplo, as páginas, <http-página.de-sobriedade.url>, www.aabr.com.url, <http://im.yahoo.com>, <http://www.egroups.com>, <http://www.recovery.org/aa/>, entre outras.

Inicialmente nossa procura se deu de forma pouco objetiva, ou seja, líamos tudo o que encontrávamos. Depois de uma apropriação maior das informações e já sentindo que precisávamos sanar algumas dúvidas e aprofundar o conhecimento sobre a irmandade dos Alcoólicos Anônimos, passamos a buscar o contato direto com um grupo on-line de alcoólicos, o grupo aa-sobriedade cujo endereço eletrônico é aa-sobriedade-owner@egroups.com. Enviamos uma mensagem ao grupo, apresentando-nos como

pesquisadora da área de linguagem interessada em estudar os depoimentos construídos pelos membros da irmandade. Como resposta, recebemos a seguinte mensagem:

Your posting (subject: pesquisa) has been sent to the moderator (aa-sobriedade-owner@egroups.com) for approval. When the moderator aproves the posting, it will be automatically distributed to the group.³

Este primeiro contato iniciou uma série de outros que passaram a ocorrer sistematicamente e prolongaram-se, ainda, por todo o ano de 1999. Esta proximidade com o grupo nos proporcionou o acesso a uma grande gama de informações que possibilitou conhecermos detalhadamente os propósitos e princípios que regulam o programa de recuperação da Irmandade dos alcoólicos anônimos, o caminho histórico percorrido pela Irmandade e pelo grupo aa-sobriedade desde suas origens até os dias de hoje, além de sua estrutura de organização e funcionamento.

Foi também durante o ano de 1999 que passamos a ter acesso às correspondências remetidas pelos membros do grupo aa-sobriedade. Correspondências que ofereceram o material necessário para a constituição do *corpus* de nossa pesquisa.

A partir deste contato, começamos a perceber que os depoimentos proferidos pelos membros do grupo on-line, a exemplo dos depoimentos proferidos nos grupos reais, apresentavam similaridades dos pontos de vista composicional e temático. Passamos a perceber, ainda intuitivamente, que tais similaridades eram recorrentes nos depoimentos e que, portanto, poderiam constituir um comportamento verbal típico dos grupos de alcoólicos anônimos.

Como já afirmamos, até então tínhamos intuições. Foi somente a partir do contato com as teorias de Miller (1984), Swales (1990) e Bakhtin (1992), com destaque para os dois primeiros, que passamos a ter um olhar mais consistente sobre nosso objeto de estudo. O trabalho desses autores levou-nos a perceber que as similaridades e recorrências que víamos na constituição dos depoimentos associadas aos propósitos e princípios de funcionamento do programa de recuperação dos alcoólicos anônimos poderiam constituir as bases para a caracterização destes depoimentos como um gênero textual.

³ Optamos por apresentar o texto original cuja tradução livre é: Sua mensagem (assunto: pesquisa) está sendo analisado pelo moderador do grupo aa-sobriedade para aprovação. Quando o moderador aprová-la, ela será automaticamente distribuída ao grupo.

Tomamos, então, como pilasstras para a realização da descrição desse gênero, os conceitos de *similaridade e recorrência* desenvolvidos por Campbell e Jamieson (1978) e Miller (1984) e os conceitos de *comunidade discursiva e gênero* desenvolvidos por Swales (1990).

Influenciados por esses teóricos, passamos a realizar uma caracterização do gênero depoimento dos alcoólicos anônimos a partir da descrição das similaridades e recorrências das unidades de informação reconhecidas nesses depoimentos, conduzindo, assim, nosso trabalho, a exemplo da proposta de Swales (1990), para a caracterização da organização retórica dos depoimentos, configurando-os como uma ação verbal típica que responde aos propósitos de uma dada comunidade discursiva.

2.2 - A coleta e a organização dos dados

O trabalho de coleta dos depoimentos começou efetivamente em abril de 1999 e estendeu-se até outubro deste mesmo ano. No entanto, somente tomamos para a análise as correspondências enviadas nos meses de abril e outubro, pois achamos que seria interessante analisar os exemplares correspondentes ao primeiro e ao último mês do período de coleta de dados. Cuidamos, ainda, para que cada mensagem fosse de autoria distinta.

A partir destas decisões, passamos a contar com uma amostra de 170 correspondências que foram submetidas a uma triagem para distinguir entre as correspondências que veiculavam depoimentos e as que veiculavam outros tipos de mensagens.

Como resultado deste primeiro empreendimento para o reconhecimento dos depoimentos, chegamos aos seguintes números: das 170 correspondências, 61 correspondiam a depoimentos, as 109 correspondências restantes foram identificadas como veiculadoras de outros tipos de mensagens.⁴

Assim, passamos a contar com um *corpus* de 61 depoimentos, de diferentes depoentes, colhidos nas interações do grupo on-line aa-sobriedade.

Para efeito de análise, decidimos trabalhar com o número fechado de 60 depoimentos, os quais passamos a identificar através da letra maiúscula "D" acompanhada pelo número

⁴ O resultado desta análise está detalhadamente explicado no item 3.5.3 do capítulo 3.

correspondente a cada exemplar. A numeração dos exemplares corresponde à ordem cronológica de envio das correspondências.

Outra observação importante sobre o *corpus* é que decidimos tomar como válidos todos os depoimentos produzidos em língua portuguesa, considerando, portanto, como válidos os depoimentos realizados por brasileiros e por outras nacionalidades que utilizem o português.

2.3 - A análise dos dados

Consideramos que o primeiro momento de nosso trabalho de análise teve início durante a realização da triagem das 170 correspondências para o reconhecimento do que consideraríamos como depoimentos. Os critérios que utilizamos para a realização dessa tarefa foram:

- a) o propósito comunicativo do gênero;
- b) a estrutura do texto que, já nesse momento, de nossa análise, reconhecíamos como formada por uma *introdução* cujo objetivo era estabelecer o contato inicial e apresentar o depoente, um *desenvolvimento* cujo objetivo consistia em relatar experiências relacionadas ao alcoolismo e uma *conclusão* com o objetivo de fechar o relato;
- c) pistas lexicais

Tais critérios surgiram a partir do contato preliminar que havíamos tido com os depoimentos proferidos nos grupos reais com os quais tivemos contato durante o ano de 1998. Esse contato já havia demonstrado que o depoimento tinha algumas características rituais que estavam diretamente relacionadas aos propósitos da irmandade dos alcoólicos anônimos e que se apresentavam na forma de um comportamento verbal bastante típico daquela comunidade interagindo numa dada situação comunicativa.

O segundo momento de nosso trabalho de análise consistiu no tratamento sobre uma amostra constituída pelos dez primeiros depoimentos do *corpus*. Como já informamos, a ordem na qual os depoimentos foram organizados seguiu a ordem cronológica do envio das mensagens, portanto os depoimentos da amostra foram os dez primeiros do mês de Abril.

O objetivo desse momento de análise foi descrever uma proposta inicial e provisória da organização retórica dos depoimentos, a qual pudéssemos tomar como parâmetro para a

análise dos demais 50 depoimentos do *corpus*. Para dar conta desta tarefa, realizamos os seguintes procedimentos:

- a) fizemos um levantamento sistematizado de todas as unidades de informação que encontramos em cada um dos depoimentos;
- b) sistematizamos todas as informações encontradas na unidade retórica 1 dos depoimentos. Tal sistematização foi feita a partir do quadro 06 no qual confrontamos a informação, sua frequência e os depoimentos nos quais tal informação foi localizada;
- c) sistematizamos todas as informações encontradas na unidade retórica 2 dos depoimentos. Tal sistematização (quadro 07) seguiu o mesmo modelo aplicado à unidade retórica 1;
- d) sistematizamos as informações encontradas na unidade retórica 3 dos depoimentos. Tal sistematização (quadro 08) seguiu o mesmo modelo aplicado às unidades retóricas 1 e 2;
- e) apresentamos a ordem na qual as informações foram distribuídas nos quadros, obedecendo a seqüência na qual elas foram sendo apresentadas nos textos dos depoimentos;
- f) expusemos a discussão dos resultados referentes à recorrência e à relevância⁵ das informações sistematizadas nos quadros. Todas as informações que apresentaram frequência irrelevante e não foram associadas diretamente aos propósitos e princípios da comunidade discursiva, foram desconsideradas como possíveis subunidades retóricas. Assim, por exemplo, no quadro 06 (unidade retórica 1), apresentamos oito informações, mas apenas duas mostraram-se recorrentes e relevantes. Conseqüentemente foram consideradas como subunidades retóricas;
- g) apresentamos a primeira versão do padrão de organização retórica do gênero depoimento dos alcoólicos anônimos.

Vejamos, no quadro 02, o resultado ao qual chegamos:

⁵ Consideramos a relevância de uma informação a partir de sua relação com os propósitos da comunidade discursiva.

Quadro 02 – primeira versão da organização retórica do gênero depoimento

<p>Unidade retórica de informação 1 – abertura do depoimento</p> <p>Subunidade 1.1 – saudando os membros do grupo</p> <p>Subunidade 1.2 – apresentando o depoente</p> <p>Unidade retórica de informação 2 – desenvolvimento do depoimento</p> <p>Subunidade 2.1 – fazendo referência a outra mensagem do grupo que tenha provocado a construção do depoimento em questão</p> <p>Subunidade 2.2 - relatando experiências com o alcoolismo</p> <p>Subunidade 2.3 – comentando sobre a recuperação após o ingresso nos alcoólicos anônimos</p> <p>Unidade retórica de informação 3 – fechamento do depoimento</p> <p>Subunidade 3.1 – despedindo-se</p> <p>Subunidade 3.2 – desejando 24 horas de sobriedade</p> <p>Subunidade 3.3 – agradecendo a atenção concedida pelos membros do grupo</p> <p>Subunidade 3.4 – subscrevendo-se</p>

A numeração escolhida para identificar as subunidades retóricas seguiu os seguintes critérios:

- a) o primeiro número identificador da subunidade corresponde ao número da unidade retórica da qual a subunidade é parte constitutiva;
- b) o segundo número indica a ordem na qual a informação surge no texto dos depoimentos. É válido ressaltar que esta ordem não se mantém fixa em todos os exemplares.

O terceiro momento de nosso trabalho de análise corresponde ao tratamento dos 60 depoimentos a partir dos resultados obtidos na análise da amostra. Eis as tarefas às quais nos propusemos:

- a) comprovar se, de fato, os depoimentos apresentavam três grandes unidades de organização retórica. Para tanto construímos o quadro 10 no item 4.2.1 do capítulo 4 no qual apresentamos a presença ou ausência dessas unidades em cada um dos depoimentos;

- b) descrever cada uma das unidades retóricas separadamente, buscando depreender seus objetivos comunicativos, a frequência e os objetivos comunicativos de suas subunidades, a relação entre tais objetivos e os propósitos e princípios de funcionamento da comunidade discursiva dos alcoólicos anônimos e as pistas s e pragmáticas que nos conduziram ao reconhecimento de cada subunidade;
- c) descrever a proposta final do padrão de organização retórica do gênero depoimento dos alcoólicos anônimos.

Para a realização dessa proposta, construímos um conjunto de códigos que possibilita, de forma mais clara, perceber a distribuição das informações do gênero. Separamos as unidades retóricas através de quadros e identificamos cada subunidade retórica a partir do código SUB + número que identifica a subunidade posicionado logo após a ocorrência da subunidade apresentados em vermelho. Na unidade retórica 2, acrescentamos ao código as seguintes características: SUB2.1 é destacada por sublinhado, a SUB2.2 está destacada por negrito e a SUB2.3 não apresenta destaque. Optamos por esta complementação na caracterização das subunidades da unidade retórica 2 porque suas informações estão imbricadas em orações e períodos comuns. Vejamos abaixo.

Unidade retórica de informação 1 – estabelecendo contato e identificação

Subunidade 1.1 – saudando os membros do grupo [SUB1.1]

Subunidade 1.2 – apresentando o depoente [SUB1.2]

Subunidade 1.3 – agradecendo pelo controle sobre a bebida [SUB1.3]

Unidade retórica de informação 2 – comparando experiências vividas antes e depois do ingresso na irmandade dos alcoólicos anônimos

Subunidade 2.1 – fazendo referência a outra mensagem do grupo que tenha provocado a construção do depoimento em questão [SUB2.1]

Subunidade 2.2 - **relatando experiências com o alcoolismo** [SUB2.2]

Subunidade 2.3 – comentando sobre a recuperação após o ingresso nos alcoólicos anônimos [SUB2.3]

Unidade retórica de informação 3 – fechando o depoimento

Subunidade 3.1 – despedindo-se [SUB3.1]

Subunidade 3.2 – desejando 24 horas de sobriedade [SUB3.2]

Subunidade 3.3 – agradecendo a atenção concedida pelos membros do grupo [SUB3.3]

Subunidade 3.4 – inscrevendo-se [SUB3.4]

Para que a utilização dos códigos fique mais clara apresentamos abaixo um exemplar do *corpus* que manifestou quase todas as subunidades, estando ausente apenas a subunidade 2.1 da unidade 2.

(01)

D 09

De: XXXX <XXXX@xxx.com>
 Data: >> de abril de 1999 01:55
 Para: <aa-sobriedade@egroups.com>
 Assunto: [aa-sobriedade] Mudando de Rumo

Un 1

Boa noite a todos [SUB1.1], sou apenas um ALCOÓLATRA, que não escreve para vocês, mas que sempre que posso leio vossas mensagens, [SUB1.2] e agradeço a Deus todos os dias por vocês existirem [SUB1.3]

Un 2

Tenho 44 anos, e não sei exatamente quando e o que me levou a me tornar um beberão, entretanto acho que a autopiedade é que me impediu de ver a realidade antes, por diversas vezes jurei para mim e para o mundo que não beberia mas, porém, não chegava a dois ou três dias, e começava tudo de novo, e achava sempre que poderia beber “socialmente”, e que quando desse na telha, pararia. [SUB2.2]

Após o dia 24 de março (Quarta-feira a duas semanas atrás, quando tomei o último porre), exatamente na tarde do dia seguinte, recebia as primeiras mensagens de vocês, a princípio me senti ridículo por dar tanta atenção no que lia, parecia que estava diante de outro mundo, que não tinha nada de meu.

Esta foi a primeira que modificou minha maneira de pensar, e começava assim: “Aqui quem lhe escreve é Pierre, um alcoólico em recuperação em São Paulo. Obrigado por sua mensagem e sua confiança; sei o quanto é difícil nos abirmos neste tipo de situação. ...”

Amigos após ter lido toda a mensagem, percebi que ridículo, era o que eu fazia a mim mesmo e aos que comigo convivem, pôs apesar de nunca ter apanhado ou brigado na rua, como relatou o “JC” de seu amigo, [SUB2.3] **já cheguei a dormir na rua, e ser levado para casa por pessoas que até hoje nem imagino quem foi. [SUB2.2]**

Minha atual esposa com quem vivo já a 5 anos e meio, já não suporta mais a idéia de continuar vivendo com um beberão, e agora que há quinze dias não tomo nenhuma bebida alcoólica, já consigo dar razão a ela. Percebi também, que beber “socialmente”, significa nada mais e nada menos que se embebedar em sociedade.

Hoje vejo como é fácil evitar o primeiro gole, neste Domingo de Páscoa, recebemos vários amigos da família em casa, e aqui em Mato Grosso do Sul, é muito comum fazermos churrasco, tendo visita então é um motivo maior, porém, pela primeira vês em minha vida, churrasqueamos ao sabor de refrigerantes, e naturalmente que ouvi, várias piadinhas tais como: “Nossa se o Joselito não tomar nenhuma, vai chover até canivete”, levei na brincadeira, e como nem todos acreditam ainda, que resolvi para e de vez, respondia apenas que estou fazendo tratamento médico, pôs a pressão arterial chegou à 24 por 19, que na verdade não é mentira.

A noite após todos terem saído, minha mulher declarou que esta tinha sido a melhor páscoa desde que casamos, acho que uma declaração como esta, feita por uma pessoa que ultimamente só falava em separação, é um bom princípio para continuar lendo vocês. **[SUB2.3]**

Unidade não reconhecida

Desculpem pela falta de participação, porém, com menos de 15 dias não me considerava ainda um Alcoólatra em Recuperação.

Un 3

Um grande abraço amigos **[SUB3.1]** e desejo a todos + 24 horas de Sobriedade e Serenidade como estou vivendo e me sentindo agora **[SUB3.2]** graças a Deus e a vocês. **[SUB3.3]**
XXXXX **[SUB3.4]**

Esperamos que as informações apresentadas nesse capítulo tenham sido suficientemente esclarecedoras para a compreensão das discussões que realizaremos nos capítulos que seguem.

Capítulo 3

" olhar as dimensões simbólicas da ação social, arte, religião, ideologia, ciência, lei, moralidade, senso comum; não é afastar-se dos dilemas existenciais da vida em favor de algum domínio empírico de formas não emocionais; é mergulhar no meio delas."
(Geertz,1978)

A Irmandade dos Alcoólicos Anônimos : seus propósitos, suas crenças e sua identidade

Ao nos propormos uma caracterização do gênero *depoimento dos alcoólicos anônimos*, estamos afirmando que tal gênero é, para este grupo social, uma forma típica de ação verbal entrelaçada aos seus propósitos e crenças. Portanto caracterizar o gênero depoimento não é somente descrevê-lo enquanto estrutura, mas é, sobremaneira, descrevê-lo enquanto ação verbal típica de um evento comunicativo também típico (Miller,1984). É necessário, pois, conhecer, antes de tudo, este evento comunicativo: os sujeitos que utilizam o gênero, em que circunstâncias e com que objetivos o fazem. Partindo desta compreensão, decidimos dedicar o presente capítulo a essa descrição, atribuindo-lhe, assim, a devida relevância.

Para realizarmos tal descrição, dividimos o capítulo em duas partes. A primeira é dedicada a uma contextualização histórica do surgimento e desenvolvimento da Irmandade dos Alcoólicos Anônimos no mundo e no Brasil e a uma contextualização histórica das origens do grupo *on-line aa-sobriedade* que constitui o espaço de interação específico de nossa análise. A segunda parte faz uma descrição detalhada da irmandade a partir do conceito de comunidade discursiva desenvolvido por Swales (1990/92). Conceito este que nos possibilitou conhecer detalhadamente os propósitos e o sistema de crenças desta irmandade, assim como suas formas de funcionamento, suas regras de interação e sua identidade constituída através da linguagem.

3.1 - O contexto histórico

No decorrer de nossa pesquisa, enviamos à coordenação do grupo *on-line* de alcoólicos anônimos uma série de questionários (cf. anexo 4) cujos objetivos consistiram em conhecer de forma mais aprofundada os propósitos e princípios que regulam a interação entre os membros dessa irmandade. A nossas perguntas foram apresentadas respostas complexas, quase sempre relacionadas às origens e ao desenvolvimento histórico da irmandade. Tais respostas nos conduziram à percepção de que, para compreendermos com clareza os princípios, os propósitos e os mecanismos de interação dos alcoólicos anônimos, temos que necessariamente percorrer sua história, posto que é com base nessa história que poderemos constituir o contexto no qual está inserido o gênero depoimento. Sendo assim, este é o nosso próximo passo.

O que iremos apresentar aqui é apenas o resumo de uma detalhada narrativa que nos foi enviada pela coordenação do grupo *on-line* de alcoólicos anônimos, resumo do qual selecionamos primordialmente os dados e fatos que têm maior relevância para a explicação dos propósitos e dos princípios de funcionamento da irmandade.

3.1.1 - As origens da Irmandade dos alcoólicos anônimos

A Irmandade dos alcoólicos anônimos iniciou em 1935, em Akron, Ohio, Estados Unidos da América, com o encontro entre Bill W. e Dr. Bob, ambos alcoólicos desenganados pelos médicos, ex-membros dos grupos Oxford que tinham como objetivo central a disseminação de valores espirituais universais na vida diária. Tais grupos, apesar de não direcionarem suas ações para a problemática do alcoolismo, inspiraram a futura organização dos grupos de alcoólicos anônimos.

Os encontros entre o Dr. Bob e Bill proporcionaram uma frutífera troca de experiências que os conduziu à conclusão de que o alcoolismo era uma doença da mente, das emoções e do corpo. Após estes encontros, ambos pararam de beber e iniciaram um trabalho com os alcoólicos internados no hospital municipal de Akron. A partir deste trabalho, formou-se o primeiro grupo de alcoólicos anônimos. O segundo grupo surgiu em Nova York no mesmo ano e o terceiro, em Cleveland em 1939.

No início de 1939, a irmandade dos alcoólicos anônimos publicou seu livro básico, intitulado "Alcoólicos Anônimos". Neste livro, escrito por Bill, constava toda a filosofia e os métodos de funcionamento da irmandade que se edificaram sob as influências da religião, da medicina e da observação das necessidades e comportamentos dos próprios alcoólatras. Foi a partir da publicação deste livro que houve a expansão e disseminação dos alcoólicos anônimos, de tal forma que, ao final dos anos 50, já somavam cem mil alcoólatras em recuperação em todo o mundo.

A rápida expansão dos grupos provocou uma série de incertezas. Pairava sobre eles um temor quanto à quebra da unidade dos princípios e propósitos que norteavam suas ações. Como resposta a esta preocupação, no início de 1946, Bill codificou um conjunto de princípios que foram surgindo do debate entre os próprios grupos e que ficaram conhecidos como as Doze Tradições dos alcoólicos anônimos. Em 1950, as doze tradições foram submetidas à primeira Convenção Internacional dos Alcoólicos Anônimos e foram aprovadas como um guia para a ação da irmandade em todo o mundo. Tais tradições funcionam, ainda hoje, como instrumento unificador das atitudes, costumes e propósitos dos alcoólicos anônimos.

No ano seguinte, o escritório central da irmandade, localizado em Nova York, passou a realizar serviços tais como aconselhamento a novos grupos, serviços em hospitais e prisões, acompanhamento a alcoólatras que, por motivo de trabalho, não fixavam morada e portanto não podiam participar de um grupo específico (os chamados internacionalistas e solitários), publicação de folhetos para divulgação do programa de recuperação da irmandade, inclusive com tradução para várias línguas. Tais atividades deram um novo impulso ao crescimento dos grupos. Neste mesmo ano foi criada a Conferência de Serviços Gerais de Alcoólicos Anônimos que tomou para si a responsabilidade do funcionamento global da irmandade.

Desde então, Alcoólicos Anônimos se tornou uma irmandade mundial, demonstrando que a maneira de viver impressa pelos princípios do programa de recuperação podia superar quase todas as barreiras de raça, credo e idioma. A Reunião de Serviço Mundial, realizada pela primeira vez em 1969, vem ocorrendo a cada dois anos desde 1972, alternando sua sede entre Nova York e cidades de outros países.

3.1.2 - A história dos alcoólicos anônimos no Brasil

A origem dos alcoólicos anônimos no Brasil data de 1945, quando da passagem de Bob Valentine, amigo de Bill, pelo Rio de Janeiro. Ao chegar ao Rio, então capital do país, Bob conhece Lynn Goodale e repassa-lhe o programa de recuperação, presenteando-o, assim, com a sobriedade. De volta a Nova York, Bob passa à Fundação do Alcoólico, entidade responsável pelas correspondências entre membros da irmandade, o endereço de Lynn: estava plantada a primeira semente de alcoólicos anônimos no Brasil.

No ano seguinte, a Fundação do Alcoólico recebe uma correspondência de Herbert Daugherty, publicitário norte-americano, sóbrio desde 1945, quando conheceu alcoólicos anônimos em Chicago, que veio ao Rio de Janeiro para cumprir um contrato de trabalho por três anos. Neste período, Lynn já havia partido do Brasil.

A partir da carta-resposta da Fundação, Herbert recebe alguns nomes para contato no Brasil e alguns panfletos em espanhol para divulgação do programa de recuperação. Em setembro de 1947, surge o primeiro grupo formalmente reconhecido, o Núcleo de AA do Rio de Janeiro.

Uma das grandes dificuldades do grupo era a questão do idioma, já que o inglês era preponderante nas reuniões. Mesmo estando Herbert há dois anos no Brasil, não conseguia ainda expressar-se com fluência. Havia uma grande carência de tradução dos materiais remetidos pela Fundação do Alcoólico. Com esse quadro de dificuldades, era premente a necessidade de receberem membros que falassem fluentemente os dois idiomas. Por este motivo é relevante relatar a chegada ao grupo de Harold (não há registro de sobrenome), um anglo-brasileiro com um caso de alcoolismo tido como perdido. Quanto a este episódio, transcreveremos aqui uma passagem da narrativa que nos foi enviada pela coordenação do grupo on-line de alcoólicos anônimos:

(...) nesse primeiro encontro, Herberty contou a Harold (que havia bebido a manhã toda) a história de como tinha parado de beber, substituindo gole a gole, a bebida de seu copo por água pura, até que passasse a beber somente água. Como, após muitas tentativas frustradas, ele tinha sido capaz de evitar encher o copo com bebida alcoólica e, assim, evitar o primeiro gole. Ele falou também sobre o plano das vinte e quatro horas, sobre a melhora em sua vida pessoal e empresarial. Por fim, Herberty pediu a Harold que pusesse o sistema em prática e que quando ele parasse de beber, tentasse traduzir o máximo possível do folheto sobre AA que lhe entregara. Herberty havia trazido esse folheto dos Estados Unidos. Os dois

combinaram encontrar-se na Quarta-feira seguinte, no prédio da Associação Brasileira de Imprensa, no centro do Rio, para que Harold mostrasse o progresso com a tradução. Na data marcada, Harold teve um apagamento nas primeiras horas do dia, após ter tomado aquele que seria seu último gole, usando o método sugerido por Herberty. Apesar disto, naquela manhã, Harold barbeou-se, tomou banho, vestiu roupas limpas, comeu algo com a família incrédula e colocou-se a caminho – sóbrio, mas com uma terrível aparência- para encontrar-se com Herberty, levando algumas páginas do que tinha traduzido. Os dois encontraram-se no salão de café do prédio e, nesse encontro, um novo período de um mês foi fixado para que Harold, sóbrio, terminasse a tradução. Herberty iria mandar imprimir a versão em português. Demorou mais do que o esperado, mas no início de 1949, o panfleto estava impresso e começava a ser distribuído a todos que o solicitavam.

Neste ano, Herbert Daugherty encaminhou, ainda, um artigo cujo título era "Alcoolistas Anônimos: uma sociedade de fins meritórios." ao jornal O globo, divulgando o trabalho dos alcoólicos anônimos. O artigo apareceu na primeira página da edição de 16 de outubro de 1949 e repercutiu de tal forma que Herbert recebeu cerca de dez cartas de pessoas pedindo ajuda.

Em junho de 1949, quando Herbert retornou aos Estados Unidos, havia um grupo com doze membros sóbrios que se reuniam regularmente todas as segundas-feiras, à noitinha, numa pequena sala da Associação Cristã de Moços do Rio de Janeiro. Herbert apelidou o grupo de os doze desidratados. Depois foi formalmente chamado de O núcleo de AA do Rio de Janeiro e, finalmente, ficou com o nome de Grupo Rio de Janeiro de AA.

Em 1952, foram registrados os primeiros estatutos dos alcoólicos anônimos no Brasil e foi fundado o Grupo Central do Brasil que, durante esta década, ficou responsável pelas atividades da Irmandade no país. Surgiram, ainda, outros grupos em Belo Horizonte, Nova Friburgo e Salvador.

Entre 1962 e 1968, houve grande preocupação com a divulgação do trabalho desenvolvido, inclusive contando com a divulgação promovida por uma rádio novela, realizada pelo programa Homens, fatos e idéias da Rádio do Ministério de Educação e Cultura, que se referia à fase crítica de um alcoólatra e sobre a irmandade dos alcoólicos anônimos.

Outro fato importante para o desenvolvimento dos alcoólicos anônimos no Brasil trata da tradução e publicação do livro Alcoólicos Anônimos. Em 1968, o livro já traduzido, é submetido à avaliação do AA World Services, órgão responsável pela literatura oficial de AA que somente autoriza a publicação em abril de 1969.

Em 1977, ocorre, em Recife, a primeira Conferência de Serviços Gerais do Brasil resultante da criação da JUNTA NACIONAL DE ALCOÓLICOS ANÔNIMOS DO BRASIL (JUNAAB) que já contava com 29 delegados estaduais, representando 15 Estados e o Distrito Federal. Atualmente, o Brasil conta com cerca de 5.000 grupos de Alcoólicos Anônimos.

3.1.3 - A história do grupo on-line – AA Sobriedade

O grupo *on-line* de alcoólicos anônimos surgiu a partir da iniciativa de dois alcoólicos que se conheceram em salas de bate-papo da internet. Um destes alcoólicos estava sem beber há quinze anos e havia freqüentado os alcoólicos anônimos durante o primeiro ano de sobriedade, afastando-se posteriormente das reuniões, mas não abandonando o programa de recuperação; o outro era um alcoólico que estava desfrutando suas primeiras 24h de sobriedade. Ambos tinham em comum uma certa dificuldade com o excesso de proselitismo religioso que haviam encontrado nos grupos de alcoólicos anônimos que conheceram. Admitindo-se como membros agnósticos de alcoólicos anônimos, resolveram lançar uma sala de bate-papo em uma página na internet que pudesse vir a ser um ponto de encontro com outros alcoólicos que, como eles, desejavam cumprir o programa de recuperação sem a excessiva importância dos aspectos espirituais.

Em dezembro de 1997, colocaram no ar uma página em <http://www.geocities.com/HotSprings/Spa/6616/> denominada como AAA (Alcoólicos Anônimos Agnósticos). Dentre os freqüentadores da sala, alguns conheciam *grupos on-line* de AA em língua inglesa o que os conduziu à criação de uma estrutura técnica de um grupo em 1998: assim foi criada a lista de *e-mail* aa- sobriedade.

Com a divulgação do novo espaço de interação entre alcoólicos, o grupo ampliou e já não mais correspondia ao propósito inicial de reunir apenas alcoólicos agnósticos. Isto provocou a criação, em 26 de julho de 1998, de uma nova página (<http://pagina.de/sobriedade>) independente da página AAA, permanecendo o aa-sobriedade um *grupo on-line* que funcionava por meio de troca de mensagens eletrônicas entre seus membros.

Em 1999, foi formado um comitê de serviços para organizar o funcionamento do *grupo on-line*. Este comitê era formado por um coordenador, um tesoureiro, um apoio

técnico, um representante junto a OIAA (The Online Intergroup of Alcoholics Anonymous) e um representante de Serviços Gerais. O comitê de serviços e a reunião administrativa passariam a ocorrer em uma outra lista do mesmo grupo, a chamada lista de serviços.

Posteriormente foi criado o chamado Comitê Trabalhando com os Outros (CTO) cujo objetivo era atender aos pedidos de ajuda encaminhados ao grupo e criar estratégias de divulgação da mensagem através da internet.

Atualmente está sendo criado um distrito virtual com o outro grupo on-line em língua portuguesa, chamado AAbr com o qual o grupo aa-sobriedade está estabelecendo linhas de cooperação para trabalharem com os Escritórios de Serviços Gerais de AA dos países de língua portuguesa.

É importante salientarmos, ainda, que o funcionamento do *grupo on-line* responde aos mesmos objetivos dos grupos locais, ou seja, o compartilhamento de experiências na busca da sobriedade e segue os mesmos princípios de funcionamento, ou seja, as Doze Tradições nas quais estão transcritos os Doze Passos para recuperação de alcoólatras.

Segundo informação fornecida pelo próprio grupo, atualmente o *grupo on-line aa-sobriedade* conta com um total de 195 membros inscritos.

3.2 - A comunidade discursiva dos alcoólicos anônimos

Como apresentamos no capítulo anterior, a noção teórica a partir da qual procederemos a descrição da irmandade dos alcoólicos anônimos é a de Comunidade Discursiva apresentada por Swales (1992). Para este, toda e qualquer análise de gêneros que se proponha conseqüente deve preocupar-se com a descrição da comunidade que utiliza os gêneros. Para tanto, Swales postulou que o conceito de comunidade discursiva requer, para sua caracterização, o preenchimento de seis critérios que resumimos a seguir: 1) a existência de objetivos públicos comuns da comunidade; 2) a presença de mecanismos de intercomunicação entre seus membros; 3) a utilização de mecanismos para fornecer participação e feedback; 4) o compartilhamento de um ou mais gêneros; 5) o compartilhamento de um léxico específico; 6) a manutenção do equilíbrio entre membros iniciantes e membros experts. Em 1992, Swales reavalia tais critérios, tornando-os mais flexíveis e acrescentando-lhes como novos critérios, a importância de se manter um sistema

de crenças e a garantia de um espaço profissional; as possibilidades de expansão do léxico e de evolução dos gêneros e a existência de uma estrutura hierárquica implícita e explícita na composição da comunidade. (Estes critérios já foram detalhadamente explicados no capítulo anterior.)

Nos itens que seguem, retomaremos cada um desses critérios, adequando-os à realidade da irmandade dos alcoólicos anônimos com o objetivo de caracterizá-la como uma comunidade discursiva.

3.2.1 - Os objetivos e propósitos da comunidade discursiva dos alcoólicos anônimos

Neste item do presente capítulo, pretendemos demonstrar que a Irmandade dos alcoólicos anônimos compartilha objetivos públicos comuns como aponta o primeiro critério desenvolvido por Swales (1990) e que tais objetivos são conformados por um conjunto de princípios e propósitos, conhecidos como os Doze Passos e as Doze Tradições (cf. anexos 2 e 3) que são compartilhados pelos membros da Irmandade em todo o mundo.⁶

Para esclarecer melhor como funcionam tais propósitos e princípios, começaremos por expor a definição de alcoólicos anônimos formulada pela própria irmandade: *Alcoólicos Anônimos é uma irmandade mundial de homens e mulheres que se ajudam mutuamente a manter a sobriedade e que se oferecem para compartilhar livremente sua experiência na recuperação com outros que possam ter problemas com seu modo de beber.*⁷

Os Alcoólicos Anônimos preocupam-se unicamente com a recuperação pessoal e contínua dos alcoólicos que procuram a ajuda da irmandade. Tal recuperação é promovida através do compartilhamento de experiências semelhantes relacionadas ao problema do alcoolismo que é considerado como uma doença física, mental e espiritual que se desenvolve progressivamente sem a possibilidade de obtenção de cura. Assim, para esta irmandade o programa de recuperação está pautado no controle e não na cura da doença. Para os Alcoólicos Anônimos, não há possibilidade de algum dia um alcoólico poder voltar a beber socialmente, não há meio-termo, não há ex-alcoólico; uma vez ingerido "o primeiro

⁶ Optamos por grafar as iniciais destas palavras com letras maiúsculas porque assim o fazem os membros da Irmandade dos Alcoólicos Anônimos.

⁷ Livro Alcoólicos Anônimos, também conhecido como Livro azul.

gole", as conseqüências da doença podem reaparecer. Isto explica porque o objetivo central do alcoólico em recuperação é evitar a cada dia a ingestão do primeiro gole e para tanto é essencial um equilíbrio espiritual e emocional que somente a interação com outros alcoólicos pode promover.

Por este motivo, a unidade básica da Irmandade de Alcoólicos Anônimos é o *grupo local* (grupo do bairro ou cidade) que realiza reuniões regulares abertas a não-alcoólicos ou fechadas aos membros da irmandade nas quais os membros relatam suas experiências. Segundo informações que colhemos junto ao Comitê Trabalhando com os Outros (CTO) do grupo aa-sobriedade, tais experiências geralmente estão relacionadas aos Doze Passos mundialmente sugeridos como programa de recuperação para alcoólicos e às Doze Tradições que regulam o funcionamento interno da irmandade assim como suas relações exteriores.

Começaremos pelo tratamento das Doze Tradições (cf. anexo 3) que, como já afirmamos, funcionam como um guia mundial para o funcionamento dos grupos de alcoólicos anônimos. A primeira tradição ressalta que o primeiro objetivo da irmandade é a reabilitação de seus membros e que esta depende da unidade dos grupos. A segunda tradição chama atenção para a crença de que não há chefes ou autoridades que detenham poder para governar a irmandade, posto que aqueles que, esporadicamente, ocupam posição de liderança, o fazem em nome de um Poder Superior que existe na consciência coletiva de seus membros. Sobre este Poder Superior é importante esclarecer que sua significação é bastante ampla. Segundo informação colhida em entrevista com os membros de Alcoólicos Anônimos, a irmandade não está ligada a qualquer organização religiosa e a idéia de um Poder Superior é interpretada diferentemente por seus membros. Para alguns este poder é Deus (em suas diversas manifestações), para outros é a energia proporcionada pelo próprio grupo. É por este motivo que, nos depoimentos que analisamos, a expressão Poder Superior está geralmente acompanhada da expressão " da forma como o concebemos".

A terceira tradição, diz respeito ao critério para a adesão de novos membros. Segundo este critério, para ser membro de Alcoólicos Anônimos basta manifestar o desejo de parar de beber. Acreditamos que esta tradição exerce uma influência determinante sobre a forma através da qual se manifesta a abertura dos depoimentos dos alcoólicos anônimos. Sobre isto discutiremos posteriormente.

A Quarta tradição afirma que os grupos de alcoólicos anônimos devem ser autônomos, salvo em assuntos que digam respeito a outros grupos ou a assuntos que digam respeito à irmandade como um todo.

A Quinta tradição lança luzes sobre o objetivo central da irmandade, lembrando que seu propósito primordial é transmitir sua mensagem ao alcoólico que ainda sofre.

A Sexta tradição postula a sanção aos grupos de alcoólicos anônimos quanto ao empréstimo do nome da irmandade a quaisquer atividades que sejam alheias a seus objetivos. Esta tradição proíbe que os grupos e a irmandade como um todo estabeleçam vínculos com quaisquer empreendimentos que visem dinheiro, propriedade e prestígio. A sétima tradição retoma a questão da autonomia, proibindo qualquer grupo ou membro da irmandade de aceitar doações externas ao grupo.

A oitava tradição salienta que a irmandade deve manter-se não-profissional. Isto significa dizer que, apesar de possuir alguns funcionários para a prestação de serviços aos seus organismos, estes não são empregados, mas companheiros que ajudam no funcionamento dos serviços da irmandade. A nona tradição reforça a oitava, salientando que Alcoólicos Anônimos não pode ser entendida como uma instituição, uma empresa ou qualquer tipo de grupo profissional, Alcoólicos Anônimos é uma irmandade.

Segundo a décima tradição, o nome dos Alcoólicos Anônimos jamais deve ser envolvido em controvérsias públicas, ou seja, a irmandade não deve emitir opinião sobre questões que lhes sejam alheias.

A questão do anonimato é tratada na décima primeira tradição. Esta tradição afirma que as relações entre Alcoólicos Anônimos e o público devem basear-se na atração e não na promoção de seus membros, assim não é aconselhável a exposição pública.

Por fim, a décima segunda tradição reforça a questão do anonimato, ressaltando que os interesses da Irmandade estão acima dos interesses pessoais e que portando não é aconselhável qualquer tipo de promoção individual. Parece-nos que a questão do anonimato visa antes de tudo manter a unidade do coletivo, evitando que algum membro tente se promover pessoalmente através do nome da Irmandade. Portanto deve ficar claro que o anonimato diz respeito aos indivíduos e não à Irmandade como um todo. A irmandade não é anônima, anônimos são seus integrantes.

Como podemos perceber, as Doze Tradições funcionam como uma carta de princípios que recomenda formas de comportamento dos alcoólicos anônimos dentro da

própria irmandade, assim como suas relações externas. Quando nos referimos a comportamento incluímos aqui também o comportamento verbal, tendo em vista que também na realização do depoimento podemos perceber a interferência direta dessas tradições. Isto será objeto de discussão no capítulo 4.

Ao lado das Doze Tradições encontramos os Doze Passos de Alcoólicos Anônimos que consistem em um conjunto de princípios espirituais que dizem respeito às atitudes necessárias para a passagem da condição de alcoólico na ativa para a condição de alcoólico em recuperação. A origem dos Doze Passos remonta à influência que os Grupos Oxford exerceram sobre a filosofia dos Alcoólicos Anônimos, posto que tais grupos recomendavam a execução de alguns passos para a sedimentação das virtudes e do carácter. Inspirado em tais passos, nas idéias de William James, autor de *As variedades da experiência religiosa*, e na fundamentação da medicina fornecida pelo doutor William D. Silkworth, um dos co-fundadores da Irmandade, Bill W. redigiu os Doze Passos, adequando-os às necessidades dos alcoólicos. A seguir veremos em que consistem os Doze Passos.

O primeiro passo consiste em admitir a impotência ante o álcool, ou seja, admitir a própria condição de alcoólico, aquele que não é capaz de controlar o consumo de bebida alcoólica. Para a irmandade, realizar este passo é condição necessária para o início da recuperação, pois enquanto o indivíduo não aceita sua condição de alcoólico, não aceita sua incapacidade de controlar o álcool, não consegue se desenvolver dentro do programa.

Para os primeiros membros dos Alcoólicos Anônimos, este passo consistia na admissão de que não é possível controlar o alcoolismo sem antes chegar ao "fundo do poço", ou seja, chegar ao reconhecimento de uma situação de destruição total de suas vidas.

No início do processo de construção da irmandade, este princípio não foi aceito com facilidade, posto que significava o reconhecimento e a exposição do fracasso pessoal. Exatamente por este motivo, os primeiros alcoólicos que assumiram a implementação dos Doze Passos, eram indivíduos cujas vidas já haviam sido destruídas pelo alcoolismo e que, portanto, não tinham mais como esconder ou negar o seu fracasso pessoal. Com o desenvolvimento e a expansão da irmandade, dela aproximaram-se outros alcoólicos portadores de casos menos dramáticos. Para estes que ainda não haviam chegado ao fundo do poço, era mais difícil, ainda, aceitar a realização do primeiro passo. Para convencê-los, os primeiros membros dos Alcoólicos Anônimos, já resgatados do fundo do poço pelo cumprimento dos Doze Passos, sedimentaram a idéia de que somente o depoimento

detalhado de suas experiências com o alcoolismo poderia funcionar como argumento capaz de atrair estes membros novatos sem que antes eles tivessem que necessariamente chegar ao fundo do poço, ou, ao menos, que o fundo do poço se tornasse mais raso.

Podemos sugerir, portanto, que a realização do primeiro passo como primeiro propósito do programa de recuperação exerce uma influência especial sobre a condução e organização retórica do gênero depoimento. Sedimentaremos esta afirmação no capítulo dedicado à análise da organização retórica do gênero.

Após o reconhecimento de sua impossibilidade de controle frente ao álcool, o alcoólico deve acreditar que existe um Poder Superior capaz de ajudá-lo na difícil tarefa de evitar a ingestão do primeiro gole e que este Poder Superior pode ser livremente interpretado pelos membros da irmandade, tomando a forma que melhor se adeque à crença de cada um. Assim é que para alguns membros da Irmandade o Poder Superior é Deus, para outros é a força do próprio grupo e para outros, ainda, é a força de vontade que surge em cada alcoólico individualmente. Esta crença está recomendada no segundo e no terceiro passos.

O quarto passo recomenda a realização de um inventário moral que tem como objetivo fazer com que o alcoólico ponha-se frente a frente com todos os seus defeitos de carácter na busca de reconhecê-los para minimizá-los.

A efetivação do quarto passo conduz o alcoólico em recuperação ao quinto passo que recomenda que o alcoólico deve admitir perante Deus, perante si mesmo e perante outro ser humano, a natureza exata de suas falhas. A confissão é, para os Alcoólicos Anônimos, condição necessária e indispensável para manter a sobriedade.

Os sexto e sétimo passos sugerem que o alcoólico entregue-se prontamente à crença de que somente o Poder Superior pode ser capaz de remover os defeitos de carácter inventariados nos passos acima.

Os passos seguintes (oitavo e nono passos) sugerem que seja feita uma lista de todas as pessoas que foram prejudicadas pelas atitudes do alcoólico e que os danos a tais pessoas sejam, na medida do possível, reparados.

O décimo passo reforça a necessidade da continuidade do inventário pessoal; o décimo primeiro reforça a crença no Poder Superior e, por fim, o décimo segundo recomenda que o alcoólico ao ter conseguido, através do programa de recuperação, controlar sua doença, tem a obrigação moral de transmitir esta experiência a outros que

ainda sofrem com o alcoolismo. A doação de experiências é, portanto, o elo entre o alcoólico na ativa e o alcoólico em recuperação.

Os Doze Passos, assim como as Doze Tradições estão expressos em quase toda a bibliografia dos Alcoólicos Anônimos e representam, sem dúvida, os propósitos e os princípios que são compartilhados pelos membros da irmandade em todo o mundo. Assim, reafirmamos a associação destes passos com o critério dos objetivos públicos propostos por Swales (1990).

3.2.2 - Os mecanismos de intercomunicação entre os membros da comunidade discursiva dos alcoólicos anônimos

O segundo e o terceiro critérios propostos por Swales para a caracterização da comunidade discursiva; dizem respeito à presença de mecanismos de intercomunicação, participação e feedback entre os membros da comunidade. Quanto ao segundo critério, podemos salientar que a Irmandade dos Alcoólicos Anônimos possui uma vasta literatura que inclui livros, revistas, boletins, folhetos que funcionam como instrumento de divulgação de informações. Podemos citar como principal exemplo disto, a revista VIVÊNCIA cuja primeira publicação data de novembro de 1985, em Campo Grande (MS), com uma tiragem de 5.000 exemplares. Posteriormente a sede da revista passou a Brasília, depois a Fortaleza e, finalmente, em 1993, a revista passou a ser editada em São Paulo com uma tiragem de 8.000 exemplares. A partir da primeira edição de 1994, passou a ser editada a cada dois anos. Atualmente, a revista conta com cerca de 7.000 assinantes assíduos e com uma tiragem de 10.000 exemplares.

A revista VIVÊNCIA é uma publicação da Junta de Serviços Gerais dos Alcoólicos Anônimos no Brasil, através de seu Comitê de Publicações Periódicas. Veicula artigos retratando o modo de vida de Alcoólicos Anônimos, tomando como base as experiências pessoais dos membros da Irmandade. Publica também artigos de pessoa não-alcoólatras que colaboram espontaneamente com a revista.

A revista é bimestral e a cada edição, ao menos, oito matérias são relativas a um tema específico. As demais matérias tratam de assuntos gerais, inclusive apresentam depoimentos e artigos traduzidos de revistas estrangeiras de Alcoólicos Anônimos. Há

também seções para divulgação de eventos, assuntos ligados à Irmandade na Internet, além de todos os endereços dos escritórios locais dos Alcoólicos Anônimos no Brasil.

Segundo documento que recebemos do Comitê trabalhando com os Outros (CTO) do grupo aa-sobriedade, a revista VIVÊNCIA além de representar um importante fórum para troca de experiências, funciona como uma amostra atual do pensamento e evolução dos Alcoólicos Anônimos no Brasil.

Quanto ao terceiro critério, a participação dos membros da Irmandade em grupos locais, que se reúnem regularmente para troca de experiências, e as interações através da internet funcionam como canais para participação e feedback.

Passemos agora à questão lançada pelo quarto critério proposto por Swales (1990), a utilização e o conhecimento compartilhado de um ou mais gêneros pela comunidade.

3.2.3 - Os gêneros compartilhados pela comunidade discursiva dos alcoólicos anônimos

Ao elaborar o conceito de comunidade discursiva, Swales (1990) dá especial importância à indissociável relação entre a comunidade discursiva e os gêneros que dão forma verbal aos seus propósitos. Apesar de não concordarmos com a proposição de que gêneros são propriedades exclusivas de comunidades discursivas, como afirma Swales, concordamos inteiramente com a idéia de que os gêneros funcionam como espaço verbal no qual os propósitos que regulam a interação organizam-se e materializam-se em enunciados.

Este ponto será, neste momento, tratado de forma breve posto que será alvo de uma discussão detalhada no próximo capítulo no qual lançaremos luzes sobre a caracterização do gênero depoimento dos Alcoólicos Anônimos. No momento, tentaremos esclarecer quais os gêneros compartilhados pela Irmandade em geral e pelo *grupo on-line aa-sobriedade* em particular.

Em primeiro lugar devemos salientar que são variados os gêneros que circulam como mecanismos de intercomunicação entre os membros dos Alcoólicos Anônimos. Tal variedade engloba artigos de opinião publicados em revistas, panfletos de divulgação, depoimentos proferidos nas reuniões dos grupos locais ou remetidos por *e-mail* nas interações do *grupo on-line*, entre outros. A seguir deter-nos-emos no tratamento dos

gêneros que circulam, especificamente, nas interações *do grupo on-line aa-sobriedade* já que este é o nosso universo de análise.

O grupo aa-sobriedade, como já apresentamos, funciona como uma célula da Irmandade dos Alcoólicos Anônimos e, portanto, está ligado aos seus propósitos e princípios de funcionamento tal como os grupos locais. Segundo declarações colhidas através de questionários remetidos ao grupo (cf. anexo 4), não há diferenças entre os grupos locais e o *grupo on-line* quanto ao conteúdo das mensagens e aos propósitos que os movimentam.

Compreendemos que a diferença consiste nas mudanças das regras interativas que são requisitadas por uma interação face a face, própria dos grupos locais, e por uma interação à distância, própria do grupo on-line.

Para esclarecer melhor esta questão, vejamos brevemente como funcionam os dois tipos de grupo. Os grupos locais reúnem-se semanalmente em reuniões fechadas e em reuniões abertas ao público, sendo as últimas o objeto de nossos comentários.

Para iniciar as reuniões abertas dos grupos locais, três membros efetivos do grupo formam a mesa coordenadora da sessão, sendo um deles escolhido como presidente da mesa. Este encarrega-se de abrir a sessão, saudando os presentes, apresentando comunicados sobre questões referentes à organização do grupo ou sobre outros assuntos e convidando os membros presentes a iniciarem a sessão, propriamente dita, através do pronunciamento coletivo da chamada *Oração da Serenidade* (cf. anexo 5). Em seguida, são iniciados os depoimentos. É importante salientar que sobre a mesa onde ficam sentados os coordenadores da reunião, há um livro no qual aqueles que desejam realizar um depoimento devem assinar antes de iniciada a sessão. Feito isto, os coordenadores da mesa chamam os indivíduos que realizarão depoimentos, seguindo a ordem das assinaturas.

Após ser chamado, o depoente encaminha-se à *cabeceira de mesa*⁸, ou seja, coloca-se ao lado da mesa coordenadora, de frente para os ouvintes e inicia seu depoimento proferido sem determinação de tempo e sem qualquer tipo de interrupção por parte dos ouvintes. Desta forma, o feedback dos interlocutores se dá através de gestos ou expressões faciais ou ao final das reuniões quando, geralmente, há um momento de confraternização destinado a conversas informais.

⁸ Termo utilizado pelos membros da Irmandade dos Alcoólicos Anônimos.

O grupo on-line, por sua vez, possui dois mecanismos básicos de interação: as salas de bate-papo e as listas de discussão. Segundo informou-nos o CTO (Comitê Trabalhando com os Outros) do grupo aa-sobriedade, as salas de bate-papo seguem o mesmo ritual dos grupos reais, mas funcionam como reuniões fechadas das quais somente alcoólatras podem participar. Eis o motivo pelo qual não nos é possível descrever tal tipo de interação com maiores detalhes.

Já as listas de discussão consistem numa modalidade assíncronica de comunicação mediada por computador. Isto significa dizer que as listas são correios eletrônicos adaptados para uma comunicação de muitos a muitos. (McCleary, 1996), ou seja, funcionam através da distribuição de *e-mails* que são remetidos para um endereço eletrônico central que, por sua vez, reenvia as mensagens para todos os membros inscritos na lista.

Este carácter assíncronico também nos informa que a interação não conta com a presença simultânea dos interlocutores na rede de comunicação, fato que gera uma certa distância entre o momento do envio das mensagens e o momento de seu recebimento. Outro fator a ser observado é que muitos membros da lista não abrem suas caixas de correio cotidianamente, provocando, assim, acúmulo de mensagens e um maior distanciamento entre o envio e o recebimento. Esta é uma importante distinção entre os grupos locais e os *grupos on-line*.

É importante salientar, ainda, que a lista aa-sobriedade caracteriza-se por ser uma lista fechada e monitorada. Fechada, porque somente aceita mensagens dos endereços assinados e monitorada, porque as mensagens passam por um corpo editorial que verifica problemas tais como : *e-mails* endereçados erroneamente, mensagens defeituosas ou *e-mails* de pessoas que não estão inscritas no grupo, mas que por motivos variados desejam algum tipo de informação, estes últimos são enviados para outra lista organizada pelo CTO. Esclarecemos, por outro lado, que os editores não realizam qualquer tipo de censura em mensagens remetidas por membros assinantes da lista.⁹

McCleary (1996), ao conceituar listas de discussão salienta que as mensagens enviadas e recebidas por este tipo de modalidade devem girar em torno de um tema central, sendo considerado um ruído na comunicação o envio e o recebimento de quaisquer mensagens que fujam a tal tema. Também são consideradas como ruídos mensagens que

⁹ Estas informações foram fornecidas pelo Comitê Trabalhando com os Outros do grupo aa-sobriedade.

objetivem realizar contatos pessoais entre membros das listas, sendo indicado para isto o contato direto com os endereços eletrônicos particulares de cada indivíduo.

Como na maioria das listas, as mensagens enviadas pela lista aa-sobriedade, giram em torno de um objetivo comum que, no caso, consiste na troca de experiências com vistas à realização do programa de recuperação dos alcoólicos anônimos, ou seja, na troca de depoimentos. No entanto, é também verdade que na lista aa-sobriedade circulam mensagens cujos conteúdos fogem a este objetivo, ao menos de forma direta, mas que, ao contrário do que afirma McCleary (1996), não constituem ruído na comunicação, pois são mensagens plenamente aceitáveis e esperadas pelos membros da lista. Isto nos leva a considerar que a lista aa-sobriedade não constitui uma típica lista de discussão. Como resultado disto, é considerável a variedade de mensagens que circulam nas interações entre os membros da lista.

Há mensagens que têm como objetivo tratar as questões organizacionais e administrativas do grupo e que, portanto, veiculam gêneros como avisos, solicitações, pedidos de admissão e desligamento da lista, entre outros. Há mensagens, intituladas por McCleary (1996) de correspondências particulares, cujo objetivo consiste em estabelecer contato pessoal entre determinados membros da lista. Há, ainda, as chamadas correspondências repassadas (McCleary, 1996) que se caracterizam pelo repasse, por um membro da lista para os demais, de textos originados e produzidos fora da lista.

Para caracterizar, de forma mais detalhada, os objetivos das mensagens veiculadas pela lista de discussão aa-sobriedade, apresentaremos, a seguir, o resultado da análise de 170 *e-mails* dentre os quais conseguimos reconhecer dez tipos de mensagens com objetivos diferentes. Gostaríamos de salientar, porém, que não assumimos o compromisso de descrever detalhadamente os gêneros impressos nestes *e-mails*, uma vez que nosso interesse específico recai sobre o gênero depoimento que, na nossa compreensão, é o gênero típico da comunidade discursiva dos Alcoólicos Anônimos, posto que é o único que expressa enunciados típicos estruturados em uma organização retórica típica que esteja relacionada aos princípios e propósitos da Irmandade.

Na realidade, o que iremos realizar é tão somente uma apresentação desses diversos tipos de *e-mails* para, por meio de contrastes, delinear os aquilo que podemos reconhecer como depoimento.

Para a observação destes contrastes, observemos o quadro 03.

Quadro 03 – mensagens que transitam nas interações do grupo aa-sobriedade

Tipos de e-mails	Quantidade	Objetivos
<i>E-mail 1</i>	61	Troca de experiências através de depoimentos
<i>E-mail 2</i>	36	Manter o fio dialógico
<i>E-mail 3</i>	19	Comentar um outro <i>e-mail</i> específico
<i>E-mail 4</i>	16	Apresentar mensagens de conteúdo técnico ou acerca do funcionamento organizacional do grupo lista.
<i>E-mail 5</i>	12	Saudar a chegada de novos membros do grupo
<i>E-mail 6</i>	10	Refletir sobre temas variados
<i>E-mail 7</i>	06	Contar como passou o dia
<i>E-mail 8</i>	05	Enviar correspondência repassada
<i>E-mail 9</i>	03	Requisitar entrada no grupo
<i>E-mail 10</i>	02	Fazer perguntas sobre o alcoolismo
Total	170	

Como podemos ler no quadro acima, o tipo de *e-mail* que mais circula entre os membros da lista (61) é aquele destinado à troca de experiências relacionadas ao alcoolismo através do gênero depoimento que será estudado detalhadamente no capítulo seguinte.

O segundo maior volume de *e-mails* (36) diz respeito à manutenção do fio dialógico entre os membros da lista. Tais *e-mails* carregam mensagens curtas que têm como objetivo apresentar, para o grupo, algum sinal de participação. Muitas vezes, estas mensagens expressam concordância ou simpatia por algo que foi dito em outra mensagem; outras vezes, funcionam simplesmente para informar ao grupo que o autor do *e-mail* está atento às mensagens que circulam na lista, outras vezes, ainda, surgem para desejar um "bom dia" ou "uma boa semana", ou mesmo, para parabenizar alguns membros do grupo por seus aniversários de sobriedade.

Vejamos alguns exemplos que podem tornar mais claras nossas afirmações¹⁰:

(2)

¹⁰ Por questões éticas ocultaremos nomes, datas, endereços eletrônicos e lugares nas mensagens transcritas. Para os nomes utilizaremos o código XXXX que se estenderá aos endereços eletrônicos, para datas

XXXX < xxx@xxx.com.br >
 Data : >> de outubro de 1999
 Para : < aa-sobriedade@egroups.com >
 Assunto: [aa-sobriedade] Re: depoimento

XXXXX, 24 horas.
 Tenho lido tuas mensagens, somos iguais, continues escrevendo.
 XXXXX

No exemplo (2), o teor da mensagem esclarece a confirmação de que a interação está ocorrendo, como também estabelece a construção de uma identificação entre os interlocutores. Este tipo de mensagem é bastante recorrente e extremamente importante posto que preenche a ausência de manifestações paralingüísticas como um acenar de cabeça; ou um sorriso de identificação que, como já afirmamos, são recursos comuns nas reuniões dos grupos locais. Já em (3) abaixo, o membro do grupo justifica-se por sua ausência na troca de *e-mails*, mas confirma sua participação através da leitura destes.

Este tipo de mensagem tem como objetivo central a confirmação da participação no grupo que se faz necessária uma vez que, diferentemente dos grupos locais nos quais a simples presença física já representa tal confirmação, no *grupo on-line*, não há como saber se um membro que envia uma mensagem uma vez e depois não mais o faz, continua ou não participando da lista.

(3)
 De: XXXX < xxx@xxx.com >
 Para: aa-sobriedade@egroups.com
 Data: >> de outubro de 1999
 Assunto: [aa-sobriedade] Re: moita

Querida XXXX,
 Tenho ficado um pouco na moita, conforme já falei anteriormente apenas porque recebo uma média de 15 a 20 mensagens por dia e como não tenho tido muito tempo de abrir o correio, quando o faço encontro cerca de 80 a 120 mensagens!!!! Então prefiro ler todas aos poucos e responder algumas, mas assim que passar esta fase, estarei participando mais.
 Felizes 24 horas para todos
 Abraços
 XXXX

Em (4), encontramos uma mensagem que busca gerar e desenvolver laços de afetividade tais como aqueles que temos com pessoas com as quais interagimos

utilizaremos o código >> e para lugares, utilizaremos uma linha tracejada (-----). Manteremos também os

cotidianamente. Uma simples mensagem para desejar um *bom dia* pode funcionar como uma forte motivação para que a interação se faça mais contínua.

(4)

*De: XXXX <xxxx@xxxx.com >
Para: aa-sobriedade@egroups.com
Assunto: [aa-sobriedade] ops...bom dia
Data: >> de Abril de 1999*

*Oi companheiros, XXXX alcoólico aqui.
Pois abri agora cedo aqui no escritório a caixa de correio e não encontrei a mensagem de bom dia. Deve ser porque hoje é minha vez,
Então, BOM DIA!!!!!!
Um abraço a todos
XXXX*

Por fim, no exemplo (5), temos um outro tipo de mensagem bastante recorrente que é a felicitação por uma data que marque o aniversário de sobriedade. Este tipo de mensagem também busca suprir a ausência de um ritual que é comum nos grupos locais, o ritual da troca de fichas. Tal ritual consiste na entrega de fichas coloridas aos membros para simbolizar o reconhecimento e a alegria compartilhada pelas semanas, meses e anos vividos em sobriedade.

(5)

*De: XXXX <xxxx@xxxx.com.br >
Para: aa-sobriedade@egroups.com
Data: >> de outubro de 1999
Assunto: [aa-sobriedade] Re: 4000*

*Companheiro XXXX,
Do coração, eu o felicito por ter 4000 dias sem usar o primeiro gole. Parabéns! Parabéns! Parabéns! Desculpe o atraso, mas só agora que estou lendo o seu e-mail. Só por hoje estou fazendo 6 meses no dia 30 de novembro, depois de 4 recaídas consecutivas. Abraço carinhoso, XXXX*

O terceiro tipo de *e-mail* de maior incidência nas interações do grupo aa-sobriedade (19) corresponde a comentários avaliativos de outras mensagens. Tais comentários geralmente são longos, consistem em uma avaliação detalhada do conteúdo da mensagem em questão e projetam-se principalmente sobre *e-mails* cujo conteúdo é um depoimento ou

uma reflexão sobre um tema específico. Percebamos melhor a realização destes comentários no exemplo (6) que segue:

(6)

*De: XXXX xxxx@xxx.com.br
Para: aa-sobriedade@egroups.com
Assunto: [aa-sobriedade]
Data: >> de outubro de 1999*

Oi XXXX, você escreveu hoje – >> de outubro de 1999:

"Aqui XXXX alcoólico, tentando e não conseguindo a tão sonhada sobriedade... eu tinha certeza de que aqui eu receberia atenção, eu tinha certeza porque eu vou em lugares onde as pessoas me tratam mal ? porque permito que pensamentos me dominem desse jeito? ... eu penso muito, falo pouco e entro em ação menos ainda. Pensei em dizer mil coisas ,as agora sentei para escrever este nada me vem na cabeça...quanto mais argumento eu acho para não ir a uma sala de AA mais atolado eu fico...Acho que é a lei de Ação e reação, quanto mais eu nego e finjo não precisar de ajuda, mais forte o alcoolismo fica em mim, mais atolado eu fico, mais sem ação eu fico, mais os meus pensamentos me dominam..."

em >> de Setembro de 1998, um amigo, então recém chegado escrevia:

"...quando enviei o e-mail disse 'eu quero parar de beber', mas não disse que ainda não tinha parado, a algum tempo atrás achei na Web o livro azul do AA, li alguns capítulos se não me engano os quatro primeiros, gostei muito do li, mas minha vida toda parece que ainda está por fazer, está por começar e eu não tomei a decisão ainda... eu basicamente reconheço que tenho problema com o álcool, eu nunca sento pra tomar uma cerveja, se for pra começar não vai ficar só na primeira, mesmo que a intenção inicial seja esta. Reconheço também que nunca vou conseguir dominá-lo, qu um poderei levar um vida normal tomando uma cervejinha no final de semana. Não frequento o AA estive lá uma vez para ver como era, fui bem recebido, não voltei mais lá..."

pois é XXXX... cada um tem a sua própria hora... o próprio ritmo... uns demoram mais, outros menos... sofrem e fazem sofrer mais ou menos que outros... alguns até morrem antes de chegar o seu momento... talvez por isto XXXX seja preciso que também ajudemos um pouquinho. Não com força de vontade (isto não funciona pra bêbado), nada disto. Nada de força! Mas sem dúvida sempre será necessário um mínimo de boa vontade.

Pode ser que você nem lembre, mas a pouco mais de um ano foi escrito aqui na lista: ..." o primeiro passo para o alcoólico parar de beber é QUERE PARAR DE BEBER, mas XXXX tem um pequeno detalhe que engana a muitos... (EU ME ENGANEI DURANTE MUITO TEMPO)... o detalhe XXXX é que na realidade você talvez ainda não se tenha decidido parar de beber... talvez você AINDA NÃO QUEIRA PARAR de beber... Você pode estar em uma fase que eu conheci bastante... é uma fase onde nos procuramos tapear: TALVEZ VOCÊ ESTEJA QUERENDO QUERER PARAR de beber... tenta encurtar esta etapa para diminuir a sua angústia. Este quer não quer é igual à aquela velha história do senta, levanta, senta, levanta... não amorrota nem perde o vinco... MAS VAI FAZER VOCÊ SOFRER UM BOCADO... Dá um BASTA nestas dúvidas e mergulha que dá pé XXXX... vamos nesta XXXX!... sai do querer querer para o realmente QUERER PARAR DE BEBER... você não tem nada a perder...só pode vir a ganhar. Inclusive é de graça (o que vai lhe economizar uma grana com psiquiatras)..."

É isto aí XXXX, espera o fundo do poço NÃO! Começa AGORA, Cara quem sabe ESTE AGORA É O SEU MOMENTO? Dê-se ao menos uma oportunidade e enquanto isto escreva... escreva... escreva muito sem criticar ou reler – manda bal, bota prá fora...compartilha, com certeza isto só pode lhe fazer bem! Pode acreditar que você não irá deixar ninguém chocado ou ofendido com seja o que for que escreva...você está no seu meio... todos aqui em maior ou menor grau, passamos por algumas ou todas as fases pelas quais você passou e está passando...

XXXX

Cada vez mais convicto de que nada acontece por acaso.

É comum no tipo de *e-mail* acima exemplificado a inserção do texto comentado que pode ser feita no início ou no final do corpo do *e-mail* e tem como objetivo facilitar a compreensão dos comentários aos membros da lista que por algum motivo não tenham lido o texto de origem.

Uma conseqüência da questão acima é a construção de um discurso baseado no discurso relatado. Ou seja, a presença do discurso relatado é uma dimensão essencial para a constituição do próprio conteúdo do discurso que constrói o comentário.(cf. Maingueneau,1993)

A presença do discurso relatado nestes comentários constitui um fenômeno daquilo que Maingueneau (1993) denominou de intertextualidade interna, posto que tende a privilegiar a citação de textos próximos. Isto é provocado pela própria configuração da comunidade discursiva que é formada exclusivamente por alcoólatras e pelas características da modalidade *lista de discussão* que normalmente gira em torno de interesses e, conseqüentemente, temas comuns.

Algo que nos chamou a atenção durante esta análise, é que a presença do discurso relatado constitui uma forte distinção entre os depoimentos proferidos no grupo on-line e nos grupos locais. Nestes últimos, os discursos não fazem referência à fala de outros; fenômeno que é comum nos depoimentos por *e-mail*.

O quarto tipo de *e-mail* com um total de 16 exemplares tem como objetivo central informar sobre questões técnicas ou ainda discutir questões relacionadas ao funcionamento interno da lista. Pelo que pudemos perceber, apenas algumas mensagens deste tipo são remetidas ao grupo aa-sobriedade, aparentemente aquelas que são de grande relevância para a totalidade do grupo lista. Afirmamos isto, considerando a informação fornecida por um membro do grupo que muito gentilmente prontificou-se a responder nossas perguntas e que nos esclareceu sobre a existência de uma outra lista que trata especificamente das questões

internas e organizacionais do grupo. Esta lista é coordenada por membros eleitos pela totalidade do grupo aa-sobriedade, mas é aberta à participação de todos os membros. Acreditamos, por conseguinte, que a maioria dos *e-mails* que versam sobre as questões organizacionais é remetida para esta lista paralela e apenas aqueles que devem necessariamente ser discutidos por todos os membros da lista são remetidos para a caixa postal do aa-sobriedade, como podemos verificar em (7):

(7)

*De: XXXX <xxxx@xxx.com>
Data: >> de outubro de 1999
Para: aa-sobriedade@egroups.com
Assunto: [aa-sobriedade] Re: depoimento.*

Olá companheiros, aqui XXXX, um alcoólatra e coordenador do grupo. Alguns companheiros nossos não têm recebido mensagem do grupo, pois seus servidores estão recusando mensagens. Isto normalmente ocorre ou porque há algum problema com o servidor do companheiro, ou mais freqüentemente porque sua caixa de correio está lotada, acima do limite de memória que seu servidor lhe dá.

O XXXX estava neste caso até recentemente. Se alguém tiver contato com ele, peça-lhe que verifique se não está com sua caixa acima do limite e que de qualquer forma envie uma mensagem para xxxx@xxx.com, contando se está ou não tendo problemas de recepção agora.

Os companheiros abaixo citados estão com o mesmo problema. Se alguém tiver contato com eles, por favor transmita o mesmo aviso

Muito obrigado a todos e... de volta à reunião!

Felizes 24 horas,

XXXX

O quinto tipo de *e-mail*, totalizando 12 exemplares, tem como função saudar a chegada de novos membros, apresentando-os ao grupo. Em alguns casos, este tipo de *e-mail* assemelha-se aos *e-mails* cuja função é simplesmente manter o fio dialógico, mas, em outros, a saudação pode ser longa e tornar-se, inclusive, o motivo para a construção de um depoimento ou de uma reflexão. É importante salientar ainda que estes *e-mails*, como em (8), sempre trazem a mensagem remetida pelo alcoólatra que pede a inclusão no grupo.

(8)

*De: companheiro amigo xxxx@xxx.com
Para: aa-sobriedade@egroups.com
Data: >> de outubro de 1999
Assunto: [aa-sobriedade] nova companheira: XXXX*

Olá companheiros e companheiras, tenho o prazer de apresentar-lhes nossa nova companheira XXXX.

Seja bem vinda ao grupo aa-sobriedade, XXXX!!!

Para os companheiros(as) que desejarem enviar suas mensagens de boas vindas diretamente a nossa nova companheira, seu endereço de e-mail é: xxx@xxx.com.br

Abaixo segue o e-mail que XXXX nos enviou:

"preciso desesperadamente me livrar do álcool, estou em franco desespero e prestes a desistir.

Será que alguém pode ajudar?

Não me sinto forte suficiente frente ao vício ...

..... (ocultamos esta passagem por tratar de questões de foro íntimo do depoente)

caso possam, por favor me ajudem.

XXXX"

O sexto tipo de *e-mail*, com um total de dez exemplares, traz textos com reflexões sobre temas variados. Estes temas ora são propostos espontaneamente por algum membro do grupo; ora surgem a partir do chamado TEMA DA SEMANA. O tema da semana consiste em um tópico para discussão que é lançado por um membro voluntário ou por um membro convidado pela coordenação do grupo on-line. Uma vez escolhido, o tema é remetido a todos os membros da lista que passam também de forma voluntária a discuti-lo.

Estes tipos de *e-mails* formam aquilo que McCleary (1996) denomina de correspondência topical, ou seja, correspondências que iniciam e mantêm um debate em torno de um tema único. Não devemos, no entanto, confundir este tipo de correspondências com aquela que denominamos por *correspondência para manter o fio dialógico*; posto que estas últimas não acrescentam conteúdo, mas apenas a declaração de concordância ou discordância em relação ao debate em andamento.

Outra observação importante é que alguns *e-mails* destinados ao tema da semana acabam por tornar-se depoimentos, uma vez que o tema pode vir a ser discutido a partir de uma experiência relatada. Assim, alguns destes *e-mails* foram contabilizados como depoimentos (tipo 1 de *e-mail*). No momento, exemplificaremos o sexto tipo de *e-mail* com um exemplar (9) dedicado unicamente a reflexões temáticas.

(9)

De: XXXX <xxx@xxx.com.br>

Data: << de Abril de 1999

Para: aa-sobriedade aa-sobriedade@egroups.com

Assunto:

[aa-sobriedade] 13abr99 – REFLEXÕES DIÁRIAS

O FALSO CONFORTO DA AUTO-PIEDADE

A auto-piedade é um dos mais infelizes e desgastantes defeitos que conhecemos. É um entrave a todo progresso espiritual e pode interromper toda comunicação eficiente com nossos semelhantes, por causa de sua excessiva exigência de atenção e simpatia.

É um forma piegas de martírio ao qual nos damos ao luxo, de maneira doentia.

[NA OPINIÃO DE BILL, p 238]

o falso conforto da auto-piedade me esconde da realidade somente momentaneamente e então exige, como uma droga, que eu tome uma dose cada vez maior. Se eu sucumbir, isto pode me levar a uma recaída na bebida. O que posso fazer? Um antídoto certo é voltar minha atenção, mesmo que levemente no início, para aqueles que realmente são menos afortunados do que eu, de preferência outros alcoólicos. No mesmo grau que demonstro ativamente minha empatia por eles, diminuirei meu próprio sofrimento exagerado.

O sétimo tipo de *e-mail* (06) consiste na narrativa de fatos cotidianos e geralmente corriqueiros que não mantêm uma relação necessária e direta com experiências relacionadas ao alcoolismo; fato que a distingue das narrativas desenvolvidas nos depoimentos. Como podemos perceber em (10), são narrativas que envolvem temas tais como "o cotidiano do trabalho", "as relações familiares" entre outros.

(10)

De: XXXX xxxx@xxx.com

Data: >> de Abril de 1999

Para: aa-sobriedade@egroups.com

Assunto: [aa-sobriedade] raiva e recreio

Olá companheiros sobrionautas, aqui XXXX, alcoólico.

Hoje briguei de manhã. Rrrrrraiva!!! Fico remexendo nas coisas, aquela monstra energia sobrando prá todo lado e querendo virar agressão e eu fico remexendo coisas comas mãos. Passou.

Trabalhei direitinho hoje. Relembrei meus primeiros tempos de AA, quando eu descobri que preciso de "recreio". Não dá prá querer ficar encarandos horas a fio um trabalho. Mas se dou uns "recreios" (e se volto às tarefas direitinho ao fim do recreio), dá prá encarar. Um companheiro me deu este toque e lembrei. Funcionou.

No almoço fiz as pazes.

Quando complica, "volte ao simples" é o que me dizem.

Portanto vou sair agora e dar uma corridinha. Depois reunião.

Um abraço a todos,

XXXX

Os três últimos tipos de *e-mails* têm respectivamente como objetivos o envio de correspondências repassadas (05) exemplares; a solicitação de entrada no grupo (03) exemplares e a realização de perguntas acerca da doença alcoolismo (02) exemplares. Estes são os tipos de *e-mails* que encontramos com menor frequência. Portanto não nos

alongaremos nos comentários, restringindo-nos à apresentação de um exemplar de cada um deles com vistas a uma mera ilustração. (cf. (11), (12), (13)).

(11)

De: XXXX XXXX@xxx.com.br
Para: aa-sobriedade@egroups.com
Data: >> de Outubro de 1999
Assunto: [aa-sobriedade] A casa.

A mensagem contida no texto abaixo é muito bonita...

A casa

Um certo homem saiu em uma viagem de avião. Era um homem que acreditava em deus e sabia que ela o protegeria. Durante a viagem quando sobrevoavam o mar, um dos motores falhou e o piloto teve que fazer um pouso forçado no oceano. Quase todos morreram, mas o homem conseguiu agarrar-se a uma coisa que o conservasse em cima da água. Ficou boiando à deriva durante muito tempo até que chegou a uma ilha não habitada. Ao chegar à praia, cansado, porém vivo, o homem agradeceu a deus por este livramento maravilhoso da morte. Ele conseguiu se alimentar de peixes e ervas. Conseguiu derrubar algumas árvores e com muito esforço conseguiu construir uma casinha para ele. Não era bem uma casa, mas um abrigo tosco, com paus e folhas. Porém significava proteção. Ele ficou todo satisfeito e mais uma vez agradeceu a Deus, porque agora podia dormir sem medo dos animais selvagens que talvez pudessem existir na ilha. Um dia ele estava terminando e quando terminou, havia apanhado muitos peixes. Assim, com comida abundante, estava satisfeito com o resultado da pesca. Porém ao voltar-se na direção da sua casa, qual tamanha não foi a sua decepção, ao ver a sua casa toda incendiada. Ele se sentou em uma pedra chorando e dizendo em prantos:

— "Deus, como é que o senhor podia deixar isto acontecer comigo? O Senhor sabe que eu preciso muito desta casa para poder me abrigar e o Senhor deixou minha casa se queimar todinha. Deus o Senhor não tem compaixão de mim?"

Neste momento uma mão pousou no seu ombro e ele ouviu uma voz dizendo:

— "Vamos rapaz, nós viemos te buscar!"

— "Mas como é possível, como vocês souberam que eu estava aqui?"

— "Ora amigo, vimos os seus sinais de fumaça, pedindo socorro.

Os dois entraram no barco e assim o homem foi para o navio que o levaria em segurança de volta para os seus queridos.

Quantas vezes nossa casa se queima e nós gritamos como aquele homem gritou? Na maioria das vezes devida às nossas imperfeições não compreendemos a linguagem de Deus e como se não bastasse achamos que alguns acontecimentos são ruins em nossa vida, esquecendo que Deus escreve certo por linhas tortas e que todas as coisas contribuem para o bem daqueles que amam a Deus.

Às vezes é muito difícil aceitar isto, mas é assim mesmo. È preciso crer e confiar.

(12)

De: XXXX XXXX@xxx.com
Para: aa-sobriedade@egroups.com
Data: >> de Abril de 1999
Assunto: [aa-sobriedade] Ingresso

*caro XXXX, venho desde já, mostrar o meu interesse pelo ingresso no grupo. Gostaria de contar com a ajuda de todos, pois estou numa situação um pouco difícil...
obrigada pela compreensão...
XXXX*

(13)

*De: XXXX<XXXX@xxx.com.br>
Data: >> de outubro de 1999
para: aa-sobriedade@egroups.com
Assunto: [aa-sobriedade] ENERGÉTICOS*

*queridos,
gostaria de um esclarecimento com relação aos energéticos à base de cafeína e taurina que estão sendo vendidos por aí. Quero saber se tem algum problema eu, como um alcoólatra em recuperação usar estes produtos?
Eles são apresentados como RED BUL, DRAGON RED, etc... vocês conhecem?
Se tem alguma recomendação, por favor me digam!
Grande abraço,
XXXX*

Gostaríamos de concluir este item de nossa análise reforçando o destaque dado pelos participantes da lista ao gênero depoimento em relação aos demais tipos de mensagens que circulam nas interações do grupo aa-sobriedade. Tal destaque não se deve ao critério da frequência, posto que a superior quantidade de *e-mails* destinadas ao depoimento é, na realidade, uma consequência do verdadeiro critério que tomamos em consideração. A alta frequência é resultante do fato de que apenas o depoimento está explicitamente relacionado aos propósitos e princípios da Irmandade dos Alcoólicos Anônimos, ou seja, apenas o depoimento pode ser reconhecido como realização verbal destes propósitos.

Passaremos agora ao quinto critério proposto por Swales (1990) para a caracterização de comunidades discursivas, o critério referente à especialização lexical que, reformulado em 1992, passou a contemplar a possibilidade de expansão do léxico específico de uma dada comunidade.

3.2.4 - O léxico específico da comunidade discursiva dos alcoólicos anônimos

O quinto critério apontado por Swales (1990) para a caracterização de uma comunidade discursiva diz respeito à especialização lexical existente nesta comunidade, inclusive, no desenvolvimento de expressões de uso específico do grupo que são

amplamente compartilhadas por seus membros e que funcionam como forma de identificação e constituição de sua identidade.

A constituição de um perfil dos grupos sociais por meio do léxico muitas vezes age como instrumento de coesão interna ao mesmo tempo que estabelece divisórias entre os membros experientes e iniciantes de uma comunidade.

Na comunidade dos Alcoólicos Anônimos, existem siglas e mesmo palavras cujos significados escapam à compreensão dos membros iniciantes, como se lê em (14).

(14)

De: XXXX <XXXX@xxx.com.br>

Data: >> de abril de 1999

Para: aa-sobriedade@egroups.com

Assunto: [aa-sobriedade] boas vindas e boa sorte a todos nós.

Ola',

Primeiro queria dar boas vindas aos companheiros XXXX e XXXX, espero vc, XXXX goste do nosso grupo. Não ingressei nele nem há um mês e se tornou algo extremamente importante para mim, tomara que aconteça o mesmo com você, XXXX (...) não entendi direito o e-mail que se refere a moita, mas achei que fosse para os sumidos darem notícias (...)

Obrigado pela paciência ...

Um abraço a todos e mais 24hs de sobriedade!

XXXX

No exemplo (14), percebemos que o produtor do *e-mail* é um membro iniciante do grupo e por conta disto desconhece o significado da palavra *moita* que é comumente utilizada pelo *grupo on-line* para se referir aos membros inscritos na lista que permanecem durante longos períodos sem enviar nenhuma mensagem.

Ainda com vistas à confirmação da aplicação do critério da especialidade lexical à Irmandade dos Alcoólicos Anônimos; realizamos um levantamento de alguns itens lexicais que constituem o léxico específico desta comunidade discursiva.

Partiremos das várias siglas que são utilizadas pelos membros da Irmandade e às quais somente tivemos acesso através da explicação paralela fornecida por nossos informantes ou por meio da literatura oficial dos Alcoólicos Anônimos.

No total, tivemos acesso a treze siglas que serão apresentadas com seus respectivos significados no quadro 04 que segue abaixo:

Quadro 04 – siglas utilizadas pelos alcoólicos anônimos

SIGLAS

AAWS	AA World Seviles
CAC	Comitê de Assuntos da Conferência
CCCP	Comissão de Cooperação com a Comunidade Profissional
CF	Comitê de Finanças
CI	Comitê Institucional
CIP	Comitê de Informação ao Público
CLAAB	Centro de Distribuição de Literatura AA para o Brasil
CSG	Conferência de Serviços Gerais
CTO	Comitê Trabalhando com os Outros
ESG	Escritório de Serviços Gerais
GSO	General Services Office
JUNAAB	Junta de Serviços gerais de AA para o Brasil
OIAA	The Online Intergroup of Alcoholics Anonymous

O quadro exemplifica não somente o nível de especialidade lexical com o qual lida a comunidade, como também apresenta um esquema da organização hierárquica da Irmandade e das peças que se articulam para o seu funcionamento.

É interessante observar, ainda, que a própria comunidade reconhece o grau de dificuldade que a presença de itens lexicais tão especializados pode oferecer à participação de membros iniciantes. Isto pode ser percebido através da existência de uma publicação intitulada DOZE CONCEITOS PARA SERVIÇOS MUNDIAIS (W. Bill – 1981-82.), na qual é apresentado um glossário para a explicitação das siglas utilizadas pela Irmandade.

Além das siglas, existem itens menos herméticos, mas também típicos que são utilizados nas interações entre alcoólicos anônimos. Tomemos como exemplo os itens *Poder Superior*; *fundo do poço*; *época da ativa*; *alcoólatra em recuperação* e, por fim, os itens *alcoólatra e alcoolismo* que foram objeto de análise em (Bernardino, 1998).

Os quatro primeiros itens foram selecionados porque ocorrem em contextos muito específicos e próprios das interações entre membros participantes da Irmandade; já os dois últimos exemplos não são termos de uso específico de alcoólicos anônimos, mas acreditamos que, quando postos nos depoimentos, recebem uma significação distinta daquela apresentada por indivíduos não-membros da Irmandade, esta foi a hipótese que defendemos no trabalho acima citado.

Passemos ao tratamento dos exemplos. Iniciaremos pela configuração dos contextos de uso dos itens *Poder Superior e fundo do poço*, observando as passagens retiradas do nosso *corpus* constituído por 61 depoimentos.

Iniciemos pela contextualização da expressão *Poder Superior* que é utilizada em quase todos os depoimentos. Tal frequência é facilmente explicável se tomarmos em consideração o fato de que o segundo, o terceiro, o quinto, o sexto, o sétimo e o décimo passos inscritos nos chamados Doze Passos de Alcoólicos Anônimos fazem referência direta à crença neste *Poder Superior* como instrumento necessário e indispensável ao programa de recuperação da Irmandade. No entanto, é necessário esclarecer, ainda, que a Irmandade dos Alcoólicos Anônimos não se reconhece como uma irmandade religiosa uma vez que está aberta a todas as crenças, inclusive a indivíduos alcoólatras despojados de qualquer crença ou fé.

Mas como, então, a expressão é tão amplamente aceita por todos os seus membros? A resposta, fomos buscar no livro *Alcoólicos Anônimos* (1989). A presença da expressão em quase todos os depoimentos e em seis dos doze passos surge da grande constatação que move as pessoas doentes de alcoolismo a procurarem os Alcoólicos Anônimos: a constatação de que suas vidas haviam chegado a uma situação ingovernável e que apenas a "razão" ou a "determinação individual" não seriam capazes de solucionar os problemas causados pelo alcoolismo. Assim, todos os membros da irmandade experimentaram a sensação de não poder controlar suas próprias vidas, seus próprios atos.

Esta destruição pessoal provocada pela incapacidade de parar de beber é narrada em todos os depoimentos; depoimentos de pessoas que têm fé e de pessoas que duvidam da fé, mas que aos poucos passaram a acreditar na existência de uma força espiritual superior capaz de promover o controle sobre o álcool. Essa força superior é livremente interpretada por cada membro da irmandade, sendo para alguns, o Deus católico, para outros, o Deus protestante, para outros, ainda, uma força criadora, uma energia e, finalmente, para outros, a força promovida pela energia da solidariedade gestada nas interações da própria Irmandade. O fundamental em todas estas concepções é a crença de que o alcoólico sozinho, por maior força de vontade que possa ter, não é capaz de redirecionar a sua vida, sem o desenvolvimento de uma dimensão espiritual. Observemos os exemplos abaixo para entendermos melhor as diversas significações da expressão *Poder Superior*:

(15)

De: XXXX XXXX@xxx.com.br

Data: >> de abril de 1999

Para: aa-sobriedade@egroups.com

Assunto: [aa-sobriedade] Grupo aa sobriedade

(...) acho que meu Poder Superior atuou no último dia 25/02. Tinha uma viagem marcada para o dia 26/02 e na véspera eu bebi bastante, como sempre e me senti mal. Fui até um hospital onde um médico me atendeu e sugeriu uma internação. Contra a minha vontade, mas após insistentes apelos de minha esposa, me internei. (...) me enviaram para um centro de recuperação no (-----) que trabalhava com os doze passos. Fiquei lá até a última Sexta-feira. Este período foi muito importante, pois além de trabalhar os passos (fiz até o quinto) pude trabalhar também um pouco de minha personalidade(...)

Podemos observar, em (15), que a expressão *Poder Superior* vem antecedida pelo pronome de posse *meu*, indicando a interpretação individual que o depoente livremente pode assumir. Em outros depoimentos a expressão surge acompanhada do enunciado "*da forma que o concebo*", confluindo para o mesmo objetivo.

Outras duas observações são relevantes, primeiro é importante comentar que a expressão *Poder Superior* quase sempre vem acompanhada por verbos promoventes de uma ação; como podemos destacar do exemplo (15), a valência semântica do verbo "*atuar*" coloca a expressão *Poder Superior* na condição de agente e o locutor inscrito no discurso na posição de co-agente (cf.Vilela,1992)¹¹. Em segundo lugar, é importante salientar que este papel agente pode ser percebido pela utilização das iniciais maiúsculas para a grafia dos termos. Em (16), (17), (18) e (19) podemos perceber de forma mais detalhada os contextos nos quais a expressão se realiza.

(16)

"(...) Quero expressar os meus sentimentos ao companheiro XXXX, pedindo ao PS, que dê força a você e a todos os seus familiares (...)" D5.

(17)

"(...) Tive uma provação dura, mas Deus permitiu que eu passasse por ela, só por estas 24h (...)" D8

(18)

"(...) Boa tarde a todos. Meu nome é XXXX e sou um alcoólatra em recuperação, graças à minha força de vontade vim conhecer o programa numa sala real em 03/01/98 que ao me

¹¹ Tomamos como referência a teoria da valência semântica para ilustrar a análise de alguns itens lexicais, mas não nos ocuparemos em fornecer maiores detalhes teóricos sobre esta referência uma vez que não faz parte de nossa teoria de base.

render esta força transformou-se me boa vontade e pude conhecer um Poder Superior que me fez entender poder ser íntimo do meu Deus, hoje unificado (...)" D12.

(19)

"(...) Vou ficar sozinha em casa até o final do mês e peço a Deus para me ajudar a não fazer coisas que faria em outros tempos, tipo dar festinhas, encher a casa de gente e ir dormir embriagada. Acredito que isso não vai acontecer, mas não custa nada pedir para Ele vir me dar boa noite e vê se está tudo em ordem (...)" D17.

Vejam agora a descrição da valência dos verbos destacados:

Quadro 05

VERBO	DEPOIMENTO	VALÊNCIA
Dar	D5 /D17	Dar: x;y;z
Permitir	D8	Permitir: x;y;z
Fazer Entender	D12	Fazer Entender: x;y;z

Podemos verificar em (16), (17), (18), (19) que os verbos em questão caracterizam-se por pertencerem à classe de estados de coisas circunscrita pelo verbo fazer; que corresponde à classe das atividades; mais especificamente à subclasse que corresponde a um fazer intencional, denominado por Vilela (1992) de subclasse das ações.

Outra observação importante é que os verbos de ação em questão implicam a presença de actantes cujas funções semânticas seriam de agente, co-agente e objeto de ação. E mais importante, ainda, é perceber que a expressão *Poder Superior* e seus termos correspondentes (*Deus e Ele*) ocupam sempre a função de agente; enquanto o locutor do discurso ocupa a função de co-agente.

Isso confirma a importância dada a este *Poder Superior* como uma força viva capaz de derrotar a compulsão pela bebida. É, pois, a ação da força espiritual associada à co-ação do próprio alcoólatra que é a principal responsável pela efetivação do programa de recuperação.

O próximo item lexical que iremos discutir também tem uma relação direta com os Doze Passos do programa de recuperação. Vejam o que diz literalmente o primeiro passo do programa: "*Admitimos que éramos impotentes perante o álcool e que tínhamos perdido*

semanas e concluiu que poderia beber um pouquinho à noite em casa. No último mês estava bebendo desde manhã.(...) D29

O termo *historinha* utilizado no depoimento acima, surge também em outros depoimentos como *a mesma história* ou ainda *aquela história*; sempre antecidos por artigo definido, demonstrando que os acontecimentos da história de vida de um alcoólico constituem um conhecimento compartilhado entre todos os membros da Irmandade e que tais acontecimentos descrevem o momento exato conhecido por eles como o *fundo do poço*. Vejamos nos exemplos abaixo uma faixa de contexto na qual esta expressão é utilizada pelos membros da irmandade:

(21)

*(...) Quando cheguei ao meu fundo do poço, eu era um gênio incompreendido. Ninguém era capaz de me entender. Meu caso era diferente (acho que esta é a frase mais falada no AA do mundo inteiro...)
a vida era ingrata, eu era bom e os outros um bando de sacanas egoístas, e por aí a fora.(...)
D36.*

(22)

*(...)O companheiro XXXX sugeriu como tema recaídas dando ênfase ao 1º passo, o que acho muito coerente, basta lembrar do nosso fundo do poço para evitar a recaída. Na minha mensagem passada falei do meu vizinho que está mal e sem querer diagnosticar considero que para mim seria um fundo do poço, mas para ele ainda não e nem sei quando será. (...)
D40.*

Percebemos que, em ambos os trechos, a expressão *fundo do poço* vem antecida por pronome de posse. Isto não quer dizer, porém, que os depoentes passaram por experiências totalmente diferentes. Como já afirmamos, as histórias são muito parecidas; o que muda, na realidade, é o quanto cada indivíduo pode suportar até reconhecer que chegou ao *fundo do poço*. Mais claras do que as nossas palavras são as palavras contidas em (23).

(23)

*De: XXXX <XXXX@xxx.com>
Data: >> de Outubro de 1999
Para: aa-sobriedade@egroups.com
Assunto: [aa-sobriedade] Re: meu alcoolismo.*

Meu caro XXXX. Desejo-lhe do fundo do coração 24 x 2400000000000000 horas de feliz e serena sobriedade. Não conte os zeros. Concordo contigo quando você diz que aqui estão

presentes o 4º e o 5º passos. Estão sim! Só que eles não são o destaque principal. Eles são o pano de fundo para à luz do 6º passo, eu poder de fato fazer a Segunda parte do 1º passo. Que não está no enunciado, mas está implícito. Lá diz: "Admitimos ..." neste ponto todos os cachaçais são bastante iguais. Aliás já ouvi isso de companheiros em cabeceira de mesa: " Só mudam as personagens, mas o cenário é o mesmo". Só que neste passo esta escondida uma segunda parte, que eu demorei muito a descobrir. E ela esta presente em uma palavra (que não está lá), mas se faz sumamente importante: ACEITAR a derrota. Admitir, eu admito porque... a esposa não me aguenta mais, o bafo está matando até as flores de casa, o fígado parece uma jamanta, as mãos não se firmam mais, os filhos fogem de mim, o gato e o papagaio quando ouvem o ronco do carro no portão, trepam pelas paredes e somem de casa... e a ladainha por aí vai. Essas de fato são iguais. Mas aceitar não é igual para todos. Aceitar é eu abrir as portas de mim para que, com o meu suor, o Deus da vida possa trabalhar. D49.

Faremos, a seguir, a análise das demais expressões distribuindo-as em dois blocos; o primeiro, discutirá as expressões *época da ativa* e *alcoólatra em recuperação* e o segundo, os itens lexicais *alcoólatra* e *alcoholismo*.

As expressões *época da ativa* e *alcoólatra em recuperação* têm uma importância capital em nossa análise porque são dois dos itens lexicais responsáveis pela demarcação dos limites entre subunidades retóricas do depoimento. A primeira refere-se claramente às experiências vividas antes do alcoólatra ingressar na irmandade e a segunda refere-se às experiências vividas depois do ingresso na irmandade.

Outra observação importante consiste no fato de que estas duas expressões estão diretamente ligadas ao conceito de alcoholismo desenvolvido pelos membros da Irmandade. Para eles, o alcoholismo é uma doença incurável que atinge o corpo, a mente e o espírito. O atributo "*doença incurável*" é definidor para compreendermos as expressões em questão, posto que na Irmandade dos Alcoólicos Anônimos não se utilizam expressões como *ex-alcoólatra* ou *alcoólatra curado*. Um doente de alcoholismo nunca deixa de sê-lo. O que ocorre após o ingresso na Irmandade é que o doente passa a controlar a compulsão pela bebida, evitando o primeiro gole. Assim, deixando de ingerir álcool, o alcoólatra sai da condição de *alcoólatra da ativa* e passa à condição de *alcoólatra em recuperação*. O *alcoólatra da ativa* pode ser, portanto, considerado como sinônimo de bêbado; ao passo que o *alcoólatra em recuperação* pode ser considerado como um indivíduo sóbrio. Podemos encontrar uma ilustração do uso dessas expressões em (24).

(24)

(...) agradeço pelo Dom da vida e pela possibilidade de vivê-la sem usar nada que altere a minha percepção do mundo nem que interfira em meu contato consciente com este Poder Superior através de meus semelhantes. Estou consciente, sou um ALCOÓLATRA e não bebi, hoje, por que não posso e por que não quero beber.

Isto é a qualidade de vida para mim. Quando eu não admitia que era um ALCOÓLATRA eu só vivia BÊBADO e hoje, quando admito que sou um DOENTE, quando afinal abandonei minhas resistências e me declarei DERROTADO... eu NÃO BEBI. Não estou bêbado. Estou sóbrio. (...) D56.

A exemplo de (24), citaremos outro trecho colhido em uma entrevista com membros da Irmandade dos Alcoólicos Anônimos a propósito do conceito do item lexical *alcoólatra*.

(25)

" Quando no AA dizemos que somos alcoólicos significa que não somos bêbados. Fora do AA passamos a ser bêbados, dentro do AA passamos a ser alcoólicos, então ser alcoólico no AA é Ter consciência dessa condição."

Eis um outro aspecto que difere e antagoniza as expressões *alcoólatra da ativa* e *alcoólatra em recuperação*; a primeira tem o traço sêmico a ausência do reconhecimento consciente da condição de doente; a segunda é marcada pela presença de tal conhecimento. Um outro aspecto interessante é que as significações das expressões *alcoólatra da ativa* e *alcoólatra em recuperação* incluem não somente os atributos *estar bebendo* ou *não estar bebendo*, mas um conjunto de atributos relacionados a comportamentos morais e psíquicos característicos destas duas fases das experiências vividas pelos membros da Irmandade.

Na fase do alcoolismo ativo, o indivíduo carrega características tais como: a autopiedade, a agressividade, o orgulho, a incapacidade de assumir defeitos e erros e a incapacidade de aceitar conselhos. Ao entrar no programa de recuperação dos Alcoólicos Anônimos, este indivíduo percebe que para se manter sóbrio é necessário corrigir, obviamente de forma processual, seus defeitos de carácter, exigência contida no 4º passo. Mas para iniciar o processo, é necessário realizar o 1º passo, ou seja, assumir a condição de portador da doença alcoolismo.

Eis porque os depoimentos geralmente iniciam com a afirmação que o depoente faz da sua condição de alcoólatra e se desenvolvem através do confronto entre as experiências da época da ativa e experiências do período de recuperação. Os exemplos (26), (27), (28) e (29) esclarecem melhor nossas considerações.

(26)

(...)assim, tendo parado, graças a Deus, há oito anos, voltei a ser um pouco fechada. Não tanto quanto antes, mas bem mais do que na época da ativa. (...) D1.

(27)

(...) um dia estranho para mim. Capitulei ante dificuldades no trabalho e acabei me safando com uma mentira. Depois de mentir saí e fiquei mal, muito mal. Bom, mentir é coisa de minha ativa. Um perigo levar minha vida com mentiras(...) D16

(28)

Para mim aniversário de abstinência são muito importantes, creio para todos. Aniversários de 1 ano são especiais para mim... particularmente divido minha recuperação em antes e depois de 1 ano. Quando entrei em AA, troquei a neurose da ativa pela da abstinência(...) minha recuperação, porém, é realmente tão progressiva quanto minha doença na ativa(...) D34

(29)

(...)caros amigos cibernautas. Meu nome é XXXX e sou um alcoólico em recuperação e graças a Deus hoje não bebi(...) D48

O tratamento dado aos dois itens acima nos lança na discussão acerca dos significados dos itens lexicais *alcoólatra* e *alcoholismo*. Aparentemente estes dois itens lexicais não podem ser considerados como itens cujo uso seja específico da comunidade discursiva dos Alcoólicos Anônimos; posto que são itens comumente utilizados por comunidades de fala de uma forma geral. No entanto, em Bernardino (1998), concluímos que estes itens recebem significações distintas quando utilizados por membros e não-membros da comunidade discursiva dos Alcoólicos Anônimos. Para esclarecer melhor as conclusões às quais chegamos, contextualizaremos a pesquisa a qual nos referimos.

Em primeiro lugar, é necessário esclarecer que a pesquisa tinha como objetivo principal saber se havia diferenças quanto aos atributos selecionados por membros e não-membros da comunidade dos Alcoólicos Anônimos para a conceituação dos itens lexicais *alcoólatra* e *alcoholismo*.

Trabalhamos com entrevistas e questionários como instrumentos para a coleta de dados; instrumentos que foram aplicados a uma comunidade de vinte sujeitos, sendo dez membros da Irmandade de alcoólicos anônimos e dez não-alcoólicos, estes selecionados entre estudantes universitários. Os sujeitos foram requisitados a conceituarem os itens

alcoólatra e *alcoolismo*, incluindo-os em uma categoria superordenada e atribuindo-lhes atributos.

A conceituação de *alcoolismo* apresentada pelos não-membros dos Alcoólicos Anônimos sofreu muitas flutuações, permitindo que o item ora figurasse como um subordinado da categoria *doença*, ora como subordinado da categoria *vício*. O item *alcoólatra*, por sua vez, foi conceituado conforme tais variações do conceito de *alcoolismo*, sendo o *alcoólatra* ora visto como doente; ora como viciado, ora como doente e viciado.

Por outro lado, as respostas apresentadas pelos dez membros da Irmandade demonstraram uma impressionante homogeneidade nas conceituações; assim como uma superior riqueza de atributos apontados em relação ao grupo dos não-membros da comunidade.

Todos os membros dos Alcoólicos Anônimos consideraram o item *alcoolismo* como pertencente à categoria *doença*. O *alcoólatra* foi interpretado como aquele que sofre os efeitos da bebida, não sendo, portanto, o agente da ação de beber compulsivamente.

Outra observação interessante é que enquanto os não-membros da comunidade apresentaram poucos e vagos atributos para a conceituação dos itens; os membros da comunidade apresentaram uma ampla e detalhada variedade de atributos percebidos em (30), (31), (32) e (33).¹³

(30)

"pessoa que ao tomar o primeiro gole de bebida tem em si desencadeada uma vontade incontrolável de beber." ;

(31)

"para o alcoólatra uma dose é muita e mil não vai satisfazer o desejo de beber";

(32)

"alcoólico é a pessoa que tem que se abster de álcool assim como o diabético tem que se abster de açúcar e o hipertenso de sal; o alcoólico não tem cura";

(33)

¹³ exemplos colhidos de Bernardino

"o alcoolismo é uma dipsomania patológica pela bebida alcoólica associada a uma alergia química provocadora de perturbações do corpo, da mente e da alma do indivíduo, capazes, inclusive, de conduzi-lo à morte."

Nos dois primeiros casos (30) e (31), percebemos claramente o atributo referente à doença que caracteriza esta categoria como adquirida involuntariamente. No terceiro caso (32), o aspecto referente à abstenção da substância provocadora das conseqüências da doença é salientado. Sublinhamos aqui a observação feita por Macêdo (1995) de que a categoria *doença* lança atributos de ação para categorias de membros inanimados. Desta forma é comum encontrarmos, nos depoimentos, como em (34), (35), (36) e (37) as palavras *álcool* ou *bebida*, assumindo a função semântica de agente.

(34)

(...) a bebida fez parte da minha vida, durante aproximadamente 17 anos. Hoje tenho 33 anos e perdi praticamente uma vida por causa do álcool. As pessoas mais chegadas a mim, sempre me alertaram sobre o risco que estava correndo, mas eu não dava importância pois a minha vida já estava dominada. Há um ano atrás a bebida começou a afetar o meu trabalho(...) D13

(35)

(...) contei à minha esposa, brigamos. Chorei de raiva! E, nesse momento, entendi o que é ser impotente perante o álcool. Fiquei com muito medo do álcool, afinal eu que me achava protegido dele, fui encontrado(...) D15

(36)

(...)só que a dura realidade é essa, eu não podia e nem poço com o álcool, ele pode comigo, mas não eu com ele(...) D48

(37)

(...)mas ao parar de fumar, passei a ingerir a bebida mais compulsivamente, até que tive um apagamento com minha filha adolescente e entrei em pânico. Expus a menina, não zelei por sua segurança, embora graças a Deus não tenha ocorrido nada de arriscado, embora ela tenha acompanhado a transformação que a bebida provocou no meu comportamento, e foi péssimo(...) D51

Nos quatro exemplos acima os itens lexicais *álcool* e *bebida* aparecem com o traço sêmico de seres animados, portadores da capacidade de realizar ações; *a bebida começou a*

afetar; fui encontrado (pelo álcool); ele (o álcool) pode comigo; a bebida provocou. Como já afirmamos, isto ocorre devido à relevância de um dos principais atributos da categoria *doença: a aquisição involuntária*.

Podemos salientar, ainda, que alguns atributos lançados ao item *alcoólatra* revelaram uma conceituação calcada no conhecimento experiencial dos informantes, o que implicou lançar como atributos do item as consequências de ordem principalmente moral, mas também fisiológica, ocasionadas pelo alcoolismo. Assim tivemos atribuições como as apresentadas em (38) e (39).¹⁴

(38)

"alcoólico na ativa é a pessoa que tem sua vida destruída pelo álcool; perde o emprego, fica devendo a todo mundo, perde o respeito da mulher e dos filhos..."

(39)

"uma característica de ser alcoólico é sofrer apagamentos depois de ter bebido..."

Estes tipos de atributos não foram vislumbrados pelos não-membros da comunidade, visto que o esquema sobre alcoolismo não consta em seus modelos experienciais, fazendo parte, apenas, de seu conhecimento de mundo ou enciclopédico.

Acreditamos que os exemplos aqui apresentados já são suficientes para caracterizar a especificidade do léxico da comunidade dos Alcoólicos Anônimos. Sabemos que outros exemplos poderiam ter sido apontados; itens como *apagamento; sobrionautas; recuperação; cair; vinte e quatro horas; ficar parado*; entre outros. No entanto, não é nosso objetivo, neste texto, esgotar o tratamento do léxico específico dos Alcoólicos Anônimos, mas constatar a existência e a relevância deste fenômeno como elemento responsável pela constituição da comunidade em questão.

Encerrado este tópico, passemos ao tratamento dos últimos dois critérios apontados por Swales (1999/92); o equilíbrio entre membros iniciantes e *experts* e a existência de uma estrutura hierárquica implícita ou explícita na composição da comunidade discursiva.

¹⁴ Bernardino, 1998.

3.2.5 - A relação entre membros experientes e membros iniciantes na comunidade discursiva dos alcoólicos anônimos

Swales (1990) postula que a sobrevivência de uma comunidade discursiva depende de uma proporção equilibrada entre seus membros *experts* e iniciantes; posto que, se por um lado, um grande número de iniciantes pode comprometer a comunidade devido, principalmente, à inabilidade com o manuseio dos gêneros e do léxico específico; por outro lado, o ingresso destes membros é essencial para a manutenção e a continuidade da comunidade.

Na comunidade dos alcoólicos anônimos, particularmente no grupo aa-sobriedade, percebemos claramente a presença de membros iniciantes e de membros *experts* através das seguintes pistas inscritas nos 170 *e-mails* que analisamos:

- a constante referência à chegada de novos membros ao grupo;
- a presença de *e-mails* nos quais os membros assumem abertamente sua condição de iniciante ou deixam-na implícita;
- a presença de *e-mails* nos quais os membros do grupo revelam seu tempo de participação na comunidade;
- a existência de *e-mails* que são remetidos para a realização de questionamentos sobre o funcionamento do grupo ou, ainda, sobre os significados de alguns termos desconhecidos (membros iniciantes);
- a presença de *e-mails* que são enviados para a divulgação de informações acerca da irmandade e seu funcionamento (membros *experts*).

Sobre a aquisição de novos membros na comunidade dos Alcoólicos Anônimos; é certo afirmar que mesmo o alcoólatra iniciante compartilha com os demais participantes do grupo o desejo de parar de beber e um conjunto de crenças comuns, tais como o reconhecimento de que sozinho é incapaz de controlar a dependência alcoólica. A partir destas crenças básicas comuns, os membros novatos poderão tornar-se membros efetivos da comunidade, aprofundando a inserção no grupo através da participação em reuniões de grupos reais ou em salas de bate-papo; através da troca de *e-mails* na lista de discussão ou ainda através da literatura oficial da irmandade.

No grupo aa-sobriedade, o ingresso de um membro iniciante é efetivado através de uma ficha de inscrição na qual são requisitados dados como; pseudônimo, grupo local do qual participa e, por fim, é requisitado ao novo membro o envio de um depoimento que é repassado a todos os membros da lista.

A partir deste primeiro depoimento, o membro iniciante passa a receber em sua caixa de correio eletrônico todas as mensagens que são remetidas ao gerenciador da lista; chegando a receber, por dia, cerca de trinta *e-mails*. A requisição para o envio do depoimento já é uma forma de deixar claro para o iniciante que a lista é um espaço para a troca de experiências sobre o alcoolismo e não um espaço para o tratamento de quaisquer questões.

Quanto á presença de membros *experts*, é fácil percebê-la pela reincidência de *e-mails* remetidos pelos mesmos membros da comunidade e cujos objetivos giram em torno de esclarecimentos organizacionais e também educativos sobre os princípios, os propósitos e as regras de comportamento da irmandade e do *grupo on-line* em particular.

Outra observação importante a ser feita é que em se tratando do grupo aa-sobriedade, podemos falar em cinco categorias de membros *experts* e de membros iniciantes:

1. existem aqueles que são *experts* na irmandade de uma forma geral, posto que já são membros dos Alcoólicos Anônimos em grupos locais, mas que são iniciantes no *grupo on-line*.(não encontramos a situação contrária);
2. existem aqueles que são iniciantes tanto no *grupo on-line* quanto em grupos locais;
3. existem membros que são iniciantes no *grupo on-line* e somente dele participam;
4. existem membros que são *experts* no *grupo on-line* e somente dele participam;
5. existem membros que são *experts* nos grupos locais e no *grupo on-line*.

Esta peculiaridade do grupo aa-sobriedade implica algumas considerações. No primeiro caso, o membro da comunidade domina todos os propósitos e princípios da irmandade que, como já afirmamos, são os mesmos para todos os grupos de Alcoólicos Anônimos; mas não domina o comportamento verbal específico exigido pelo novo veículo da interação, a internet.

É interessante observar que estes membros tendem a elaborar seus depoimentos de uma forma muito aproximada dos depoimentos orais dos grupos reais que, acreditamos, funcionam como protótipo para a construção dos depoimentos por *e-mail*.

No segundo e no terceiro casos, o membro do grupo mostra-se inseguro não somente quanto ao funcionamento do *grupo on-line*, mas também quanto aos propósitos e princípios da irmandade como um todo. Este tipo de membro iniciante geralmente não tem clareza acerca da sua condição de alcoólatra e conseqüentemente não tem clareza quanto à necessidade de participar da irmandade.

No quarto caso, encontramos um membro da comunidade que por não ter tido influências do ritual de interação dos grupos locais, elabora um depoimento menos típico em relação ao protótipo. São, pois, depoimentos que, como veremos no capítulo 4, escapam em alguns aspectos ao modelo de organização retórica ao qual chegamos após a análise dos 60 depoimentos.

Por fim, no quinto caso, temos os membros que, por sua experiência, participam das instâncias organizativas do grupo, acumulando desta forma um número maior de informações e assumindo, portanto, o papel de orientadores para os demais membros do grupo.

3.2.6 - A organização hierárquica da comunidade discursiva dos alcoólicos anônimos

Tendo chegado a este ponto da descrição, podemos esclarecer como se comporta a comunidade discursiva dos alcoólicos anônimos e o grupo aa-sobriedade quanto ao critério da organização hierárquica. Percebemos que a hierarquia estabelecida nos alcoólicos anônimos é tanto implícita quanto explícita. (Swales, 1992)

No tópico em que tratamos sobre a história da Irmandade dos Alcoólicos Anônimos, deixamos bem claro seu processo de formação e conseqüentemente sua estrutura orgânica composta por instâncias internacionais, nacionais, estaduais e municipais que são responsáveis pelo funcionamento da Irmandade.

No grupo aa-sobriedade existem também diferentes instâncias responsáveis pelo funcionamento do grupo, assim como cargos de liderança atribuídos a membros eleitos pelo próprio grupo. A estrutura orgânica do aa-sobriedade é composta por um coordenador geral e seu suplente; por membros responsáveis pelos Serviços Gerais do grupo que têm como função fazer contato com outros grupos e zelar pela execução e manutenção das tradições da Irmandade; por um grupo responsável pela divulgação e contato com o público *on-line*;

por um tesoureiro e seu suplente e, por fim, por um membro do grupo responsável pela comunicação com o Organismo de Serviços Gerais Internacional chamado OIAA.

O que descrevemos acima corresponde à caracterização da hierarquia explícita. No entanto, há um outro nível de hierarquia presente nas relações entre os membros de Alcoólicos Anônimos: é o poder expresso nas vozes dos mais experientes; poder de explicar; poder de orientar; poder de criticar com a autoridade dos anos vividos em sobriedade. É este o poder que consideramos responsável pela hierarquia implícita existente na comunidade dos Alcoólicos Anônimos.

Para concluir, gostaríamos de explicitar que nosso objetivo principal neste capítulo foi realizar uma descrição detalhada e relevante da Irmandade dos Alcoólicos Anônimos como um todo e de seu *grupo on-line aa-sobriedade* em particular, sublinhando aspectos que contribuam para a compreensão do funcionamento do depoimento como comportamento verbal típico desta comunidade discursiva. Aplicamos o conceito de comunidade discursiva proposto por Swales (1992) não por considerá-lo o único caminho viável para tal descrição, mas por avaliar que os aspectos requisitados para sua caracterização seriam adequados à promoção da relação necessária entre o grupo social dos alcoólicos anônimos, seus propósitos, seus rituais de interação e o gênero depoimento.

No próximo capítulo apresentaremos a descrição do gênero depoimento e sua organização retórica.

Capítulo 4

(...) o que une as pessoas em uma comunidade é esse reconhecimento compartilhado, essa sensação de *eu sei que você sabe que eu sei o que você quer dizer*.
Bruner (1997:156)

A descrição do gênero depoimento de alcoólicos anônimos

4.1 - Depoimento dos alcoólicos anônimos: um relato sobre si mesmo

A tarefa a que nos propomos neste capítulo inicia por um dos passos mais difíceis de nossa caminhada: a tentativa de apresentar uma conceituação do que venha a ser o gênero depoimento de alcoólicos anônimos. A dificuldade dessa tarefa é gerada principalmente pela inexistência de outros trabalhos que tenham se ocupado desse tipo de gênero; fato que nos conduziu a leituras sobre depoimentos no âmbito jurídico (Gabler,1996), sobre auto-relatos no âmbito da psicologia (Bruner e Weisser,1997) e sobre história temática no campo da história oral.

Passaremos, a seguir, a uma rápida exposição das discussões realizadas pelos autores acima citados para estabelecermos um paralelo com o que pensamos ser o depoimento dos alcoólicos anônimos.

Iniciemos pelo conceito de depoimento apresentado por Gabler (1996). Para a autora, o depoimento é um tipo específico de narração que institui um compromisso jurídico com a verdade dos fatos. Portanto, o depoimento estabelece um compromisso de verdade, posicionando o locutor numa situação de comprometimento com o dito, conduzindo-o, inclusive, ao ato de comprovação da palavra empenhada sob pena de ser responsabilizado judicialmente por perjúrio.

O depoente é, pois, responsável pelo relato do fato, o que implica esclarecer informações sobre o que aconteceu, com quem aconteceu, como aconteceu, quando e onde aconteceu, por que aconteceu e quais as possíveis conseqüências provocadas pelos acontecimentos.

Retomando o conceito, podemos dizer que, juridicamente, um depoimento é igual ao ato de depor constituído por declarações de testemunhas sobre determinado fato do qual tenham participado ou tenham conhecimento.

Outra observação interessante feita pela autora consiste em reconhecer que, se por um lado, depor é narrar em um sentido amplo, pois tem como conteúdo a exposição de um fato ou de um conjunto de fatos; por outro lado, é diferente de uma narração, posto que enquanto na narração, o narrador organiza o discurso de acordo com suas conveniências, no depoimento surge o papel do interrogador que orienta a fala do depoente. Portanto, o

depoimento no âmbito jurídico é construído para a satisfação dos interesses dos interrogadores e não dos interesses do depoente.

Apesar de utilizarmos o mesmo termo, consideramos que entre o depoimento descrito por Gabler (1996) e o que desejamos descrever há apenas um ponto de contato que consiste no fato de ambos possuírem como conteúdo proposicional a ocorrência de fatos reais nos quais o depoente de alguma forma está envolvido. Somos, pois, levados a acreditar que existem mais motivos para considerarmos esses dois tipos de depoimentos como gêneros distintos do que como um mesmo gênero. Vejamos.

No depoimento jurídico, o depoente pode ou não estar envolvido como participante direto dos fatos, ele pode simplesmente testemunhar sobre fatos relacionados a terceiros. No depoimento dos alcoólicos anônimos, o depoente relata suas experiências e não as de outros.

No depoimento de júri, os interlocutores que, no evento comunicativo, assumem o papel de interrogadores já são, ao menos em parte, conhecedores dos fatos. Buscarão, pois, nos depoimentos a confirmação ou não das informações postas nos Autos. No depoimento dos alcoólicos anônimos, os fatos a serem relatados são do conhecimento apenas do depoente até que este deseje e resolva torná-los públicos.

No depoimento jurídico, há o papel do inquiridor que orienta o depoimento através de perguntas às quais o depoimento apresenta-se como resposta. Neste processo, o inquiridor, se necessário, chega a interromper a fala do depoente, reconduzindo-a ao objetivo de responder às questões postas. Como afirma Gabler (1996) *neste depoimento, não foi dada ao réu liberdade de enunciar segundo seu projeto de dizer, mas ele foi dirigido pelo projeto de ouvir da autoridade inquiridora*. Já no depoimento dos alcoólicos anônimos, o fluxo de elaboração do depoimento é contínuo não havendo interrupções de qualquer ordem.

Por fim, é importante ressaltarmos que os objetivos mobilizados em ambos os casos são bem diferentes. No depoimento realizado em júri, o objetivo central é fornecer informações que sejam do interesse da Corte. No depoimento dos alcoólicos anônimos, o objetivo é trocar experiências sobre vivências relacionadas ao alcoolismo.

Como já havíamos afirmado, o gênero que pretendemos descrever pouca relação apresenta com os depoimentos de júri. Por este motivo, fomos buscar em outras fontes o

apoio para a realização desta descrição e encontramos-lo, principalmente, no conceito de auto-relato desenvolvido por Bruner e Weisser (1997).

Os autores desenvolvem as hipóteses de que ao falarmos de nós mesmos acionamos lembranças que não são provocadas pelos fatos tal como ocorreram, mas por revisões interpretativas que realizamos destes fatos e de que a textualização de tais revisões está envolvida por coerções referentes ao que podemos dizer e ao como podemos dizer, ou seja, está envolvida por coerções genéricas. Para a comprovação de tais hipóteses, os autores buscam caracterizar que "espécie de texto" corresponderia ao ato de relatar sobre si mesmo, e apresentam como alternativa a esta questão a descrição do que eles designam de autobiografia, auto-descrição ou auto-relato, termo pelo qual optaremos. É, pois, a descrição do auto-relato que, de fato, nos interessa.

Começemos pelas palavras dos próprios autores:

O ato de elaboração da autobiografia, longe de ser a vida como está armazenada nas trevas da memória, constrói o relato de uma vida. A autobiografia transforma a vida em texto, por mais implícito ou explícito que seja. É só pela textualização que podemos conhecer a vida de alguém. O processo de textualização é complexo, uma interminável interpretação e reinterpretação. Seu status textual não é, em sentido estrito, determinado exclusivamente pelo ato da fala e da escrita, mas depende dos atos da conceitualização: a criação de esquemas de interpretação pelos quais a memória semântica dá coerência aos elementos da memória episódica. A esquematização é comandada por regras de gênero e convenção cultural que, por sua vez, impõem regras de uso lingüístico e construção narrativa. Por fim, em virtude de sua função como artifício locucional, a autobiografia cria a necessidade de identificação e individualização, satisfazendo, ao mesmo tempo, essas necessidades se conseguir atingir a correção de representação. (Bruner e Weisser, 1997:149).

Tomaremos o conceito acima para o reconhecimento dos elementos caracterizadores do auto-relato e os trataremos como tópicos distintos apenas para facilitar posteriormente o paralelo com o gênero depoimento de alcoólicos anônimos.

Como apresentam os autores, o auto-relato é uma textualização de lembranças

como participante de determinadas esferas sociais (Bruner e Weisser, 1997). Isto não quer dizer, porém, que não funcione como uma expressão idiossincrática das experiências vividas por um único indivíduo. Bruner e Weisser (1997) citam o caso, por eles analisados, de auto-relatos de membros de uma família que, ao mesmo tempo em que relatam versões idiossincráticas dos fatos, acabam por situar-se nos papéis sociais de pai, mãe, filho. É, certo, portanto, que os auto-relatos conduzem a versões individualizadas sobre os fatos da vida de alguém, mas também é certo que tais versões são edificadas sobre a base de significados abstratos culturalmente construídos, ou seja, mesmo que os auto-relatos sejam particulares, permitem a identificação, que será sempre mais forte quanto mais estreita for a ligação entre os interlocutores, daqueles que relatam como compartilhadores de experiências comuns.

Outra importante característica do auto-relato expressa-se na disjunção existente entre o auto-relator e seu relato que consiste na distância entre o *eu* que está relatando e o *eu* do passado relatado. Ou seja, o auto-relator não compartilha com o eu relatado os mesmos tempo e espaço da enunciação. Isto coloca ao auto-relator a tarefa de tornar o seu auto-relato crível para os interlocutores, posto que estes somente terão acesso aos fatos traduzidos pela interpretação de quem relata.

Complementando o raciocínio dos autores, acreditamos que a credibilidade do auto-relato dependerá, ainda, da coerência que for estabelecida pelo auto-relator entre sua versão individualizada e as convenções impostas pelos papéis e situações sociais postos em jogo na trama dos fatos. Assim, se uma pessoa reconhecidamente nascida e criada em um cenário urbano, ao relatar um evento passado, caracteriza-se como um excelente boiadeiro, certamente provocará desconfianças quanto à veracidade do relato.

Outras duas características que consideramos importantes sobre o auto-relato consistem, primeiro, no reconhecimento de que o auto-relato gira sempre em torno de um tema e segundo, na constatação de que o auto-relato pode afetar o modo pelo qual nos comportamos ou sentimos, posto que a reconstrução da memória torna possível "tirar conclusões, fazer previsões ou assumir riscos" relacionados a um vir a ser. Como afirmam os autores: *a autodescrição torna-se uma forma importante não apenas de relatar (de maneira seletiva) o passado, mas também de se liberar de modos anteriormente estabelecidos de responder e organizar respostas ao futuro. (Bruner e Weisser, 1997:149)*

Feitos os esclarecimentos sobre as características dos auto-relatos, passaremos ao paralelo de tais características com as características que encontramos nos depoimentos dos alcoólicos anônimos.

Retomemos, pois, a primeira característica apontada para os auto-relatos: o auto-relato é uma textualização de lembranças selecionadas para a construção de uma auto-representação. De fato, não há como negar que o tópico central desenvolvido nos depoimentos dos alcoólicos anônimos diz respeito às lembranças de fatos passados relacionados ao alcoolismo e que, principalmente, nos depoimentos remetidos por *e-mail* (objeto de nossa análise), as lembranças relatadas provavelmente são selecionadas com vistas à auto-representação ou, nos termos, dos próprios membros da Irmandade, a exposição de lembranças íntimas visa, entre outras coisas, criar laços de identificação e confiança entre os membros da comunidade. Vejamos o que diz um de nossos informantes a esse respeito:

É muito importante entender isto, por que esta é a essência da comunicação entre dois alcoólicos. O alcoólico hesitante e teimoso que eu era deveria, em primeiro lugar, perceber que estava ouvindo coisas de pessoas que entendiam o que se passava comigo(...) esta é a primeira fase de um contato; provocar a identificação, a partir daí eu estava mais atento do que nunca ao que aqueles homens e mulheres iriam me dizer.¹⁵

Ainda em consonância com as afirmações de Bruner e Weisser (1997) sobre o auto-relato, esta auto-representação construída pelos depoimentos dos alcoólicos anônimos também funciona como um mecanismo para tomada de consciência acerca de si mesmo. Podemos constatar isto na indicação expressa no primeiro passo contido nos Doze Passos dos Alcoólicos Anônimos: *admitimos que éramos impotentes perante o álcool - que tínhamos perdido o domínio sobre nossas vidas*. A admissão da condição de alcoólico que é proferida regularmente nas aberturas dos depoimentos é, ao mesmo tempo, um mecanismo de identificação com o outro que habilita o sujeito a falar, garantindo-lhe a atenção da audiência e um mecanismo de identificação consigo mesmo que não permite ao sujeito esquecer sua condição de portador da doença alcoolismo e, portanto, de alguém que, em hipótese alguma, poderá ingerir qualquer substância alcoólica.

Podemos confirmar, pois, que o depoimento é o espaço no qual o depoente reconhece e constrói sua identidade de alcoólatra para si mesmo e para o outro. Eis aqui a função de autolocalização apontada pelos autores para os auto-relatos.

No entanto, é importante ressaltar que nos depoimentos não encontramos apenas relatos de fatos passados, encontramos também reflexões e conclusões construídas a partir destes fatos, assim como comparações com experiências vividas após o ingresso na irmandade. Entendemos, portanto, que, nos depoimentos de alcoólicos anônimos, a textualização das lembranças que é citada por Bruner e Weisser (1997) tem como tema norteador o confronto entre os papéis de alcoólico na ativa (antes do ingresso na Irmandade) e de alcoólico em recuperação (depois do ingresso na Irmandade) vividos em momentos distintos pelo mesmo sujeito. Vejamos o que afirma um trecho abaixo transcrito de um documento contido na página www.aabr.com.url : *uma reunião de AA pode ser feita de diversas formas, mas em qualquer reunião você encontrará alcoólicos falando sobre o que a bebida fez em suas vidas e personalidades, quais as atitudes que tomaram para ajudar a si mesmos e como estão vivendo hoje.*

A partir do comentário acima, podemos encontrar outros pontos de contato entre os auto-relatos e os depoimentos. O primeiro diz respeito à afirmação de que os auto-relatos giram sempre em torno de um tema, o segundo, de que os auto-relatos, por serem uma reconstrução consciente e reflexiva da memória, podem afetar o modo pelo qual nos comportamos ou sentimos.

Quanto à questão do tema, acreditamos que já apresentamos esclarecimentos suficientes; quanto à questão dos auto-relatos poderem afetar os comportamentos e sentimentos de quem relata, temos, ainda, alguns comentários a fazer. Esta característica dos auto-relatos, sem dúvida, encontra espaço também na caracterização dos depoimentos dos alcoólicos anônimos, posto que todos os membros da Irmandade acreditam que a ação de relatar experiências sobre suas histórias relacionadas ao alcoolismo é a melhor e a única forma encontrada por eles para manter a firme determinação de não ingerir o primeiro gole. Vejamos o trecho abaixo transcrito da página www.aabr.com.url :

Nós em AA acreditamos que não há cura para o alcoolismo. Jamais poderemos voltar a beber normalmente e nossa capacidade de ficar longe do álcool depende de mantermos a nossa saúde física, mental e espiritual. Isso podemos conseguir indo regularmente às reuniões e pondo em prática o que lá aprendemos. Além do mais, achamos que auxiliaremos outros alcoólicos ajudando a manter-nos sóbrios.

¹⁵ trecho transcrito de um questionário que foi remetido ao grupo aa-sobreidade

É interessante percebermos, ainda, que, segundo declarações de nossos informantes, o alcoólico que ainda não está suficientemente preparado para controlar a compulsão pela bebida, ao passar por períodos de sobriedade, pode gestar a ilusão de que "só uma dose não fará mal" e sucumbir ante as tentações dos vários ambientes e situações sociais que convidam ao ato de beber. A realização do depoimento frente aos companheiros de Irmandade é, portanto, um antídoto diário para combater tais tentações, pois significa, por um lado, lembrar os malefícios que o álcool provocou em suas vidas e, por outro lado, reafirmar a cada depoimento proferido, a cada depoimento ouvido ou lido, o compromisso de manter-se sóbrio.

Para concluir, retomaremos como tópico a questão da autolocalização apontada por Bruner e Weisser (1997) como a principal função dos auto-relatos. Como já apresentamos, a noção de autolocalização aponta para a indissociável relação entre as experiências idiossincráticas relatadas pelo indivíduo e o papel social desempenhado por este indivíduo no relato, o que o torna parte do mundo simbólico da cultura. Acreditamos que esta noção está fortemente presente nos depoimentos dos alcoólicos anônimos, pois apesar de cada alcoólico narrar sua história individual, há um roteiro comum que envolve o desenrolar dos fatos narrados e que representa, de uma forma geral, a história vivida pelo papel social de alcoólatra. É importante salientarmos que os próprios membros da comunidade discursiva têm consciência deste fato, como podemos confirmar através da leitura de dos trechos (40), (41) e (42):

(40)

Olá, companheiros, bom dia!

Bom dia, XXXX

XXXX, você tem uma experiência parecida com a de muitas pessoas. A minha, por exemplo (...) D 4

(41)

(...) ontem lá pelas 10:00 chegou em casa o tal amigo de >>>>>>. Inchado, com aquele cheiro de acetona característico, dando risadas e logo chorando. Ai, ai ai, como eu me lembrei!

A historinha: internou-se em meados de 97(...) D 29

(42)

Companheiros,

Depois de algumas 24 horas sentindo que em muitos momentos cultivo, mesmo sem intenção a auto-piedade, vejo neste grupo depoimentos que servem para a gente trocar experiências e completar a visão que temos do assunto. Os sentimentos são sempre ou quase sempre os

mesmos entre nós, quando relembramos o passado e pensamos sobre o que poderíamos ser(...) D 39

Como podemos perceber nos exemplos de (40) a (42), os membros da comunidade discursiva dos alcoólicos anônimos reconhecem nos relatos desenvolvidos nos depoimentos uma história que, em linhas gerais, já é conhecida pelos alcoólicos e somente por eles pode ser relatada.

Feito este paralelo entre os auto-relatos e os depoimentos dos alcoólicos anônimos, arriscamos afirmar que o depoimento proferido por essa comunidade discursiva é uma forma de auto-relato que gira em torno de um tema-problema comum aos depoentes e seus interlocutores e que tem como objetivo nuclear a solução desse problema por meio da troca de experiências vividas.

Gostaríamos de justificar que optamos por expressões como tema-problema ou experiências vividas, desprovidas do acompanhamento de termos relacionados ao alcoolismo porque acreditamos que este conceito adequa-se a atividades verbais que são desenvolvidas por outras comunidades discursivas, tais como grupos de viciados em drogas, grupos de comedores compulsivos, entre outros que se espelham nos princípios e crenças desenvolvidas pela Irmandade dos alcoólicos anônimos, mas cujos problemas e experiências são de outra ordem.

Outra justificativa que consideramos fundamental diz respeito à manutenção do termo depoimento para nomear o gênero sobre o qual nos debruçamos. Por que não chamá-lo de auto-relato ou batizá-lo com um outro nome que evite a confusão com o gênero depoimento de júri?

A primeira e principal resposta a esta questão está apoiada no fato incontestável de que os próprios membros da comunidade discursiva dos alcoólicos anônimos elegeram o termo depoimento para referir-se ao ato verbal que realizam. Adotamos, pois, a idéia apontada por Swales (1990) de que as unidades utilizadas para segmentar, ordenar e descrever os gêneros devem ser as da própria comunidade discursiva e não construções apriorísticas e arbitrárias de categorias, realizadas pelo pesquisador.

Outro fator que nos remete a tal conduta repousa sobre a constatação de que o depoimento é apenas uma entre outras expressões de auto-relato, sendo, portanto, um

representante pertencente à classe dos auto-relatos e não a expressão da classe como um todo.

Feitas tais justificativas, gostaríamos de concluir este tópico do capítulo 4, lançando a seguinte reflexão: se como afirmam Bruner e Weisser (1997) a forma através da qual textualizamos nossas lembranças depende do gênero que escolhemos para fazê-lo, então cabe-nos perguntar como o gênero depoimento organiza as lembranças e reflexões dos alcoólicos anônimos e quais as regularidades encontradas nesta organização que nos possibilitam afirmar que o depoimento é um ato verbal típico da comunidade discursiva em questão?

Ao lançarmos esta indagação, ao mesmo tempo que concluímos o primeiro passo de nossa análise, lançamos luzes sobre o objetivo a ser cumprido no próximo item deste capítulo: a descrição da organização retórica do depoimento dos alcoólicos anônimos.

4.2 - A organização retórica do gênero depoimento de alcoólicos anônimos

Como afirmamos no item 4.1, a realização da descrição retórica do gênero depoimento tem como objetivo central perceber quais as similaridades e regularidades que caracterizam esse gênero como um ato verbal típico da comunidade discursiva dos alcoólicos anônimos. Para cumprir este objetivo realizamos a análise de 60 depoimentos cedidos pela lista de discussão aa-sobriedade nos meses de abril e outubro de 1999.

O percurso para a realização desta análise em nada foi fácil posto que não encontramos outros trabalhos cujo objeto de estudo fosse, ao menos, similar. Assim, prevenimos que não nos propomos construir um modelo de organização retórica do gênero, mas descrever esta organização para mostrar que há similaridades na construção dos depoimentos, que tais similaridades são recorrentes e, portanto, correspondem a um padrão de comportamento verbal dos alcoólicos anônimos. Para tanto, apoiamo-nos na proposta desenvolvida por Swales (1990) que toma para análise a percepção da distribuição das informações no gênero.

Acreditamos que esta escolha teórica foi, sem dúvida, a mais adequada, mas também temos consciência de que não foi realizada com facilidade, pois a maioria dos trabalhos que se apoiaram na teoria de Swales ocuparam-se em analisar gêneros do discurso acadêmico. Isto significa dizer que não foi possível tomar como parâmetro resultados aos quais

chegaram estes trabalhos. Portanto não tivemos nenhum modelo de organização retórica a seguir. O que tivemos foram princípios teóricos e metodológicos que acreditávamos poder aplicar a um gênero totalmente distinto dos chamados gêneros acadêmicos.

Como consequência da ausência de modelos com os quais comparar, tivemos que partir de um olhar exaustivo sobre os dados em busca de encontrar similaridades e recorrências no conjunto dos 60 depoimentos. Iniciamos essa tarefa já no projeto de dissertação com uma primeira tentativa de análise a partir de uma amostra constituída pelos dez primeiros depoimentos do *corpus*, ou seja, realizamos uma análise dos 10 primeiros depoimentos do mês de Abril.

Passaremos a seguir à descrição de nossas impressões, descobertas e dúvidas no momento dessa primeira tentativa de análise e assim o faremos para que nosso leitor percorra conosco os passos que nos levaram às conclusões que apresentaremos ao final deste trabalho.

4.2.1 - A análise da organização retórica de uma amostra de depoimentos

Apresentaremos, neste item de nosso trabalho, uma descrição detalhada dos resultados aos quais chegamos após a análise de uma amostra dos 10 primeiros depoimentos de nosso *corpus*. O caminho metodológico que percorreremos para realizar esta descrição está inspirado no percurso de análise realizado por Rodrigues (1998). Portanto, apresentaremos primeiro uma sistematização dos resultados parciais obtidos com base na observação e comparação do comportamento retórico dos exemplares da amostra para chegarmos a uma primeira proposta do padrão de organização retórica do gênero.

Queremos deixar claro, ainda, que, neste momento da análise, nosso objetivo principal é descrever como começam, desenvolvem-se e terminam os depoimentos selecionados e, assim, chegar a uma percepção mais nítida das fronteiras entre as unidades retóricas do gênero. Outra observação importante é que, antes de realizarmos uma análise mais detida dos depoimentos da amostra, já havíamos lido todos os 60 exemplares que compõem o *corpus* e, de uma forma intuitiva, percebido que o gênero em questão estaria dividido em três grandes unidades retóricas; uma primeira, cujo objetivo seria abrir o depoimento, uma segunda que consistiria em relatar e/ou comentar experiências relacionadas ao tema do alcoolismo e uma terceira na qual se realizaria o fechamento do

depoimento. Tais unidades, por sua vez, estariam divididas em subunidades as quais, naquele momento, ainda não sabíamos identificar de forma clara. Para uma melhor visualização desses três grandes blocos de informações dividimos o corpo dos depoimentos em quadros, como verificamos em (43).

(43)

D 09

De: XXXX <XXXX@xxx.com>
 Data: >> de abril de 1999 01:55
 Para: <aa-sobriedade@egroups.com>
 Assunto: [aa-sobriedade] Mudando de Rumo

Boa noite a todos, sou apenas um ALCOÓLATRA, que não escreve para vocês, mas que sempre que posso leio vossas mensagens, e agradeço a Deus todos os dias por vocês existirem

Tenho 44 anos, e não sei exatamente quando e o que me levou a me tornar um beberão, entretanto acho que a autopiedade é que me impediu de ver a realidade antes, por diversas vezes jurei para mim e para o mundo que não beberia mas, porém, não chegava a dois ou três dias, e começava tudo de novo, e achava sempre que poderia beber “socialmente”, e que quando desse na telha, pararia.

Após o dia 24 de março (Quarta-feira a duas semanas atrás, quando tomei o último porre), exatamente na tarde do dia seguinte, recebia as primeiras mensagens de vocês, a princípio me senti ridículo por dar tanta atenção no que lia, parecia que estava diante de outro mundo, que não tinha nada de meu.

Esta foi a primeira que modificou minha maneira de pensar, e começava assim: “Aqui quem lhe escreve é XXXX, um alcoólico em recuperação em São Paulo. Obrigado por sua mensagem e sua confiança; sei o quanto é difícil nos abrimos neste tipo de situação. ...”

Amigos após Ter lido toda a mensagem, percebi que ridículo, era o que eu fazia a mim mesmo e aos que comigo convivem, pois apesar de nunca Ter apanhado ou brigado na rua, como relatou o “XXXX” de seu amigo, já cheguei a dormir na rua, e ser levado para casa por pessoas que até hoje nem imagino quem foi.

Minha atual esposa com quem vivo já a 5 anos e meio, já não suporta mais a idéia de continuar vivendo com um beberão, e agora que há quinze dia não tomo nenhuma bebida alcóolica, já consigo dar razão a ela. Percebi também, que beber “socialmente”, significa nada mais e nada menos que se embriagar em sociedade.

Hoje vejo como é fácil evitar o primeiro gole, neste Domingo de Páscoa, recebemos vários amigos da família em casa, e aqui em Mato Grosso do Sul, é muito comum fazermos churrasco, tendo visita então é um motivo maior, porém, pela primeira vês em minha vida, churrasqueamos ao sabor de refrigerantes, e naturalmente que ouvi, várias piadinhas tais como: “Nossa se o XXXX não tomar nenhuma, vai chover até canivete”, levei na brincadeira, e como nem todos acreditam ainda, que resolvi para e de vez, respondia apenas que estou fazendo tratamento médico, pôs a pressão arterial chegou à 24 por 19, que na verdade não é mentira.

A noite após todos terem saído, minha mulher declarou que esta tinha sido a melhor páscoa desde que casamos, acho que uma declaração como esta, feita por uma pessoa que ultimamente só falava em separação, é um bom princípio para continuar lendo vocês.

Unidade não reconhecida

Desculpem pela falta de participação, porém, com menos de 15 dias não me considerava ainda um Alcoólatra em Recuperação.
Um grande abraço amigos e desejo a todos + 24 horas de Sobriedade e Serenidade como estou vivendo e me sentindo agora graças a Deus e a vocês. XXXXX

Foi, portanto, partindo dessa intuição inicial e tomando como apoio as pistas semântico-lexicais e pragmáticas que os depoimentos mostraram como recorrentes na transição de uma unidade retórica a outra, que demos início a um tratamento mais detalhado dos dados.

Verificaremos, no item que segue, quais as subunidades de informação recorrentes em cada uma das unidades retóricas e sistematizaremos, então, a primeira versão do padrão de organização retórica dos depoimentos de alcoólicos anônimos.

4.2.2 - Uma versão inicial do padrão de organização retórica dos depoimentos de alcoólicos anônimos

Neste item apresentaremos, de forma sintética e sistemática, os resultados da análise dos 10 depoimentos da amostra. O objetivo central neste momento de nossa análise é identificar as subunidades retóricas encontradas a partir de seu conteúdo informacional e de sua distribuição seqüencial no texto dos depoimentos.

Para realizarmos tal objetivo tivemos que tomar algumas decisões metodológicas que já foram explicitadas no capítulo 2, mas que retomaremos a seguir. A primeira decisão diz respeito aos mecanismos de divisão e identificação das unidades e subunidades retóricas no corpo dos depoimentos. Optamos por demarcar as três grandes unidades retóricas através de quadros divisórios e as subunidades através do código SUB + o número correspondente da subunidade impressos em vermelho. As subunidades da unidade retórica 2 serão separadas, também, por destaques em negrito e sublinhado. Outro esclarecimento que se faz necessário é que não devemos confundir as subunidades com sentenças ou parágrafos do texto, uma vez que uma mesma sentença ou parágrafo pode conter mais de uma subunidade e uma mesma subunidade pode estar em sentenças ou parágrafos diferentes.

Passemos, então, à descrição das unidades de informação evidenciadas em cada um dos depoimentos da amostra.

D 01

Abertura

- Saudação aos membros do grupo;
- comentário sobre um tema determinado;
- apresentação do depoente.

Desenvolvimento

- descrição de sentimentos existentes no momento do alcoolismo ativo;
- descrição de sentimentos vividos após o ingresso na Irmandade dos Alcoólicos Anônimos.

Fechamento

- despedida;
- agradecimento pelo tema lançado à discussão;
- subscrição do depoente.

D02

Abertura

- saudação;
- apresentação do depoente.

Desenvolvimento

- reconhecimento do depoente de sua impotência em relação ao álcool;
- comentário sobre os comportamentos do depoente no período de alcoolismo ativo;
- comparação com novos comportamentos adquiridos após o ingresso nos Alcoólicos Anônimos.

Fechamento

- agradecimento pela atenção concedida pelos membros do grupo;
- manifestação do desejo de 24 horas de sobriedade;
- subscrição do depoente.

D 03**Abertura**

- saudação aos membros do grupo.

Desenvolvimento

- referência a outra mensagem enviada por outro membro do grupo que tenha provocado a construção do depoimento em questão;
- relato de um fato relacionado à bebida ocorrido com o depoente;
- comentários sobre os benefícios do programa de recuperação dos alcoólicos anônimos.

Fechamento

- despedida;
- manifestação do desejo de 24 horas de sobriedade;
- subscrição do depoente.

D 04**Abertura**

- saudação aos membros do grupo.

Desenvolvimento

- referência a outra mensagem enviada por outro membro do grupo que tenha provocado a construção do depoimento em questão;
- relato de um fato relacionado à bebida ocorrido com o depoente;
- comentários sobre os benefícios do programa de recuperação dos alcoólicos anônimos.

Fechamento

- manifestação do desejo de 24 horas de sobriedade;
- subscrição do depoente.

D 05**Abertura**

- saudação;
- informação atípica: manifestação de alegria pela confirmação de ingresso no grupo.

Desenvolvimento

- relato de fatos relacionados ao consumo de bebida;
- comentários referentes ao período de recuperação do depoente.

Fechamento

- despedida;
- manifestação do desejo de 24 horas de sobriedade;
- subscrição do depoente.

D 06**Abertura**

- saudação;
- informação atípica: pedido de ingresso no grupo;
- apresentação do nome e do pseudônimo do depoente.

Desenvolvimento

- informação sobre o momento do ingresso do depoente na irmandade dos alcoólicos anônimos;
- relato de fatos relacionados a experiências relacionadas ao convívio com parentes alcoólatras;
- fatos que provocaram o afastamento da irmandade;
- comentário sobre o retorno do depoente aos alcoólicos anônimos.

Fechamento

- despedida;
- manifestação do desejo de 24 horas de sobriedade;
- subscrição do depoente.

D 07**Abertura**

- saudação;
- apresentação do depoente;
- agradecimento pelo controle sobre a bebida.

Desenvolvimento

- agradecimento as companheiros do grupo pelo compartilhamento de problemas;
- relato sobre fatos relacionados à época do alcoolismo ativo;
- comentários sobre o comportamento do depoente, em fase de sobriedade, frente a um determinado problema.

Fechamento

- despedida;
- subscrição do depoente;
- agradecimento pela atenção dispensada pelos membros do grupo;
- informação atípica: informação acerca da pretensão de continuar o depoimento em outro momento.

D 08**Abertura**

- saudação aos membros do grupo.

Desenvolvimento

- relato sobre fatos relacionados à época do alcoolismo ativo do depoente;
- comentários sobre as mudanças provocadas pelos alcoólicos anônimos na vida do depoente.

Fechamento

- agradecimento pela atenção concedida pelos membros do grupo;
- informação atípica: declaração da determinação de não beber nas 24 horas subsequentes ao depoimento;
- manifestação do desejo de 24 horas de sobriedade;
- subscrição do depoente.

D 09**Abertura**

- saudação;
- apresentação do depoente;
- agradecimento pela atenção dedicada pelos membros do grupo.

Desenvolvimento

- reflexão sobre os motivos que conduziram o depoente à condição de alcoólatra;
- comentário sobre sentimentos da época de alcoolismo ativo;
- reflexões sobre o ingresso do depoente no grupo aa-sobriedade;
- relato de um fato ocorrido após o ingresso no grupo, apresentando os progressos já conseguidos com o programa de recuperação;
- informação atípica: pedido de desculpas pela falta de participação no grupo.

Fechamento

- despedida;
- manifestação do desejo de 24 horas de sobriedade;
- agradecimento a deus e ao grupo pela progresso da recuperação do depoente;
- subscrição do depoente.

D 10**Abertura**

- saudação;
- apresentação do depoente;
- informação atípica: declaração que informa que o depoente tem problemas com o alcoolismo.

Desenvolvimento

- justificativa sobre como o depoente entrou em contato com a irmandade e com o grupo aa-sobriedade em particular;
- apresentação de informações sobre problemas que o depoente tem com o consumo de bebidas alcoólicas;
- informação atípica: pedido de ajuda.

Fechamento

- agradecimento pela atenção concedida pelos membros do grupo.

Após esta sistematização das subunidades de informação presentes nos dez depoimentos da amostra-piloto, apresentaremos uma primeira tentativa de padronização da organização global dos depoimentos dos alcoólicos anônimos, visualizando as unidades e

subunidades retóricas de informação, e atribuindo-lhes nomes que, por hora, ainda serão provisórios. É importante salientar, ainda, que a sistematização das subunidades retóricas deu-se a partir da maior frequência das informações apreendidas da amostra sistematizada acima e sua sequenciação seguiu, em linhas gerais, a ordem na qual as informações foram apresentadas no texto dos depoimentos.

Como já afirmamos, em todos os dez depoimentos da amostra percebemos a presença de três grandes blocos de informação que se mostraram facilmente identificáveis: a abertura, o desenvolvimento e o fechamento do depoimento. Porém a mesma facilidade não foi encontrada para o reconhecimento, a segmentação e a denominação das informações

Unidade retórica 1 – abertura do depoimento

Subunidade 1.1 – saudação aos membros do grupo

Subunidade 1.2 – apresentação do depoente

Quanto ao desenvolvimento dos depoimentos, vejamos o que nos revela o quadro 07 abaixo.

Quadro 07 – Desenvolvimento dos dez depoimentos da amostra – Unidade retórica 2

Informações	Frequência	Depoimento
2.1 descrição de sentimentos existentes nos momentos de alcoolismo ativo	02	D01,D09
2.2 descrição de sentimentos vividos após o ingresso no AA.	01	D01
2.3 reconhecimento do depoente de sua impotência em relação ao álcool	01	D02
2.4 comentários sobre comportamento do depoente no período de alcoolismo ativo.	01	D02
2.5 comentários sobre comportamentos adquiridos após o ingresso no AA	01	D02
2.6 referência a outra mensagem do grupo que tenha provocado a construção do depoimento em questão	02	D03, D04
2.7 relato de fatos relacionados ao alcoolismo ativo do depoente	06	D03,D04,D05,D07,D08,D10
2.8 comentários sobre os benefícios do programa de recuperação dos alcoólicos anônimos	06	D03,D04,D05,D07,D08,D09
2.9 informação sobre o ingresso do depoente nos alcoólicos anônimos	02	D06,D10
2.10 relatos de fatos relacionados ao convívio com parentes alcoólatras	01	D06
2.11 relato de fatos que provocaram afastamento da Irmandade	01	D06
2.12 comentário sobre o retorno do depoente à irmandade.	01	Do6
2.13 agradecimento aos companheiros do grupo pelo compartilhamento de problemas	01	D07
2.14 reflexão sobre os motivos que conduziram o depoente à condição de alcoólatra	01	D09
2.15 pedido de desculpas por falta de participação no grupo	01	D09
2.16 pedido de ajuda	01	D10

Observando as informações sistematizadas no quadro 07, percebemos que as informações 2.1, 2.4 e 2.7 podem ser reunidas como um único tipo de informação que

identificaremos como relato e/ou descrição de fatos, sentimentos e/ou comportamentos relacionados ao período de alcoolismo ativo vivido pelo depoente. Este tipo de informação ocorreu em 90% dos depoimentos da amostra, o que nos autoriza a reconhecê-la como uma subunidade da unidade retórica 2 do depoimento. O mesmo pode ser percebido nas informações 2.2, 2.5 e 2.8 que também podem ser reunidas como uma única unidade de informação, a saber: relato e/ou descrição de fatos, sentimentos e/ou comportamentos relacionados ao período de recuperação do alcoolismo proporcionado pela irmandade dos alcoólicos anônimos. Este tipo de informação ocorreu em oito dos dez depoimentos da amostra, podendo, portanto, ser identificado como uma outra subunidade da unidade retórica 2.

As informações 2.3, 2.9, 2.10, 2.11, 2.12, 2.13, 2.14, 2.15 e 2.16 foram consideradas atípicas primeiramente porque apresentaram cada uma, uma única ocorrência na amostra de dez depoimentos, em segundo lugar porque apresentaram-se em depoimentos de membros iniciantes do grupo e mesmo da irmandade, como podemos perceber em D05, D06 e D10.

Já a informação 2.6, presente nos depoimentos 03 e 04, apesar da baixa frequência (02 ocorrências) será considerada como uma subunidade da unidade retórica 2, uma vez que caracteriza de forma explícita a forte intertextualidade presente nos depoimentos. Tal consideração poderá obviamente ser alterada se este tipo de informação não se mostrar representativo no total dos 60 depoimentos do *corpus*.

Quanto à organização destas três subunidades, consideremos a informação do tipo 2.6 como subunidade retórica 2.1, posto que, ao surgir, essa informação geralmente inicia a unidade retórica 2; o bloco formado pelas informações 2.1, 2.4 e 2.7 será considerado como subunidade 2.2 e o bloco das informações 2.2, 2.5 e 2.8, como subunidade 2.3. vejamos a seguir a primeira versão do padrão encontrado para a unidade retórica 2.

Unidade retórica 2 - desenvolvimento do depoimento

Subunidade 2.1 - referência a outra mensagem do grupo que tenha provocado a construção do depoimento em questão

Subunidade 2.2 - relato de experiências com o alcoolismo

Subunidade 2.3 – comentários sobre a recuperação após o ingresso nos alcoólicos anônimos

Para finalizar a sistematização da primeira versão do padrão de organização retórica do depoimento dos alcoólicos anônimos, vejamos no quadro 08 como se comporta a terceira unidade retórica do gênero.

Quadro 08 – Fechamento dos dez depoimentos da amostra – Unidade retórica 3

Informações	Freqüência	Depoimento
3.1 despedida	06	D01,D03,D05,D06,D07,D09
3.2 agradecimento pelo tema lançado à discussão	01	D01
3.3 subscrição do depoente	08	D01,D02,D03,D04,D05,D06, D07,D08
3.4 agradecimento pela atenção concedida pelos membros do grupo	04	D02,D07,D08,D10
3.5 manifestação do desejo de 24 horas de sobriedade	07	D02,D03,D04,D05,D06,D08, D09
3.6 informação sobre a pretensão de continuar o depoimento em momento seguinte	01	D07
3.7 declaração da determinação de não beber nas 24 horas subsequentes ao depoimento	01	D08
3.8 agradecimento pelo progresso da recuperação do depoente	01	D09

No fechamento dos depoimentos, percebemos que a informação mais recorrente é a 3.3, *subscrição do depoente*, que apareceu em oito dos dez depoimentos da amostra, seguida pela informação 3.5 que se apresentou em sete depoimentos, da informação 3.1 que teve presença em seis depoimentos e da informação 3.4, presente em quatro depoimentos. Tal recorrência nos conduziu a considerar tais informações como subunidades distintas da unidade retórica 3. É importante salientar, ainda, que tomamos como critério para a ordenação da distribuição dessas subunidades, a ordem na qual aparecem nos textos dos depoimentos. Assim, a informação 3.1 permanece como subunidade 3.1, a informação 3.5 passa a subunidade 3.2, a informação 3.4, passa a subunidade 3.3 e a informação 3.3, a subunidade 3.4. As informações 3.2, 3.6, 3.7 e 3.8 apresentaram apenas uma ocorrência e portanto não foram consideradas como subunidades retóricas. Vejamos a sistematização desse padrão a seguir:

Unidade retórica 3 – fechamento do depoimento

Subunidade 3.1 – despedida

Subunidade 3.2 – manifestação do desejo de 24 horas de sobriedade

Subunidade 3.3 – agradecimento pela atenção concedida pelos membros do grupo

Subunidade 3.4 – subscrição do depoente

Observemos agora a versão inicial do padrão global da organização das informações do gênero depoimento dos alcoólicos anônimos.

Quadro 09 – versão inicial do padrão de organização retórica do gênero depoimento

<p>Unidade retórica de informação 1 – abertura do depoimento</p> <p>Subunidade 1.1 – saudando os membros do grupo</p> <p>Subunidade 1.2 – apresentando o depoente</p> <p>Unidade retórica de informação 2 – desenvolvimento do depoimento</p> <p>Subunidade 2.1 - fazendo referência a outra mensagem do grupo que tenha provocado a construção do depoimento em questão</p> <p>Subunidade 2.2 - relatando experiências com o alcoolismo</p> <p>Subunidade 2.3 – comentando sobre a recuperação após o ingresso nos alcoólicos anônimos</p> <p>Unidade retórica de informação 3 – fechamento do depoimento</p> <p>Subunidade 3.1 – despedindo-se</p> <p>Subunidade 3.2 – desejando de 24 horas de sobriedade</p> <p>Subunidade 3.3 – agradecendo a atenção concedida pelos membros do grupo</p> <p>Subunidade 3.4 – subscrevendo-se</p>
--

4.2.3 - Uma proposta de organização retórica do gênero depoimento de alcoólicos anônimos – a análise de 60 depoimentos.

Após termos apresentado a análise dos 10 primeiros depoimentos do *corpus* como amostra, passamos à tarefa de expansão dessa análise ao conjunto dos demais 50 depoimentos, buscando verificar as similaridades e recorrências capazes de proporcionar a descrição de um padrão de comportamento verbal da comunidade discursiva dos alcoólicos anônimos.

Primeiramente apresentaremos, no quadro 10, o comportamento dos depoimentos quanto à divisão em três grandes unidades retóricas de informação: unidade retórica 1 – a abertura do depoimento, unidade retórica 2 – o desenvolvimento do depoimento e unidade retórica 3 – o fechamento do depoimento.

Quadro 10 – frequência das unidades retóricas.

Depoimentos	Unidade retórica 1	Unidade retórica 2	Unidade retórica 3
D01	X	X	X
D02	X	X	X
D03	X	X	X
D04	X	X	X
D05	X	X	X
D06	X	X	X
D07	X	X	X
D08	X	X	X
D09	X	X	X
D10	X	X	X
D11	X	X	X
D12	X	X	X
D13	X	X	X
D14	X	X	X
D15	X	X	X
D16	X	X	X
D17	X	X	X
D18	X	X	X
D19	X	X	X
D20	X	X	X
D21	X	X	X
D22	X	X	X
D23	X	X	X
D24	X	X	X
D25	X	X	X
D26	X	X	X
D27	X	X	X
D28	X	X	X
D29	X	X	X

D30	X	X	X
D31	X	X	X
D32	X	X	X
D33	X	X	X
D34	X	X	X
D35	X	X	X
D36	X	X	X
D37	X	X	X
D38	X	X	X
D39	X	X	X
D40	X	X	X
D41	X	X	X
D42	X	X	X
D43	X	X	X
D44	X	X	X
D45	X	X	X
D46	X	X	X
D47	X	X	X
D48	X	X	X
D49	X	X	X
D50	X	X	X
D51	X	X	X
D52	X	X	Ausente
D53	Ausente	X	X
D54	X	X	X
D55	X	X	X
D56	X	X	X
D57	Ausente	X	X
D58	X	X	X
D59	X	X	X
D60	X	X	Ausente

Pelo que podemos constatar, a presença das três unidades retóricas descritas no item anterior é bastante recorrente. Vale salientar que a segunda unidade retórica, que corresponde ao desenvolvimento dos depoimentos, apresentou 100% de frequência, mostrando-se, dessa forma, como a unidade essencial para a caracterização desse gênero.

Tal constatação é perfeitamente compreensível, se considerarmos que é exatamente nessa unidade que o depoente compartilha com os demais membros da comunidade discursiva suas experiências relacionadas ao alcoolismo e à participação na irmandade dos alcoólicos anônimos. A unidade 1 somente não esteve presente nos depoimentos 53 e 57 e a unidade 2 esteve ausente nos depoimentos 52 e 60.

Consideramos que cada unidade tem funções comunicativas razoavelmente claras a saber: a unidade 1 tem como objetivo estabelecer o contato entre o depoente e os seus leitores, e identificar o depoente como membro da comunidade discursiva. Para tanto, na maioria dos depoimentos, essa unidade tem como principais informações a saudação aos membros do grupo e a apresentação do depoente. A unidade retórica 2 tem como objetivo central estabelecer um confronto entre as experiências vividas pelo depoente antes e depois de seu ingresso na irmandade dos alcoólicos anônimos e a unidade retórica 3, além de fechar o depoimento, tem como objetivo reforçar o cumprimento do programa de recuperação da irmandade.

Quanto às ausências das unidades 1 e 3, cada uma em dois depoimentos do *corpus*, não conseguimos explicá-las, mas acreditamos que, ao menos quanto à unidade 1, podemos oferecer um possível motivo a ser considerado.

Acreditamos que um dos motivos dessa ausência pode estar relacionado ao formato do suporte através do qual o gênero é veiculado: a mensagem eletrônica. Queremos dizer com isso que no cabeçalho da mensagem eletrônica constam informações de identificação do depoente, seu nome ou pseudônimo e seu endereço eletrônico, que funcionam como um mecanismo de identificação. Obviamente tal identificação está muito distante do objetivo comunicativo da unidade 1, pois a simples identificação do nome do depoente no cabeçalho da correspondência não o posiciona como membro da comunidade discursiva, posto que a apresentação do nome no depoimento é, na maioria dos casos, um momento de construção da identidade de alcoólatra. O que está em questão nessa informação não é somente apresentar-se, mas posicionar-se frente aos companheiros do grupo como alguém que está autorizado a depor.

Passaremos a seguir a uma descrição pormenorizada do funcionamento e da organização em subunidades de cada uma dessas unidades retóricas para, ao fim desse capítulo, apresentarmos a proposta final do padrão de comportamento verbal da comunidade dos alcoólicos anônimos.

4.2.3.1 - A descrição da unidade retórica 1 – estabelecendo contato e identificação.

O título que apresentamos acima mostra que, a partir desse momento de nossa análise, passaremos a nos referir a essa unidade retórica não mais como uma simples introdução do depoimento, mas como uma unidade que carrega funções comunicativas relacionadas aos propósitos e princípios que regulam o funcionamento da comunidade discursiva dos alcoólicos anônimos.

Como apresentamos no capítulo 3, a comunidade discursiva dos alcoólicos anônimos é regida pelos chamados Doze Passos e Doze Tradições (cf. anexos 2 e 3) que funcionam como propósitos e princípios da comunidade. Acreditamos que tais passos e tradições interferem diretamente na organização retórica do gênero depoimento, principalmente nas informações que constituem suas subunidades.

Partindo dessa análise, passamos a identificar a unidade retórica 1 como aquela na qual os depoentes estabelecem contato com os outros membros do grupo e identificam-se como membros da irmandade, posicionando-se no papel social de alcoólatra. Perceberemos melhor como isto acontece nos comentários sobre as subunidades que seguem.

No item 4.2.2 no qual apresentamos uma versão inicial do padrão de comportamento retórico dos depoimentos, descrevemos a unidade retórica 1 como sendo composta por duas subunidades: *saudação aos membros do grupo* e *apresentação do depoente*.

Analisando os demais 50 depoimentos do *corpus*, constatamos que essas duas subunidades, de fato, mostraram-se recorrentes, mas também chegamos à conclusão de que uma outra subunidade deveria ocupar espaço na descrição da unidade 1: a subunidade 1.3 - *o agradecimento pelo controle sobre a bebida* – que, na amostra, apareceu apenas no depoimento 09, mas, na totalidade do *corpus*, mostrou-se recorrente e relevante. Observemos o quadro 11.

Quadro 11 –unidade retórica 1 – frequência das subunidades retóricas

Subunidade	Frequência
1.1 – saudação aos membros do grupo	56

1.2 – apresentação do depoente	37
1.3 – agradecimento pelo controle sobre a bebida	18

Como podemos perceber, a subunidade 1.1 é a mais recorrente, o que nos leva a pensar que estabelecer o contato inicial com os demais membros do grupo é o principal objetivo da unidade retórica 1, seguida pelo objetivo de apresentar o depoente e pelo objetivo de agradecer pelo controle sobre a bebida. No entanto, é necessário salientar que a subunidade retórica 1.2 é a que melhor une os critérios da recorrência e da relevância e, portanto, é a subunidade da unidade 1 mais representativa do discurso típico de um membro dos alcoólicos anônimos. Analisemos de outra forma. Se observarmos os trechos dos depoimentos nos exemplos (44) e (45) nos quais somente está presente a subunidade 1.1, não conseguiremos identificá-los, imediatamente, como aberturas de um depoimento de alcoólicos anônimos, ao contrário dos exemplos (46) e (47) que, além da subunidade 1.1, apresentam também a subunidade 1.2.

Trechos de depoimentos que apresentam apenas a subunidade 1.1:

(44)

Olá companheiros D03;

(45)

Olá a todos D04;

Trechos de depoimentos que apresentam as subunidades 1.1 e 1.2:

(46)

Olá, sou XXXX alcoólico em recuperação D15;

(47)

Olá companheiros, aqui XXXX, alcoólico. D17;

É importante salientarmos que a caracterização da subunidade 1.2 como aquela que, na unidade 1, possibilita mais claramente ao interlocutor reconhecer o gênero depoimento de alcoólicos anônimos deve-se ao fato de esta subunidade ter como função a apresentação do depoente que, por sua vez, está relacionada ao primeiro passo dos Doze passos dos alcoólicos anônimos, ou seja, o reconhecimento público da condição de alcoólatra. É

comum, portanto, encontrarmos, na subunidade 1.2, a apresentação do nome ou pseudônimo do depoente seguida por uma afirmação explícita da condição de alcoólatra. Dos 37 depoimentos que apresentam a subunidade 1.2, 29 apresentam essa informação, como podemos constatar nos trechos que seguem.

(48)

Oi sobrionautas... êta teminha!!! Aqui XXXX, alcoólico D01;

(49)

*Olá viva
Chamo-me XXXX e sou alcoólico D02;*

(50)

*Oi,
Meu pseudônimo é XXX, tenho 21 anos e acredito ter problemas com a bebida D10;*

(51)

*Boa tarde a todos!
meu nome é XXXX, moro em (-----) e eu sou alcoólatra (...) D13*

(52)

Olá, sou XXXX alcoólico em recuperação D15

È necessário observar, ainda, que, em algumas manifestações da subunidade 1.2, além da declaração explícita da condição de alcoólatra, aparecem outras informações não recorrentes, tais como as que percebemos destacadas em (53), (54) e (55).

(53)

*Boa noite companheiros e companheiras
Eu me chamo XXXX, sou um alcoólico e hoje não bebi (...) D20*

(54)

Boa noite a todos, sou um alcoólatra, que não escreve para vocês, mas que sempre que posso leio vossas mensagens(...) D30

(55)

*Olá companheiros,
aqui XXXX alcoólatra, tentando e ainda não conseguindo a tão sonhada sobriedade(...) D42*

Consideramos que essas informações são escolhas idiossincráticas dos depoentes e que, portanto, não devem ser consideradas como informações típicas do gênero.

A subunidade 1.3 também apresentou-se como uma subunidade relevante, por um lado por sua recorrência ,por outro lado, e, principalmente, pela função que realiza em relação à execução do programa de recuperação dos alcoólicos anônimos. O que estamos querendo dizer é que a subunidade 1.3, assim como a subunidade 1.1, funciona como realização verbal dos procedimentos indicados nos doze passos para o cumprimento do programa de recuperação dos alcoólicos anônimos. A subunidade 1.2 está relacionada ao primeiro dos Doze Passos e a subunidade 1.3 está relacionada aos segundo e terceiro passos e ao princípio das vinte e quatro horas de sobriedade¹⁶. Percebamos as manifestações da subunidade 1.3 nos trechos que seguem.

(56)

Bom dia amigos, sou XXXX um alcoólatra, agradecido a Deus, a um pouco da minha boa vontade, a vocês e a essa maravilhosa irmandade, por hj ter evitado o primeiro gole e por estar aprendendo a viver.D07;

(57)

*Boa noite a todos, sou apenas um alcoólatra que não escreve para vocês , mas que sempre que posso leio vossas mensagens e **agradeço a Deus todos os dias por vocês existirem** D09;*

(58)

*Companheiras e companheiros, boa tarde
meu nome é XXXX sou alcoólatra em recuperação que **graças a ajuda do Poder Superior (eu preciso me lembrar mais dEle) e de vocês, hoje não bebeu** D16;*

(59)

*Meus caros companheiros(as)
Agradeço ao Poder Superior por tudo e por mais 24 horas para nós D18*

¹⁶ 1º passo – admitimos que éramos impotentes perante o álcool e que tínhamos perdido o domínio sobre nossas vidas; 2º passo – viemos a acreditar que um Poder Superior a nós mesmos poderia devolver-nos a sanidade; 3º passo – decidimos entregar nossa vontade e nossa vida aos cuidados de Deus, na forma em que O concebíamos.

(60)

*Bom dia a todos!! Sou o XXXX El Alcohólico de (-----)... **agradecido a Deus da forma que eu o concebo, a um pouco de minha boa vontade, a este maravilhoso programa que tem me salvado a vida e a todos vocês irmãos companheiros por hj não te bebido.**D23*

(61)

*boa tarde a todos, meu nome é XXXX e sou um alcoólatra em recuperação, graças a minha força de vontade vim conhecer um programa numa sala real em 30/01/98 que ao me render esta força transformou-se em boa vontade e pude conhecer um PODER SUPERIOR que me fez entender poder ser íntimo do meu deus, hoje unificado, **agradeço por não ter usado substância nenhuma que alterasse o meu humor.** D25*

Como podemos perceber em (56), (58), (59), (60) e (61) o depoente realiza a ação de agradecer pelo controle sobre a bebida, já em (57), o agradecimento é realizado em função da existência dos membros da irmandade como apoio ao depoente.

Dos dezoito depoimentos que apresentam a subunidade 1.3, 14 realizam agradecimentos pelo controle sobre o consumo de bebida alcoólica e 04 realizam agradecimentos direcionados ao apoio concedido pelos companheiros de irmandade.

Gostaríamos de salientar, ainda, que em alguns depoimentos, como em (59), o agradecimento pelo controle sobre a bebida se dá na forma da expressão *vinte e quatro horas*. Essa expressão está relacionada ao programa de recuperação da irmandade que orienta seus membros a evitarem a bebida a cada vinte e quatro horas, ou seja, a cada dia. Assim, tal expressão, quando proferida por alcoólicos anônimos, significa vinte e quatro horas sem ingerir bebida alcoólica.

Para finalizar este item, apresentaremos abaixo o padrão de organização retórica encontrado para a abertura dos depoimentos de alcoólicos anônimos:

Unidade retórica 1 – estabelecendo contato e identificação

Subunidade retórica 1.1 – saudando os membros do grupo;

Subunidade retórica 1.2 – apresentando o depoente;

Subunidade retórica 1.3 – agradecendo pelo controle sobre a bebida e/ou pela ajuda concedida pelos companheiros de irmandade

4.2.3.2 – A descrição da Unidade Retórica 2 – comparando experiências vividas antes e depois do ingresso na irmandade dos alcoólicos anônimos.

Assim como fizemos em relação à unidade retórica 1, decidimos renomear a unidade retórica 2 a partir do objetivo comunicativo realizado por esta unidade. A nova atribuição reflete a relação entre suas subunidades de informação e os propósitos do programa de recuperação dos alcoólicos anônimos. Podemos, portanto, afirmar que, em linhas gerais, as subunidades são regidas pelos 12 passos da Irmandade. Perceberemos melhor esta relação a partir dos comentários que teceremos a seguir sobre o comportamento das subunidades da unidade retórica 2.

Como já demonstramos no quadro 09 do item 4.2.3, a unidade retórica 2 está presente em todos os 60 depoimentos do *corpus*, fato que mostra sua relevância na caracterização desses depoimentos. Realizar a análise dessa unidade não foi, no entanto, tarefa de fácil empreendimento, posto que, diferentemente das unidades 1 e 3 que apresentam subunidades com fronteiras bem delimitadas, a unidade retórica 2 apresenta um movimento constante de idas e vindas de suas subunidades e mesmo a sobreposição destas.

Começamos nossos comentários, retomando a distribuição das subunidades a qual chegamos na análise da amostra:

Unidade retórica 2 – desenvolvimento do depoimento

Subunidade retórica 2.1 – referência a outra mensagem do grupo que tenha provocado a construção do depoimento em questão;

Subunidade retórica 2.2. – relato de experiências sobre o alcoolismo;

Subunidade retórica 2.3 – comentários sobre a recuperação após o ingresso nos alcoólicos anônimos.

Após a análise dos 50 depoimentos restantes do *corpus*, chegamos ao seguinte quadro geral de frequência dessas subunidades:

Quadro 12 – unidade retórica 2 – frequência das subunidades retóricas

Subunidade	Frequência
2.1 – referência a outra mensagem do grupo que tenha provocado o depoimento em questão	26
2.2 – relato de experiências sobre o alcoolismo	40
2.3 – comentários sobre a recuperação após o ingresso nos alcoólicos anônimos	56

A leitura do quadro 12 nos mostra que 26 depoimentos apresentaram a subunidade 2.1, 40 depoimentos apresentaram a subunidade 2.2 e 56 depoimentos apresentaram a subunidade 2.3 que mostrou ser a mais recorrente das três, sendo, inclusive, a que apareceu mais vezes sozinha nos depoimentos. Dos 60 depoimentos, 15 apresentaram apenas essa subunidade, enquanto 3 apresentaram apenas a subunidade 2.2 e nenhum depoimento apresentou apenas a subunidade 2.1. A frequência da subunidade 2.2, deve-se também ao fato de que essa subunidade foi aquela que apareceu mais vezes combinada com as outras duas subunidades, ou seja, dos 60 depoimentos, 17 apresentaram as subunidades 2.2 e 2.3 combinadas, 05 apresentaram as subunidades 2.1 e 2.3 combinadas, apenas 01 apresentou as subunidades 2.1 e 2.2 combinadas e 19 depoimentos apresentaram as três subunidades combinadas. Visualizemos esta observação no quadro 13:

Quadro 13 – Unidade retórica 2 – frequência e combinações das subunidades retóricas

Subunidades	Frequência	Depoimentos
Somente 2.1	0	0
Somente 2.2	03	D10, D42, D43
Somente 2.3	15	D14, D15, D17, D18, D19, D20, D26, D32, D36, D40, D46, D51, D54, D55, D58
2.1 e 2.2 combinadas	01	D39
2.1 e 2.3 combinadas	05	D23, D29, D30, D37, D53
2.2 e 2.3 combinadas	17	D01, D02, D05, D06, D09, D11, D12, D13, D22, D24, D25, D31, D38, D41, D56, D59, D60
2.1, 2.2 e 2.3 combinadas	19	D03, D04, D07, D08, D16, D21, D27, D28, D33, D34, D35, D44, D45, D47, D48, D49, D50, D52, D57

Passaremos ao tratamento de cada uma dessas subunidades separadamente, discutindo os objetivos comunicativos que estão em jogo quando tais subunidades são realizadas, assim como as relações entre tais objetivos e os propósitos do programa de

recuperação da comunidade discursiva. Durante a apresentação de cada subunidade teceremos comentários sobre as combinações que foram apresentadas no quadro 12.

A subunidade 2.1 (referência a outra mensagem do grupo que tenha provocado a construção do depoimento em questão) aparece naqueles depoimentos que têm como ponto de partida questões levantadas em depoimentos de outros membros do grupo. Acreditamos que esta subunidade é gerada muito mais pelo veículo de transmissão do gênero (a lista de discussão) do que pelos propósitos da comunidade discursiva. São dois os motivos que nos levam a afirmar isto. O primeiro motivo está relacionado ao contato que tivemos, em 1997, com os grupos reais de alcoólicos anônimos em Fortaleza nos quais percebemos que os depoimentos eram proferidos sem a preocupação de fazer retomadas sobre o que havia sido dito pelos demais companheiros. Foi somente quando entramos em contato com os depoimentos realizados pelos membros do grupo on-line que começamos a perceber essa informação como algo que poderia ser parte constitutiva dos depoimentos. Talvez essa observação encontre uma justificativa mais sólida nas diferenças existentes entre as modalidades oral e escrita através das quais se realizam, respectivamente, os depoimentos dos grupos reais e os depoimentos do grupos on-line (esta é uma questão complexa que merece uma outra pesquisa, deixamo-la, portanto, como sugestão).

O segundo motivo está relacionado ao funcionamento do grupo on-line. Como já explicamos no capítulo 3, o grupo aa-sobriedade funciona através de uma lista de discussão fechada e monitorada que possui um endereço central para o qual são remetidas todas as mensagens dos membros inscritos na lista e a partir do qual essas mensagens são redistribuídas a todos esses membros. Acreditamos que a possibilidade que os membros do grupo on-line têm de registrar as mensagens enviadas, retomando-as e relendo-as várias vezes gera a construção de um depoimento no qual a intertextualidade se faz necessariamente presente.¹⁷ outro fator que provavelmente contribui para esta intertextualidade é a realização de debates em torno do *tema da semana*.

Vejamos nos exemplos (62), (63) e (64) algumas manifestações dessa subunidade.

(62)

A mensagem do companheiro XXXX me fez lembrar de um fato que me aconteceu na semana que antecedeu o recebimento da minha ficha de 2 anos: (...) D03

¹⁷ Os membros do grupo arquivam, no computador, as mensagens que mais interessam.

(63)

(...)ainda há pouco – ao ler as mensagens- me detive na seguinte frase da companheira XXXX: "...e desculpem pela dificuldade de organizar minhas idéias a respeito disso, pois sempre as guardei embaralhadas dentro da minha própria cabeça." D08

(64)

(...)a idéia do tema da semana, se estou bem lembrado, é a de que um membro desta lista proponha um tema discorra sobre ele e os demais companheiros falem sobre o mesmo. O companheiro XXXX escolheu ADMITINDO IMPOTÊNCIAS. Obrigado, companheiro, pelo tema que você escolheu. Se você tivesse escolhido IMPOTÊNCIAS simplesmente, até que seria mais fácil falar sobre elas. mas admitir!!!! É aí que o bicho pega. D16

Em (62) e (63) encontramos os exemplares mais comuns da subunidade 2.1, primeiro há uma remissão à mensagem enviada por outro membro do grupo e depois um breve comentário sobre esta mensagem que funciona como ponto de partida para o início das outras duas subunidades. Em (64), encontramos uma outra manifestação da subunidade 2.1 que está relacionada com o *tema da semana* que consiste em um mecanismo de debate entre os membros do grupo aa-sobriedade. Um membro do grupo é convidado a escolher um tema e escrever sobre ele. Uma vez feito isso, os outros membros do grupo passam a comentar também sobre o tema em questão. Em alguns casos as mensagens que se referem ao tema da semana tomam forma de depoimento. Nesses depoimentos é quase sempre esperado que se faça referência à mensagem de outro ou de outros, posto que, a proposta do tema da semana conduz a um entrelaçamento dialógico entre os depoimentos.

Em (65), abaixo, verificamos uma outra manifestação da subunidade 2.1 na qual não há referência a uma mensagem específica, mas às mensagens em geral que foram lidas pelo depoente. Já em (66) e (67) encontramos uma manifestação interessante da subunidade 2.1, na qual ocorre uma retomada referencial do nome do depoente anteriormente citado na unidade retórica 1, apresentação do depoimento.

(65)

(...) depois de algumas 24 horas sentindo que em muitos momentos cultivo, mesmo sem intenção, a auto-piedade, vejo, neste grupo, depoimentos que servem para a gente trocar experiências e completar a visão que temos do assunto.(...) D37

(66)

(...) faz poucos dias que parei de beber, nunca tinha parado antes, e esse antes são algumas décadas. Para você ter uma idéia, só hoje que minha cabeça está parando de zumbir. D48

(67)

(...) fico feliz por vc estar consciente de que vive uma recaída e batalha para reergue-se, ficar bem, buscar ajuda. D49

Outra questão a ser ressaltada sobre a subunidade 2.1 diz respeito ao seu posicionamento dentro da unidade retórica 2. A subunidade 2.1, geralmente, vem posicionada antes das subunidades 2.2 e 2.3., abrindo, portanto, a unidade 2. Dos 26 depoimentos que apresentaram a subunidade 2.1, em apenas quatro houve um posicionamento diferente exemplificado em (68), (69) e (70).¹⁸

(68)

(...) XXXX como percebeste, já estás "registrado". Agora é só enviar tuas mensagens. Não fiques na "moita" (quer dizer "em silêncio") por muito tempo. Estamos aqui para trocarmos nossas experiências.

XXXX, você falou de seu pai. Eu vou falar de mim. Aprendi nas reuniões de A.A. que o "alcoholismo é uma doença que todos escondem". Por ignorar essa doença, eu sempre pensei que meu problema era beber além da conta "algumas vezes". Eu gostava muito de beber. Não gostava era das ressacas do "day after". Aprendi que não era o "além da conta" que me deixava bêbado.

Tudo começava com o primeiro gole. Aceitei a sugestão dos companheiros de A.A. - evitar o primeiro gole, só por 24 horas. Então... venho evitando esse primeiro gole, desde o dia 9 de maio de 1988. E posso dizer a você que vale a pena.

XXXX, para encerrar vou acrescentar: se eu tivesse parado de beber aos 21 anos teria evitado muitos sofrimentos meus, de meus filhos, de minha ex-mulher. Aprendi em A.A. que eu não preciso beber. Você disse que está parada há 49 dias. Vou fazer um pedido prá você, posso? Continue parada...

*e fique aqui conosco. Posso garantir que a sobriedade é uma dádiva (...)*D33

(69)

(...)Faz > poucos dias que parei de beber, nunca tinha parado antes, e esse antes são algumas décadas. Para você ter uma idéia, só hoje que minha cabeça está parando de zumbir. A única coisa que fiz foi entrar p/ esta lista e frequentar um chat, que é de alcoolátras também, abaixo mando o endereço. Assim como você deve estar sendo muito bem recebido, eu também o fui, e encontrei várias pessoas (algumas até estou chamando de

¹⁸ Nos exemplos transcrevemos as unidades 2 completas para apresentar o posicionamento das subunidades. Quanto aos códigos utilizados para a identificação das subunidades, temos: a subunidade 2.1 está em itálico sublinhado, a subunidade 2.2 está em negrito e a subunidade 2.3 está sem nenhuma marcação.

amigo) com as quais tenho conversado sobre alcoolismo e também sobre muitas outras coisas, afinal ninguém é de ferro.(...) D48

(70)

(...) XXXXa sua mensagem me tocou muito. Moro em (----), faço aniversário de sobriedade dia 11/01, esta próximo, já não bebo desde 92, mas não me esqueço nunca que minha doença é incurável, mas um dia de cada vez tem tornado possível esta recuperação. Hoje fui numa reunião e lá pude ver um companheiro, já com um tempo considerável de sobriedade, perder a calma.

Que bom saber que vc, mesmo conhecendo o programa de AA à tão pouco tempo, já esteja conseguindo a serenidade para aceitar a enchente como um fato quevc não pode modificar.

Isso veio me mostrar que em AA o tempo de programa realmente não importa.

Saibe querida companheira. Aqui em (----), no centro-oeste do Brasil, estarei torcendo por vc e seguindo o teu exemplo de serenidade. Que vc e seu marido cheguem num acordo e escolham aquilo que for melhor para ambos. (...) D30

Em (68) e (70), a unidade retórica 2 continua sendo iniciado por 2.1, no entanto essa subunidade reaparece em posições posteriores à realização das outras duas subunidades. Em (68), temos a seguinte sequência de subunidades: sub2.1, sub2.3, sub2.2, sub2.3, sub2.1, sub2.3, sub2.1 e sub2.3. Em (70), temos: sub2.1, sub2.3, sub2.1, sub2.3 e sub2.1. No exemplar (69), a unidade 2 inicia com a subunidade 2.2 que corresponde ao primeiro período do parágrafo. O período seguinte (o segundo) inicia com uma informação típica da subunidade 2.1 e termina com uma informação da subunidade 2.2. O terceiro período corresponde a uma informação da subunidade 2.3 e o quarto período começa com uma informação da subunidade 2.1 e segue com informações referentes à subunidade 2.3. Em todos os outros 22 depoimentos, a subunidade 2.1 posicionou-se no início e somente no início da unidade 2. Passemos a seguir à análise das subunidades 2.2 e 2.3. Analisaremos as duas subunidades ao mesmo tempo, uma vez que a compreensão do objetivo comunicativo de uma depende da compreensão do objetivo comunicativo da outra.

Identificamos a subunidade 2.2 como aquela na qual os depoentes relatam fatos e/ou expressam sentimentos relacionados às experiências vividas no período de alcoolismo ativo, ou seja, no período anterior ao ingresso do depoente na irmandade dos alcoólicos anônimos. A realização dessa subunidade mantém relação com a quinta tradição¹⁹ e com os passos 4, 5, e 12 dos alcoólicos anônimos²⁰, posto que, nessa tradição e nesses passos, há

¹⁹ Cada grupo é animado de um único propósito primordial – o de transmitir a mensagem ao alcoólico que ainda sofre.

²⁰ Quarto passo – fizemos minucioso e destemido inventário moral de nós mesmos; quinto passo – admitimos perante Deus, perante nós mesmos e perante outro ser humano a natureza exata de nossas falhas; décimo

uma orientação para que o membro da comunidade discursiva realize um inventário moral de suas atitudes e o compartilhe com os demais membros do grupo, consistindo nisso um dos aspectos do programa de recuperação da Irmandade. Em outras palavras, o programa de recuperação consiste, essencialmente, em compartilhar experiências relacionadas ao alcoolismo. Na maioria dos depoimentos, isto é feito a partir de uma comparação entre experiências e sentimentos vivenciados pelo depoente antes de seu ingresso na Irmandade e as experiências e sentimentos vivenciados após o seu ingresso na Irmandade, informações que estão expressas nas subunidades 2.2 e 2.3. respectivamente.

Como conceituamos no item 4.1 do capítulo 4, consideramos que o depoimento de alcoólicos anônimos consiste numa forma de auto-relato que gira em torno do tema do alcoolismo, comum aos depoentes, e que tem como objetivo nuclear a solução desse problema por meio da troca de experiências vividas. É, pois, na realização das subunidades 2.2 e 2.3 que está expressa, primeiramente, a essência dos depoimentos dos alcoólicos anônimos, caracterizado como auto-relato, ou seja, caracterizado como uma textualização de lembranças selecionadas para a construção de uma auto-representação (Bruner e Weisser, 1997).

Vejamos abaixo algumas manifestações das subunidades 2.2. e 2.3.

(71)

lendo a partilha do XXXX, tomo balanço para faar alguma coisa sobre mim.

Tenho 45 anos, estive casado 20 anos e há cerca de 25 anos que bebo.

Trabalhei 17 anos numa empresa e «habituei-me» a que beber é um hábito social.

Actualmente, não bebo há, já, 5 meses, estou divorciado, ainda que vivendo maritalmente com alguém, e despedi-me, estando, hoje a trabalhar por minha conta.

A recuperação começou por ser muito difícil, segui-se um coeríodo ó cotimo (nuvem cor de rosa) e, agora, enfrento os problemas, a própria vida e a mim mesmo, sem o recurso àquela muleta que foi o álcool.

Resultados: todos os dias são UM DIA; procuro não perder a confiança de que poderei resolver o que for necessário de uma forma lúcida, isto é, sóbria. D04

(72)

Ainda há pouco - ao ler as mensagens - me detive na seguinte frase da companheira XXXX: "... e desculpem pela dificuldade de organizar minhas idéias a respeito disso, pois sempre as guardei embaralhadas dentro da minha própria cabeça." Ontem em depoimento no Grupo que freqüente, falei exatamente isso. Fui mais longe, porém. Lembrei-me de minha

segundo passo –tendo experimentado um despertar expiritual, por meio destes passos, procuramos transmitir esta mensagem aos alcoólicos e praticar estes princípios em todas as nossas atividades.

infância quando meu pai embriagado e desempregado queria "puxar Cristo pelas barbas" (era a expressão que ele usava) porque minha mãe, meu irmão e eu estávamos doentes e ele (meu pai) sem recursos.

Falei do menino arredio, tímido, amedrontado que eu fui. De uma adolescência difícil na qual eu nem sempre podia estar com meus amigos por falta de dinheiro.

Em resumo, da dificuldade de organizar minhas idéias e da minha vontade de viver em um mundo diferente daquele em que eu vivia. O álcool pareceu-me a solução de todos os meus problemas.

Só mais tarde, bem mais tarde, foi que eu percebi (mas muito difícil aceitar) que o álcool não era a solução. Era o próprio problema..

Aí entra a programação do A.A. com sua sabedoria imensa. Para minha sobriedade ser mais eficiente tenho que mudar alguma coisa dentro de mim.. Tenho que desembaralhar minhas idéias.

"Alcoólicos Anônimos é uma irmandade de homens e mulheres que compartilham suas experiências, forças e esperanças, a fim de resolver seu problema comum e ajudar outros a se recuperarem do alcoolismo." D08

Em (71) e (72) temos dois exemplares que estão incluídos no grupo dos dezoito depoimentos que apresentam as três subunidades ordenadas da forma sequencial padrão (sub2.1, sub2.2, sub2.3).

Como podemos comprovar, as subunidades 2.2 e 2.3 apresentam o confronto de dois momentos distintos da vida do alcoólatra demarcados pelo ingresso deste na Irmandade dos alcoólicos anônimos. Acreditamos que este confronto tem os seguintes objetivos:

- convencer o membro novato da comunidade sobre a eficácia do programa de recuperação da Irmandade
- fortalecer no alcoólatra a determinação de manter-se firme no propósito de não beber

O primeiro objetivo pode ser percebido nas palavras expressas no depoimento 27 no qual o depoente, ao finalizar a subunidade 2.2 e iniciar a subunidade 2.3, expressa explicitamente o desejo de influenciar o membro novato ao qual está se referindo.

(73)

(...) espero que estas palavras tenham algo para somar a sua experiência. A grande e feliz novidade que vamos hoje é os companheiros novos como você chegando cedo ao AA. Na sua idade eu já enfrentava sérios problemas, porém ainda não existia AA na minha cidade nem se via o alcoolismo como se vê hoje. Espero que você aproveite bem esta sorte que muitos, como eu, não tiveram.D27

Quanto ao segundo objetivo, podemos afirmar que a reconstrução das vivências relacionadas aos momentos de alcoolismo ativo tem como objetivo evitar que o membro da irmandade esqueça sua condição de portador de uma doença incurável. Outro aspecto importante relacionado a esse objetivo diz respeito ao fato de que a verbalização das reflexões geradas a partir do período de recuperação permitem ao membro da irmandade tomar consciência de seu processo de recuperação.

Acreditamos, ainda, que a auto-descrição realizada nestas duas subunidades funciona como mecanismo de identificação e coesão da comunidade discursiva, pois como afirmam Bruner e Weisser (1997): o que une as pessoas em uma comunidade é esse reconhecimento compartilhado, essa sensação de eu sei que você sabe que eu sei o que você quer dizer. É exatamente este sentimento que podemos perceber em (74):

(74)

(...) só por hoje, pretendo estar sempre em contato com companheiros que entendem a minha linguagem. D25

Se em (71) e (72) apresentamos exemplares do comportamento padrão da unidade retórica 2, em (75) e (76) deixaremos claro que esta unidade mostrou-se bastante heterogênea na forma de organização de suas subunidades retóricas.

(75)

Ao fim de 5,5 meses de abstinência, sei agora que o mais difícil é manter a sobriedade, isto é, viver a vida sem o recurso do álcool e outros aditivos. Vou-vos contar uma situação que se passou comigo, esta manhã. Estou desempregado há cerca de 1,5 anos e marquei uma reunião no centro de emprego para me inscrever numa acção de formação profissional. Quando cheguei ao centro de emprego, pelas 9h50, pensei que iria ter uma reunião com um técnico de orientação profissional mas, qual não é o meu espanto, quando me chamam e a todos que, como eu lá estavam para o mesmo, e nos fazem entrar numa sala para que cada um de nós dissesse o que pretende alcançar com a formação profissional.

A primeira reacção que tive foi pensar que aquela situação não era para mim, já, que a maioria dos presentes eram desempregados não qualificados e que, não se justificava que eu me misturasse com os demais.

Automaticamente, senti que não estava a ser justo para comigo, já que as razões que me levavam ao centro de emprego eram as mesmas dos outros.

Resumindo, A HUMILDADE É TÃO IMPORTANTE QUANTO DIFÍCIL (pelo menos para mim).D14

Em (75), temos um depoimento cuja unidade retórica 2 é composta apenas pela subunidade 2.3, na qual o depoente relata e comenta um fato ocorrido durante o período de

seu programa de recuperação. Como já apresentamos no quadro 09, quinze depoimentos apresentam a unidade 2 composta apenas pela subunidade 2.3.

(76)

Venho trabalhando o meu dia para que nem pessoas, lugares e situações não invadam mais o meu interior, assumindo o meu EU, tumultuando minhas emoções.

*Agradeço a todos pela atenção, e fico feliz em saber que mesmo entre quatro paredes posso estar irmanado, fortalecendo minha recuperação, porque **até então, 04 paredes representava solidão, alimentando pesamentos insanos**. Só por hoje, pretendo estar sempre em contato com companheiros que entendem a minha linguagem. D25*

Em (76), a unidade retórica 2 possui apenas as subunidades retóricas 2.2 e 2.3 que se distribuem na seguinte sequência: sub2.3, sub2.2 e sub2.3. O primeiro período e metade do segundo período representam a primeira manifestação da sub2.3. A subunidade 2.2 corresponde às duas últimas orações do segundo período. O restante do depoimento corresponde à retomada da subunidade 2.3.

No quadro 13 apresentamos dezessete depoimentos cuja unidade retórica 2 é formada pela combinação das subunidades 2.2 e 2.3. É importante salientar que as sequências nas quais essas subunidades se distribuem são bastante variadas. Observemos o quadro 14:

Quadro 14 – combinações entre as unidades 2.2 e 2.3 da unidade retórica 2

Depoimentos	Sequência das subunidades
D01	2.2-2.3
D02	2.3-2.2-2.3
D05	2.2-2.3-2.2-2.3-2.2-2.3
D06	2.2/2.3-2.3
D09	2.2-2.3-2.2-2.3
D11	2.2-2.3
D12	2.3-2.2-2.3
D13	2.3-2.2-2.3
D22	2.2-2.3
D24	2.3-2.2-2.3
D25	2.3-2.2-2.3
D31	2.3-2.2-2.3
D38	2.2-2.3
D41	2.2-2.3
D56	2.3-2.2-2.3
D59	2.3-2.2-2.3

D60	2.3-2.2-2.3
-----	-------------

Como podemos perceber, 08 depoimentos apresentaram a unidade retórica 2 iniciada pela subunidade 2.2 e 09 apresentaram-na iniciada pela subunidade 2.3. Podemos inferir, pois, que a unidade 2, quando formada pelas subunidades 2.2 e 2.3 apresenta como padrão de distribuição de suas informações a alternância entre essas subunidades. Esta conclusão, porém, nos remete à seguinte questão: se as duas subunidades se alternam numa mesma proporção nas posições 2 e 3 da unidade retórica 2, que critério utilizar para posicionar uma delas como subunidade 2.2 e a outra como subunidade 2.3?

Para responder a esta questão acreditamos que se faz necessário verificar o posicionamento das subunidade 2.2 e 2.3 nos depoimentos que apresentam as três subunidades e compará-lo com o padrão apresentado no quadro 13. Para tanto observemos o quadro 15:

Quadro 15 – combinações entre as subunidades 2.1, 2.2 e 2.3 da unidade retórica 2

Depoimentos	Sequência das subunidades
D03	2.1-2.2-2.3
D04	2.1-2.2-2.3
D07	2.1-2.3-2.2-2.3
D08	2.1-2.2-2.3
D16	2.1-2.3-2.2-2.3
D21	2.1-2.3-2.2-2.3
D27	2.1-2.2-2.3
D28	2.1-2.2-2.3
D33	2.1-2.2-2.3-2.1-2.3
D34	2.1-2.3-2.2-2.1
D35	2.1-2.2-2.3
D44	2.1-2.2-2.3
D45	2.1-2.2-2.3
D47	2.1-2.3-2.2-2.3
D48	2.2-2.1-2.3
D49	2.1-2.3-2.2-2.3
D50	2.1-2.2-2.3
D52	2.1-2.3-2.2-2.3
D57	2.1-2.2-2.3

O quadro 15 nos mostra que dos 19 depoimentos que apresentam as três subunidades da unidade retórica 2, 11 apresentam a unidade de informação que relata as experiências relacionadas ao período de alcoolismo ativo na posição 2.2 e 07 apresentam a unidade de informação relacionada aos comentários sobre o processo de recuperação nessa mesma posição. Se associarmos esses números aos resultados apresentados no quadro 13, chegaremos à verificação de que a distribuição das informações da unidade retórica 2 proposta até aqui, de fato, se mantém. Ou seja, a informação sobre os relatos relacionados ao alcoolismo corresponde à posição 2.2 e os comentários sobre o processo de recuperação, à posição 2.3. O padrão, portanto, está em que o relato venha precedendo o comentário. É o que ocorre em 11 depoimentos que apresentaram as três subunidades e 08 que apresentaram apenas as subunidades 2.2 e 2.3. Em outras palavras, é este o padrão de ocorrência de 19 depoimentos do *corpus*.

Por outro lado, a margem de abrangência desse padrão é pequena, se considerarmos que a informação relacionada ao processo de recuperação após o ingresso na Irmandade, ocupou a posição 2.2 em sete depoimentos do quadro 10 e em nove depoimentos do quadro 10, totalizando 16 ocorrências nessa posição.²¹

A partir dessas considerações resolvemos considerar que a unidade retórica 2 apresenta, de fato, três subunidades organizadas de quatro formas que consideramos como regulares no comportamento verbal dos depoentes:

- Quando os depoimentos apresentam as três subunidades relacionadas:
 1. sub2.1 – sub2.2 – sub2.3
 2. sub2.1 – sub2.3 – sub2.2 – sub2.3
- Quando os depoimentos apresentam apenas as subunidades 2.2 e 2.3:
 3. alternância entre as subunidades 2.2 e 2.3 iniciada por 2.2
 4. alternância entre as subunidades 2.2 e 2.3 iniciada por 2.3

É importante salientar que 15 dos 60 depoimentos apresentaram a unidade retórica 2, formada apenas pela subunidade 2.3. Não consideraremos esse comportamento verbal como padrão, mas também não podemos desconsiderá-lo. Acreditamos que sua ocorrência está relacionada à ausência da subunidade 2.2 que, provavelmente, deve-se ao fato de que

²¹ Não contabilizamos os depoimentos que apresentaram apenas um subunidade ou as combinações 2.1-2.2 e 2.1-2.3, pois nosso objetivo neste momento da análise é perceber as relações entre as subunidades 2.2 e 2.3.

as experiências relatadas nesta subunidade são muito parecidas nas histórias de vida dos alcoólatras em geral. Portanto constituem conhecimento compartilhado entre os membros da comunidade ao ponto de ser dispensável a referência explícita a elas. Vejamos em (77) a fala de um dos depoentes quanto a esta questão.

(77)

Lendo o meu alcoolismo do XXXX, despertou-me a vontade de compartilhar. Pode até parecer maçante abrir o correio e nos depararmos com histórias da alcoolismo, que, à primeira vista, foi tudo igual.

De fato, se não foi, no mínimo, foi muito parecido. Para nós, há pouca novidade quanto o que fazíamos quando bêbados, dado a similitude dos sintomas da enfermidade, na sua parte mais conhecida: o beber exagerado. Eu, inclusive, ameno que a ocasião requeira, evito falar do meu cachaçal, exatamente por sabê-lo desnecessário e banal.(...) D50

Acreditamos que essa questão é também responsável pelo fato de que nos depoimentos nos quais as subunidades 2.2 e 2.3 estão presentes, a primeira é quase sempre menor em extensão que a Segunda.

Como podemos perceber nos exemplos (78), (79) e (80), outra informação que colabora para a análise feita acima é que dos três depoimentos nos quais a unidade retórica 2 é formada apenas pela subunidade 2.2 (D10, D42 e D43), D10 e D43 foram produzidos por membros iniciantes da comunidade discursiva, e D42, por um membro da comunidade que, apesar de estar no grupo, não havia conseguido ainda êxito na execução do programa de recuperação, permanecendo, portanto, no período do alcoolismo ativo.

(78)

Un1

<p>"Oi,[SUB1.1] >> Meu pseudônimo é XXXX, tenho 21 anos e acredito ter problemas com >> bebida [SUB1.2]</p>

Un2

Já cheguei a ligar pro AA de minha cidade, mas não fui a nenhuma >> reunião. Soube por um amigo que é membro desse grupo que poderia ter esse >> tipo de contato com vocês e resolvi tentar. **(INFORMAÇÃO ATÍPICA)**
 >> Esta é a segunda vez que "paro" de beber. A primeira foi há um ano, e >> durou pouco mais de um mês. Dessa vez estou parada há exatamente 49 dias. >>
 Considero meu pai um alcoolatra, mas nada assumido. Minha mãe e irmã não >> bebem nada, acho que em decorrência dos problemas com ele, mas na verdade >> mesmo antes dos problemas elas já não bebiam. >> Queria conversar com pessoas com esse problema até mesmo pra ter certeza >> que o álcool é de fato um problema para mim. **[SUB 2.2]**

> Un3

> Obrigada pela atenção **[SUB 3.3]**

(79)

Un1>

olá companheiros, **[SUB 1.1]**
 já enviei duas mensagens e não tive resposta, gostaria que os companheiros confirmassem a chegada desta mensagem **[informação atípica]**

Un2

. como estou entrando no grupo vou começar contando um pouco sobre as minhas experi~ências com a bebida. vou contar uma das minhas estórias que passei quando bebia. muitas vezes eu passava a semana toda sem beber, pois me tratava muito bem, ia para a praia todos os dias, fazia malhação, ficava bronzeado, esperando que chegasse a sexta feira para botar a melhor roupa , ficar todo bonito,pois chamava a tenção de muita gente. eu me sentia o máximo, mas mesmo assim achava que estava faltando alguma coisa e eu começava a beber uma seveja socialmente e depois achava de misturar com cachaça e aí é que eu me dava mal, pois eu já perdia a noção do tempo. por muitas e muitas vezes , eu chegava em casa sem as minhas roupas , sem dinheiro, todo arranhado, sem saber com quem tinha bebido, sujo e isso tudo sem saber o que tinha feito. às vezes os "meus amigos" me contavam que tinham me visto muito louco com os papudinhos ou com os hippes. foram muitas as vezes que acordei em casas estranhas, de olhar e não saber como e por que estava ali, sem nem conhecer as meninas com quem dormia, sem saber de nada . a situação companheiros era muito triste, pois não conseguia mais me controlar, todas as semanas a mesma história e eu já não aguentava mais, pois dia de segunda feira estava deprimido sem querer papo com ninguém, ficava só pensando no que eu poderia Ter feito; eu fazia força para tentar me lembrar, mas erainútil, a bebida estava mesmo me dominando e infelizmente eu era um alcoolatra e não sabia da gravidade do problema, eu era um doente. **[SUB 2.3]**

Un3

Um abraço **[SUB3.1]**
 XXXX **[SUB3.4]**

(80)

Un 1

> Ola Companheiros, **[SUB 1.1]**
 > > Aqui XXXX Alcoolatra, tentando e ainda não coseguindo a tão sonhada sobriedade **[SUB 1.2]**, Gostaria de agradecer o carinho recebido de todos em especial dos companheiros XXXX, XXXX, XXXX, XXXX, e tantos outros que me desculpa minha cabeça não está legal, e tambem do meu muito amigo XXXX. **[SUB1.3]**
 >

> Un2

Engraçado uma coisa muito me encuca, porque simplesmente as coisas certas não acontecem ? que eu seria muito bem recebido, eu tinha certeza, que aqui eu receberia atenção eu tinha certeza, porque que eu vou em lugares aonde tem pessoas que me tratam mal ? porque permito que pensamentos me dominem deste jeito ?
 >
 > Uma coisa eu reparei, eu penso muito, falo pouco e entro em ação menos ainda, pensei em dizer mil coisas, mas agora sentei para escrever este nada me vem na cabeça, somente uma frase esta na minha cabeça li que foi Jesus que disse....
 >
 > "Se manifestarem aquilo que têm em si, isso que manifestarem os salvará. Se não manifestarem o que têm em si, isso que não manifestarem os destruirá".
 >>
 > Sinto isto dentro de mim, mas não consigo dizer, colocar essa doença na sua devida dimensão dentro de mim, quanto mais eu tento negar, quanto mais argumento eu acho para não ir em uma sala de AA mais atolado eu fico. Acho que é a lei de Ação e Reação, quanto mais eu nego e finjo não precisar de ajuda, mais forte o alcoolismo fica em mim, mais atolado eu fico, mais sem ação eu fico, mais os meus pensamentos me dominam....
 > > Acordo jurando que hoje não beberei, na hora do almoço a idéia já não é tão firme, no final da tarde já acho que só uma não vai fazer mal... acredito que é o mesmo pensamento, a mesma dificuldade. **[SUB 2.3]**

Un 3

> Abraços **[SUB 3.1]**
 XXXX **[SUB 3.4]**

Comprendemos que esta constatação nos conduz, ainda, à suposição de que a ausência da sub2.2 pode estar relacionada ao tempo de participação do depoente na comunidade discursiva. Assim, quanto mais longo for o tempo de participação na comunidade, menor é a necessidade de relatar os fatos do passado relacionados ao período do alcoolismo ativo e maior a necessidade de refletir sobre aspectos relacionados ao

processo de recuperação. Isto explicaria o porquê de termos mais exemplares com ocorrência isolada da sub2.3 do que exemplares com ocorrência isolada da sub2.2.

As ocorrências sub2.1-sub2.2 e sub2.1-sub2.3 apresentaram regularidade irrelevante, portanto, não serão consideradas para a análise. Passemos a seguir para a descrição da Unidade retórica 3 dos depoimentos.

4.2.3.3 - A descrição da unidade retórica 3 – fechando o depoimento

A unidade retórica 3, presente em 58 dos 60 depoimentos, exerce a função de finalizar o depoimento e apresenta quatro subunidades de informação dispostas no quadro 16 abaixo.

Quadro 16 – frequência das subunidades da unidade retórica 3

Subunidade	frequência
3.1 – despedindo-se	27
3.2 – manifestando o desejo de 24 horas de sobriedade	37
3.3 – agradecendo a atenção concedida pelos membros do grupo	20
3.4 – subscrevendo-se	50

O quadro 16 nos mostra não somente a distribuição das informações da unidade 3, mas também a frequência dessas informações no *corpus*. A subunidade 3.1 está presente em 27 dos 58 depoimentos nos quais a unidade 3 se manifestou. Desses 27 depoimentos, em 21, a subunidade 3.1 realmente abre a unidade 3, sendo que os depoimentos 17 e 22 apresentaram-na isolada. Nos outros 06 depoimentos, a sub3.1 se apresenta nas seguintes posições: em D12 (sub3.3 + sub3.2 + sub3.4 + **sub3.1**) e D19 (sub3.3 + **sub3.1**) assume a última posição, em D24 e D35, aparece na terceira posição, antecedida pelas subunidades 3.2 e 3.3 e seguida pela sub3.4, em D38 e D55, a sub3.1 aparece na segunda posição, antecedida pela sub3.2 e seguida pela sub3.4.

A subunidade 3.2, *manifestando o desejo de 24 horas de sobriedade*, presente em 37 depoimentos, é aquela que mais de perto está relacionada ao programa de recuperação da Irmandade. Esta afirmação está calcada no fato de que uma das principais orientações desse programa é que o alcoólatra deve planejar sua sobriedade a cada dia, ou seja, evitar a ingestão de bebida alcoólica a cada vinte e quatro horas. Isto explica a presença constante, nos depoimentos, de expressões referentes a essa questão. Na abertura dos depoimentos temos o agradecimento pelas vinte e quatro horas de sobriedade já vividas e no fechamento,

a manifestação do desejo de que sejam sóbrias as vinte e quatro horas subsequentes ao depoimento.

Como podemos perceber no quadro 15, a subunidade 3.2 é a segunda mais recorrente, sendo a primeira a subunidade 3.4, *subscrevendo-se*. Consideramos, porém, que a subunidade 3.2, por ter um vínculo mais estreito com o programa de recuperação da Irmandade assume, em termos da constituição da identidade da comunidade discursiva dos alcoólicos anônimos, posição mais relevante que a subunidade 3.4.

Vejamos, a seguir, como se dá a distribuição das 37 ocorrências da subunidade 3.2. Em 16 depoimentos, a subunidade 3.2 posiciona-se, de fato, como a segunda unidade de informação a ser apresentada na unidade retórica 3, sendo que em 07 desses 16 depoimentos esteve antecedida pela subunidade 3.3 e nos 09 restantes, pela subunidade 3.1. Em 20 depoimentos, a subunidade 3.2 abre a unidade retórica 3, sendo que desses vinte, dezessete depoimentos não apresentaram a subunidade 3.1. e os três restantes apresentaram-na em posição atípica a saber: D35 (sub3.2 + sub3.3 + sub3.1 + sub3.4), D38 (sub3.2 + sub3.1 + sub3.4) e D55 (sub3.2 + sub3.1 + sub3.4). Em apenas 01 depoimento (D41) que apresentou uma distribuição atípica das informações (sub3.1 + sub3.3 + sub3.2 + sub3.3 + sub3.4) houve o desvio deste padrão.

Quanto à subunidade 3.3, *agradecendo a atenção concedida pelos membros do grupo*, pode-se afirmar que foi a subunidade menos recorrente, apresentando-se em 20 depoimentos dos quais, em apenas 01, realmente ocupou a terceira posição. Em 13 depoimentos, a subunidade 3.3 abre a unidade retórica 3, em 05 depoimentos, aparece em segunda posição e em 01 depoimento (D41) aparece nas segunda e quarta posições. É interessante observar, ainda, que, na maioria dos casos em que a subunidade 3.3 abriu a unidade retórica 3, a subunidade 3.1 esteve ausente e a subunidade 3.2 ocupou a segunda posição na distribuição das informações.

Das quatro subunidades da unidade retórica 3, a subunidade 3.4 mostrou ser a mais recorrente e aquela cujo comportamento na distribuição das informações da unidade é mais regular, pois esteve presente em 50 depoimentos, em 45, dos quais, posicionou-se como a quarta informação a ser apresentada. Dos 05 depoimentos restantes, em quatro, essa subunidade apareceu sozinha, ocupando, portanto, ao mesmo tempo, a função de abrir e fechar a unidade retórica. Em apenas 01 depoimento (D46) este padrão foi rompido, apresentando a seguinte distribuição atípica da subunidade 3.4: (sub3.1 + sub3.4 + sub3.3).

4.2.3.4 – O padrão de organização retórica do gênero depoimento de alcoólicos anônimos

Após termos feito uma descrição detalhada das unidades e subunidades retóricas apresentadas nos 60 exemplares do *corpus*, chegamos ao seguinte padrão de comportamento verbal do gênero depoimento dos alcoólicos anônimos:

Unidade retórica de informação 1 – estabelecendo contato e identificação

Subunidade 1.1 – saudando os membros do grupo **[SUB1.1]**

Subunidade 1.2 – apresentando o depoente **[SUB1.2]**

Subunidade 1.3 – agradecendo pelo controle sobre a bebida **[SUB1.3]**

Unidade retórica de informação 2 – comparando experiências vividas antes e depois do ingresso na irmandade dos alcoólicos anônimos

Subunidade 2.1 – fazendo referência a outra mensagem do grupo que tenha provocado a construção do depoimento em questão **[SUB2.1]**

Subunidade 2.2 - **relatando experiências com o alcoolismo** **[SUB2.2]**

Subunidade 2.3 – comentando sobre a recuperação após o ingresso nos alcoólicos anônimos **[SUB2.3]**

Unidade retórica de informação 3 – fechando o depoimento

Subunidade 3.1 – despedindo-se **[SUB3.1]**

Subunidade 3.2 – desejando 24 horas de sobriedade **[SUB3.2]**

Subunidade 3.3 – agradecendo a atenção concedida pelos membros do grupo **[SUB3.3]**

Subunidade 3.4 – subscrevendo-se **[SUB3.4]**

Para concluir o item 4 de nossa análise, gostaríamos de reforçar que nosso objetivo em descrever e analisar os dados que aqui foram apresentados está primeiramente em demonstrar que a comunidade discursiva dos alcoólicos anônimos, de fato, apresenta um comportamento verbal típico associado a uma situação de interação também típica e em segundo lugar, demonstrar que este comportamento verbal é regulado pelos propósitos e princípios que regem o programa de recuperação dessa comunidade. No item que segue,

procuramos apresentar os atos de fala subjacentes a cada subunidade retórica como a pista lingüística mais saliente capaz de conduzir à percepção das fronteiras entre as subunidades retóricas que organizam o gênero .

4.3 – O gênero depoimento: um repertório típico de ações

Bazerman (1994) afirma que os gêneros identificam um repertório de ações que deve ser realizado em situações típicas de interação e identificam, ainda, que propósitos podemos ter nestas situações. Em outras palavras, os gêneros são tipos singulares de ação social.

Conforme já discutimos no item 1.5 do capítulo 1, esta noção de repertório de ações está associada à noção de macro-ato desenvolvida por Van Dijk (1992). Portanto, tal repertório corresponderia a uma seqüência de ações que, estruturadas em uma totalidade, assume a força de uma única ação global.

É, pois, a partir deste apoio teórico, já bastante discutido no capítulo 1, que consideramos que o depoimento proferido pelos alcoólicos anônimos realiza um macro-ato de fala constituído por uma seqüência hierárquica de micro-atos que funcionam como pistas para que percebamos a distribuição das subunidades retóricas deste gênero. Nosso objetivo neste item da análise é, portanto, descrever os micro-atos de fala que estruturam o ato de depor, mostrando que tais atos funcionam como pistas lingüísticas que nos possibilitam perceber a passagem de uma unidade de informação a outra.

Primeiramente, retomaremos a descrição do ato de depor realizada no capítulo 1. O ato de depor consiste essencialmente no compartilhamento de experiências vividas pelos interlocutores. Para que tal ato se realize é necessário que as condições de input e output sejam satisfeitas, que o locutor apresente proposições relacionadas às suas experiências de vida, que, de fato, o locutor tenha vivenciado tais experiências, que o interlocutor acredite que o locutor viveu as experiências relatadas, que o interlocutor tenha interesse pelo depoimento e, por fim, que o locutor acredite que o interlocutor tem esse interesse.

Como já apresentamos no final do item 1.5 do capítulo1, os depoimentos proferidos pelos alcoólicos anônimos satisfazem todas as exigências postas acima. Podendo, portanto, serem reconhecidos como a realização do ato de depor. Na verdade, como macro-ato de depor, uma vez que sua realização requer a associação de outros atos de fala.

Durante o processo de análise da distribuição das unidades de informação do gênero depoimento, percebemos que um dos principais indicadores das fronteiras entre o fim de

uma unidade e o início da outra eram os atos de fala subjacentes a estas unidades. Como já afirmamos no item 4.2.1 deste capítulo, não há entre as unidades de informação do gênero depoimento pistas sintáticas ou mesmo lexicais que, de forma recorrente, possam figurar como indicadores de suas fronteiras. Assim, optamos pela descrição dos atos de fala.

Passaremos, a partir deste momento, a utilizar a expressão micro-ato de fala, uma vez que as ações verbais que iremos descrever estão associadas na execução da ação global de depor. Tais micro-atos são: saudar, apresentar-se, declarar, agradecer, comentar, despedir-se, desejar e o ato de referência.

Em acordo com a classificação dos proferimentos performativos proposta por Austin (1990)²², podemos confirmar que o depoimento é formado prioritariamente por proferimentos comportamentais, ou seja, por proferimentos que dizem respeito a atitudes e comportamentos sociais. Durante a análise verificaremos, porém, que estes proferimentos também apresentaram nuances de proferimentos comissivos e expositivos.

Os micro-atos de saudar, apresentar-se e agradecer são realizados respectivamente nas subunidades 1.1, 1.2, 1.3, ou seja, nas três subunidades da unidade retórica 1 do depoimento. (cf. exemplo 80)

O ato de saudar é tipicamente um proferimento comportamental cuja regra essencial consiste em estabelecer contato através de um cumprimento. Nos depoimentos, este ato mostrou-se bastante regular, ocorrendo em 56 dos 60 exemplares.

As formas verbais que materializam o ato de saudar nos depoimentos são bastante diversificadas. Temos desde saudações convencionais do tipo *Oi, Olá companheiros ou Boa tarde companheiros* até saudações que envolvem termos de uso específico da comunidade discursiva, como, por exemplo, *Oi sobrionautas..*

Como podemos perceber, este ato não se dá na forma de performativos explícitos que correspondem à estrutura *eu + verbo + que*, mas resguarda a principal característica da performatividade: a presença do *eu* que realiza a ação no próprio instante em que profere. No depoimento, este ato tem a função de estabelecer o primeiro contato para que a troca de experiências seja realizada.

A apresentação realizada na subunidade 1.2 dá-se na forma de uma declaração à qual subjaz a estrutura *eu declaro que sou ...*. Consideramos que os proferimentos que realizam

²² Publicado originalmente em inglês sob o título *How to do things with words* em 1962

este ato podem ser considerados ao mesmo tempo, como proferimentos expositivos, comissivos e ainda comportamentais. Quando um depoente profere um enunciado como *sou XXXX, alcoólatra*, parece-nos à primeira vista que o proferimento tem como única função esclarecer a referência, o ponto de partida do qual emana o depoimento. De fato, essa força expositiva do proferimento está visivelmente presente. No entanto, é aceitável afirmar que estas declarações tomadas como micro-ato de fala inserido no depoimento, exercem também outras duas funções: estabelecer identificação e compromisso entre os interlocutores.

O depoente ao declarar sua identidade expressa em seu nome e na sua condição de alcoólatra realiza um proferimento do tipo comportamental uma vez que tal declaração o coloca na posição de um indivíduo que declara a partir de um dado papel social que é compartilhado por seus interlocutores e que, portanto, funciona como uma espécie de senha que os identifica.

Essa identificação, por sua vez, gera um conjunto de expectativas compartilhado pelos interlocutores, colocando o locutor na posição de quem se compromete a um comportamento futuro esperado. Em outras palavras, ao proferir a declaração *eu sou XXXX, alcoólatra*, inserida no macro-ato de depor, o depoente coloca-se na posição de quem está autorizado a depor e ao mesmo tempo compromete-se a fazê-lo conforme as expectativas de seus interlocutores em relação à execução do gênero depoimento.

O terceiro ato realizado nos depoimentos é o agradecimento. Segundo a descrição proposta por Searle (1984), dizemos que o ato de agradecer se dá quando o locutor expressa uma proposição referente a um ato passado feito pelo interlocutor, ato que é reconhecido pelo locutor como algo realizado em seu benefício. Na classificação proposta por Austin (1990), este ato corresponde aos performativos comportamentais.

Nos depoimentos, o ato de agradecer tem a seguinte estrutura subjacente: eu agradeço a _____ por _____. Geralmente o agradecimento é dirigido a Deus ou aos membros do grupo e o objeto da gratidão corresponde ao apoio concedido para que o depoente consiga manter-se sóbrio. A execução deste ato reforça a unidade da comunidade discursiva, uma vez que torna explícito o papel da presença do outro no processo de recuperação do depoente.

Realizados os três atos acima descritos, o depoente, já plenamente autorizado a depor, inicia o momento do compartilhamento de experiências que compõe o que identificamos

como unidade retórica 2. Na unidade retórica 2 identificamos a predominância de proferimentos expositivos uma vez que as subunidades 2.1, 2.2, e 2.3 têm como ações subjacentes o narrar, e o comentar, permeados por outros atos tais como exemplificar, explicar, declarar e todos englobados pela ação maior de comparar.

Como apresentamos em 4.2.3.2, à unidade retórica 2 está subjacente o ato de comparar. As informações gestadas nesta unidade promovem no leitor uma resposta avaliativa em relação às experiências vividas antes e depois do ingresso do depoente na irmandade, relacionando o antes a experiências negativas e o depois a experiências positivas. Esta resposta avaliativa provocada no leitor é um dos objetivos almejados pelo programa de recuperação da irmandade que acredita na troca de experiências como o argumento mais eficaz para convencer o bebedor ativo a transformar-se em alcoólatra em recuperação e como o mecanismo mais eficaz para que o membro da irmandade permaneça no firme propósito de não beber.

O ato de comparar da unidade 2 realiza-se através de dois outros atos de fala: o relatar e o comentar que correspondem às subunidades 2.2 e 2.3. em 2.2., o depoente relata e/ou comenta experiências relacionadas ao período de bebedeira ativa. Em 2.3, o depoente relata e/ou comenta experiências relacionadas ao período de recuperação promovido pelo ingresso nos alcoólicos anônimos. Como podemos perceber, o ato de comparar se dá pela exposição de fatos e apreciações contrastantes.

É importante considerarmos, ainda, que apesar de ambas as subunidades apresentarem os atos de relatar e comentar, é fato que o primeiro ato é predominantemente realizado na subunidade 2.2 e o segundo, na subunidade 2.3.

Na subunidade 2.1, temos um ato de referência cuja regra essencial consiste na identificação de X perante o interlocutor em um dado contexto. Neste caso, o contexto corresponde ao próprio depoimento e X corresponde à mensagem proferida em outro depoimento, que é tomado como ponto de partida para a execução das subunidades 2.2 e 2.3. Podemos, então, afirmar que o ato de referência, neste contexto, funciona como ato preparatório para a realização da ação de comparar subjacente à unidade retórica 2.

Passemos, a seguir, aos micro atos subjacentes às subunidades da unidade retórica 3: despedir-se, desejar, agradecer e subscrever-se. Estes atos correspondem respectivamente às subunidades 3.1, 3.2, 3.3 e 3.4 que, associadas, indicam o fechamento do depoimento.

O ato de despedir-se realizado na subunidade 3.1 tem como regra essencial encerrar uma interação através de um cumprimento. É curioso perceber que este ato estabelece, no depoimento, uma relação de oposição com a subunidade 1.1 que consiste em expressar momentos extremos da realização de um mesmo processo (Geraldi, 1992:54). Em outras palavras, saudar (subunidade 1.1) é iniciar o processo de depor e despedir-se é finalizá-lo.

O ato de despedir-se se dá, preferencialmente, por proferimentos cuja performatividade não ocorre de forma explícita. As expressões de maior recorrência na realização desse ato são *um abraço, um forte abraço, abraços* ou ainda *beijos*. Tais expressões não podem ser traduzidas em nenhuma fórmula de performatividade explícita, mas ao deparar-se com estas expressões, o interlocutor certamente reconhece que o depoente encerrou seu relato ou seu comentário e que tudo que for dito a partir daquele ato, fará parte do momento do fechamento do ato de depor.

Na subunidade retórica 3.2, temos o ato de desejar que consiste em expressar a vontade de que algo referente ao futuro aconteça ao interlocutor. Nos depoimentos, o ato de desejar é estruturado através de performativos comportamentais que têm como forma subjacente a estrutura *eu + desejo + que*. Nessa subunidade, a expressão *+24 horas* é compreendida pelo interlocutor como eu desejo que vocês tenham mais vinte e quatro horas de sobriedade. . Observemos os trechos abaixo:

(81)

um abraço para todos [SUB3.1] + 24hs. [SUB 3.2]

XXXX [SUB 3.4]

(82)

obrigado por me lerem [SUB 3.3] + 24 HORAS para todos [SUB 3.2]

XXXX [SUB 3.4]

A expressão deste ato no fechamento do depoimento, mantém, como já afirmamos, uma forte relação com o programa de recuperação da Irmandade que estabelece, como regra básica para sua execução, evitar o primeiro gole de bebida alcoólica a cada vinte e quatro horas.

Na unidade 3.3, verificamos a realização do ato de agradecer que, segundo Searle (1984), é uma ação cujo conteúdo proposicional corresponde a uma ação passada feita pelo

interlocutor. Para que o agradecimento ocorra, faz-se necessário que a ação realizada pelo interlocutor tenha beneficiado o locutor que, por sua vez, deve estar consciente de que foi beneficiado. Assim, o ato de agradecer vale como uma expressão de gratidão ou apreciação do locutor em relação ao interlocutor.

Nos depoimentos dos alcoólicos anônimos, o locutor é o próprio depoente, o interlocutor são todos os membros da lista aa-sobriedade que, potencialmente, são os leitores do depoimento e o ato gerador do agradecimento é a atenção concedida pelos interlocutores.

É interessante observar que normalmente o agradecimento refere-se a um ato passado, mas no contexto da interação por meio da lista de discussão, o agradecimento se dá de forma antecipada a um ato que ocorrerá em um momento futuro. O agradecimento é realizado sem nenhuma ressalva do tipo *agradeço antecipadamente*. Podemos, portanto, afirmar que o depoente tem a certeza de que os membros do grupo lerão seu depoimento e, portanto, toma como certa a ação quem irá beneficiá-lo e que, portanto, deve ser agradecida.

Por fim, o fechamento do depoimento é plenamente realizado através do ato de referência identificadora por meio da subscrição do depoente. Consideramos que esta subscrição, ao executar o ato de referência, além de identificar o depoente, posiciona-o como aquele que se responsabiliza pelo que diz.

Como verificamos, as fronteiras entre as unidades e subunidades de informação do gênero depoimento de alcoólicos anônimos têm como principal indicador lingüístico os atos de fala que se encontram a elas subjacentes.

Os resultados aos quais chegamos neste capítulo de análise nos autorizam dizer que o gênero depoimento dos alcoólicos anônimos constitui-se numa forma de auto-relato que gira em torno de um tema problema comum aos depoentes e seus interlocutores e que tem como objetivo a solução desse problema por meio do compartilhamento de experiências vividas pelos depoentes. Afirmamos, ainda, que tal gênero apresenta uma organização em unidades e subunidades retóricas razoavelmente estabilizada que responde aos princípios e propósitos da comunidade discursiva dos alcoólicos anônimos. Finalmente, afirmamos que subjacentes às subunidades retóricas do gênero estão atos de fala por meio dos quais percebemos as fronteiras entre o fim de uma subunidade e o início de outra.

Conclusão

As redes da ciência deixam passar muito mais do que seguram. As coisas que as redes da ciência não conseguem segurar são as coisas que a ciência não pode dizer. As coisas que não são científicas, sobre as quais ela tem de se calar. (Rubem Alves,2000)

O presente capítulo tem como objetivo responder às questões postas na introdução dessa dissertação :

1. A irmandade dos alcoólicos anônimos pode ser descrita como uma comunidade discursivaSwales (1990/92)?
2. Os depoimentos dos alcoólicos anônimos apresentam similaridades e regularidades quanto à distribuição das informações?
3. Considerando que as respostas às questões anteriores sejam afirmativas, é aceitável dizer que a distribuição das informações nos depoimentos é orientada pelos propósitos comunicativos da comunidade discursiva dos alcoólicos anônimos?

Na verdade, estas questões já foram respondidas ao longo dos capítulos anteriores, o que faremos, portanto, é sistematizar e resumir as conclusões que ali encontram-se dispersas. Passemos a seguir à discussão da primeira questão.

Considerando que uma comunidade discursiva constitui um grupo de pessoas que partilha determinadas práticas convencionais de uso da linguagem que se dão na forma de gêneros textuais a fim de realizar objetivos comuns, afirmamos que a irmandade dos alcoólicos anônimos pode ser caracterizada a partir deste conceito. Se considerarmos, ainda, que os indivíduos que fazem parte dessa comunidade não estão vinculados por critérios geográficos, posto que residem em diferentes regiões, e que nem mesmo se conhecem uma vez que interagem através de um veículo de comunicação à distância, perceberemos, com maior clareza, que o critério que une tais indivíduos consiste no objetivo comum de compartilhar experiências relacionadas ao tema do alcoolismo que é realizado através do uso compartilhado do gênero depoimento.

Se, por si , esta definição não fosse suficiente, temos, ainda, a favor de tal caracterização o fato de que a irmandade dos alcoólicos anônimos adequa-se, sem dificuldades, aos critérios propostos por Swales (1990/92) para a caracterização de comunidades discursivas. Ou seja, os alcoólicos anônimos compartilham objetivos e um sistema de crenças comuns, possuem mecanismos de intercomunicação entre seus membros, utilizam e criam um léxico que lhes é específico, convivem com um movimento constante de adesão de novos membros, ocasionando, assim, uma relação produtiva entre membros experientes e membros iniciantes da comunidade e, por fim, funcionam a partir de uma estrutura orgânica que estabelece níveis explícitos e implícitos de hierarquia.

É relevante, ainda, acrescentar que a caracterização da irmandade dos alcoólicos anônimos a partir do conceito de comunidade discursiva significa uma contribuição importante para os estudos sobre gêneros, uma vez que expande as possibilidades de aplicação de um conceito que foi pensado a partir de uma comunidade específica, a comunidade acadêmica. Não queremos com isto dizer que o conceito pode ser aplicado com facilidade a todo e qualquer grupo social que interage através de gêneros, portanto não consideramos, como Swales (1990), que gêneros são propriedades exclusivas de comunidades discursivas, mas consideramos que é válido tentar aplicar o conceito a uma diversidade maior de grupos sociais. Em alguns casos, tal empreendimento pode conduzir a uma confirmação dos critérios apresentados por Swales, em outros, pode levar a uma reformulação do conceito, o que seria outra importante contribuição.

As segunda e terceira questões que nos colocamos ao iniciarmos esta pesquisa estão estreitamente relacionadas e portanto serão tratadas concomitantemente. Começamos por responder se os depoimentos de alcoólicos anônimos podem ser considerados como exemplares de um gênero textual. Para responder esta questão, partimos da idéia desenvolvida por Miller (1984) de que gêneros estão vinculados a situações recorrentes de interação, ou seja, que tais situações conduzem a comportamentos verbais também recorrentes que passam a funcionar como padrão para novos comportamentos. Assim, um determinado gênero torna-se convencional porque surge em situações com estruturas e elementos similares e porque os falantes respondem de formas similares, tendo aprendido o que é apropriado dizer e quais os efeitos provocados pela ação de dizer. Essa recorrência no uso de determinados padrões de comportamento verbal está relacionada, por sua vez, aos objetivos comunicativos que movimentam as interações. Observando por outro ângulo,

podemos perceber que ao mesmo tempo que os gêneros são construídos como respostas aos objetivos comunicativos também funcionam como espaço verbal no qual tais objetivos se realizam e ,portanto, funcionam, como afirma Miller (1984), como *chaves* para apreendê-los.

O depoimento dos alcoólicos anônimos está vinculado a uma situação comunicativa cujo objetivo central consiste no compartilhamento de experiências vividas pelo próprio depoente em relação ao problema do alcoolismo. Este objetivo, por sua vez, está previsto pelo próprio programa de recuperação da irmandade que se encontra expresso em toda a literatura dos alcoólicos anônimos. A espinha dorsal deste programa de recuperação consiste em que o indivíduo deve admitir perante si mesmo e perante os companheiros da irmandade a condição de alcoólatra e a partir dessa admissão, realizar um levantamento reflexivo de todas as falhas de comportamento provocadas pelo consumo de bebida alcoólica para, tomando consciência dessas falhas, ser capaz de resistir à compulsão pelo álcool. A irmandade dos alcoólicos anônimos considera, ainda, que o levantamento de tais falhas somente sortirá efeito se for compartilhado com outros indivíduos alcoólatras que por vivenciarem o mesmo problema estão abertos a ouvir e a compreender sem qualquer tipo de julgamento moral. Outro aspecto que regula o programa de recuperação dos alcoólicos anônimos diz respeito ao planejamento das ações de controle sobre a bebida a cada vinte e quatro horas. Como podemos perceber, a comunidade discursiva dos alcoólicos anônimos tem nesses princípios o guia para suas ações, o norteador de um padrão de comportamentos , inclusive de comportamentos verbais. É a partir deste ponto que começamos a responder a segunda questão. Consideramos que depor é uma ação verbal recorrente entre os membros dos alcoólicos anônimos através da qual o objetivo do compartilhamento de experiências se dá.

O segundo passo para responder esta questão está em demonstrar que , de fato, os depoimentos apresentam similaridades e regularidades quanto à distribuição e organização de suas informações. Para tanto, vamos apresentar a seguir os resultados gerais aos quais chegamos com a análise que realizamos no capítulo 4. Iniciaremos pela retomado do padrão de comportamento retórico dos depoimentos ao qual chegamos no final desse capítulo.

Unidade retórica de informação 1 – estabelecendo contato e identificação

Subunidade 1.1 – saudando os membros do grupo [SUB1.1]

Subunidade 1.2 – apresentando o depoente [SUB1.2]

Subunidade 1.3 – agradecendo pelo controle sobre a bebida [SUB1.3]

Unidade retórica de informação 2 – comparando experiências vividas antes e depois do ingresso na irmandade dos alcoólicos anônimos

Subunidade 2.1 – fazendo referência a outra mensagem do grupo que tenha provocado a construção do depoimento em questão [SUB2.1]

Subunidade 2.2 - **relatando experiências com o alcoolismo** [SUB2.2]

Subunidade 2.3 – comentando sobre a recuperação após o ingresso nos alcoólicos anônimos [SUB2.3]

Unidade retórica de informação 3 – fechando o depoimento

Subunidade 3.1 – despedindo-se [SUB3.1]

Subunidade 3.2 – desejando 24 horas de sobriedade [SUB3.2]

Subunidade 3.3 – agradecendo a atenção concedida pelos membros do grupo [SUB3.3]

Subunidade 3.4 – subscrevendo-se [SUB3.4]

A apreensão das três unidades de informação apresentadas acima foi realizada a partir dos distintos objetivos percebidos na realização de cada uma delas. A primeira unidade tem como objetivo estabelecer o contato inicial da interação e estabelecer mecanismos de identificação entre o depoente e seus interlocutores. Consideramos que esta unidade está intimamente relacionada ao primeiro dos doze passos da irmandade¹³, posto que esta identificação se dá, na maioria dos casos, através de uma apresentação do nome do depoente acompanhado da confissão de sua condição de alcoólatra. Acreditamos que a realização de tal comportamento verbal na abertura dos depoimentos responde à crença da comunidade discursiva de que a troca de experiências somente funciona como mecanismo de recuperação quando realizada entre sujeitos que se reconhecem como portadores de um mesmo problema. Assim, para começar a falar de suas experiências, faz-se necessário,

antes, que o depoente se posicione como alguém que está autorizado a depor. A segunda unidade retórica consiste na própria troca de experiências, momento do ato de depor no qual o alcoólatra estabelece comparações e confrontos entre sua experiências como alcoólatra na ativa e como alcoólatra em recuperação. Neste momento do depoimento o depoente realiza seu auto-relato que consiste em uma textualização de lembranças selecionadas para uma auto-representação (Bruner e Weisser; 1997). Neste caso específico, esta auto-representação visa apresentar os aspectos negativos relacionados às memórias do período de bebedeira ativa e os aspectos positivos representados pela mudanças promovidas pelo programa de recuperação da irmandade.

É curioso que a construção de uma auto-representação exige, como afirmam Bruner e Weisser (1997), um ato interpretativo e, portanto, consciente sobre nossas lembranças, sobre nossos pensamentos. Portanto, o auto-relato possibilita que tomemos consciência daquilo que pensamos sobre nós e do que queremos que os outros pensem sobre nós. É exatamente neste ponto que consiste a eficácia do depoimento como ação verbal capaz de possibilitar ao depoente o controle sobre o álcool e de influenciar o interlocutor para que faça o mesmo, ou seja, ao verbalizar suas lembranças, o alcoólatra pode refletir sobre elas, pode tirar conclusões e, portanto, pode reorientar comportamentos futuros.

Quanto à terceira unidade retórica, é fácil perceber que ao finalizar seu auto-relato, o depoente passa ao momento da despedida em relação a seus interlocutores. Este momento do depoimento, além de finalizá-lo, reforça entre o depoente e seus interlocutores os

recorrência explica-se pelo fato de que é nesta unidade que se dá a troca de experiências vividas pelos depoentes. Estes resultados confirmam, portanto, que o gênero depoimento de alcoólicos anônimos possui três grandes unidades de informação. Estas unidades, por sua vez, organizam-se através de subunidades cujas recorrência e regularidade apresentaremos a seguir.

A unidade retórica 1 dividiu-se em três subunidades de informação. A primeira subunidade, *saudando os membros do grupo*, esteve presente em 56 dos 60 depoimentos, mostrando-se a subunidade mais recorrente desta unidade retórica. A segunda subunidade, *apresentando o depoente*, esteve presente em 37 exemplares e a terceira, *agradecendo pelo controle sobre a bebida*, em 18 exemplares. Essas três subunidades correspondem respectivamente aos atos de fala *saudar*, *apresentar-se* e *agradecer* que já foram descritos detalhadamente no item 4.3 do capítulo 4.

Quanto à distribuição destas subunidades, encontramos os seguintes resultados: 19 depoimentos apresentaram apenas as subunidades 1.1 e 1.2 combinadas, 21 depoimentos apresentaram apenas a subunidade 1.1, 15 depoimentos apresentaram as três subunidades combinadas, 2 depoimentos apresentaram apenas a subunidade 1.3 e 1 depoimento apresentou as subunidades 1.1 e 1.3 combinadas. Em termos de frequência, poderíamos concluir que a presença isolada da subunidade 1.1 seria padrão, no entanto, consideramos que as outras duas subunidades, principalmente a subunidade 1.2, são mais relevantes para a execução dos propósitos da comunidade discursiva, posto que são as responsáveis pela identificação estabelecida entre o interlocutor e os depoentes, portanto, consideraremos as combinações *sub1.1 + sub1.2* e *sub1.1 + sub1.2 + sub1.3* como as mais representativas da unidade retórica 1.

A unidade retórica 2 dividiu-se em três subunidades de informação. A primeira, *fazendo referência a outra mensagem do grupo que tenha provocado a construção do depoimento em questão*, esteve presente em 26 exemplares do *corpus*, a segunda, *relatando experiências com o alcoolismo*, manifestou-se em 40 depoimentos e a terceira subunidade, *comentando sobre a recuperação após o ingresso na irmandade dos alcoólicos anônimos*, em 56 depoimentos, mostrando-se a subunidade mais recorrente da unidade retórica 2. Assim como na unidade retórica 1, às subunidades da unidade retórica 2 estão subjacentes os seguintes atos de fala: o ato de referência na subunidade 2.1, o ato de relatar na subunidade 2.2 e o ato de comentar (avaliar) na subunidade 2.3. Os atos de relatar

e comentar (avaliar) associados na unidade retórica 2, realizam, por sua vez, um outro ato de fala a saber : o ato de comparar que tem como propósito gerar uma resposta avaliativa do interlocutor e do próprio depoente em relação ao confronto entre as experiências vividas antes e depois do ingresso do alcoólatra na irmandade.

Quanto à distribuição das subunidades da unidade retórica, podemos afirmar que as combinações mais regulares são *sub2.1 + sub2.2 + sub2.3* com dezenove ocorrências, *sub2.2 + sub2.3* com dezessete ocorrências e a *sub2.3* isolada com quinze ocorrências. Nos demais depoimentos encontramos distribuições variadas.

A unidade retórica 3 apresentou quatro subunidades de informação. A primeira subunidade, *despedindo-se*, esteve presente em 27 depoimentos, a segunda, *desejando 24 horas de sobriedade*, manifestou-se em 37 exemplares, a terceira subunidade, *agradecendo a atenção concedida pelos membros do grupo*, em 20 exemplares e a quarta, *subscrevendo-se*, esteve presente em 50 depoimentos, sendo, portanto, a subunidade mais recorrente. Também nesta unidade retórica reconhecemos a realização de atos de fala subjacentes às subunidades. Na subunidade 3.1 o depoente realiza o ato de despedir-se, na subunidade 3.2, realiza o ato de desejar, na subunidade 3.3, o ato de agradecer e, por fim, na subunidade 3.4, o depoente realiza o ato de subscrever-se.

As subunidades da unidade retórica 3 foram as que mais apresentaram variações nas suas formas de distribuição. Dos 58 depoimentos que apresentaram essa unidade retórica, 16, apresentaram a combinação *sub3.2 + sub3.4*, 8 apresentaram a combinação *sub3.1 + sub3.4*, 6, as combinações *sub3.3 + sub3.2 + sub3.4* e 5 depoimentos apresentaram a combinação *sub3.1 + sub3.2 + sub3.4*. os demais depoimentos apresentaram distribuições variadas. Apenas 4 depoimentos apresentaram as quatro subunidades combinadas.

Como podemos perceber pelos dados apresentados, o gênero depoimento dos alcoólicos anônimos apresentou uma grande regularidade quanto à sua distribuição em três unidades retóricas e uma relativa estabilidade quanto à presença e à distribuição de suas subunidades retóricas. Gostaríamos de ressaltar, ainda, que o gênero depoimento identifica um repertório de ações (Bazerman,1994) recorrentes que deve ser realizado na situação típica da interação entre membros da comunidade discursiva dos alcoólicos anônimos. É, portanto, o gênero depoimento, um tipo singular de ação social.

Gostaríamos de finalizar, ressaltando que temos a plena consciência de que muitas outras questões poderiam ter sido abordadas acerca do estudo deste gênero, aspectos

relacionados a constante intertextualidade marcada nos textos dos depoimentos, as influências do veículo de transmissão do gênero, a mensagem eletrônica, em sua organização retórica, as marcas polifônicas colocadas em jogo na construção do confronto entre os papéis de alcoólatra na ativa e de alcoólatra em recuperação presentes nos depoimentos, entre outras questões. Mas temos também a plena consciência que nossa pesquisa deu o primeiro e mais importante passo para todos os futuros empreendimentos sobre este gênero: descrevê-lo como um comportamento típico de uma dada comunidade que realiza no gênero seus propósitos comunicativos, trabalho que ainda estava totalmente por fazer.. Acreditamos, ainda, que a descrição que realizamos auxiliará a outros pesquisadores que tenham interesse em estudar os comportamentos verbais de grupos sociais similares ao dos alcoólicos anônimos. Se o meu trabalho foi difícil por eu não ter encontrado outros trabalhos anteriores ao meu que já tivessem tentado descrever gêneros dessa natureza, com certeza os empreendimentos que virão poderão tomar a descrição aqui realizada como um ponto de partida.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irandé costa – Língua, gêneros textuais e ensino; considerações teóricas e implicações pedagógicas. *VIII Intercâmbio de Pesquisas em Lingüística Aplicada*. LAEL / PUC. São Paulo.1998.
- Alcoólicos Anônimos - *A história de como homens e mulheres se recuperaram do alcoolismo* - Publicado em português pela Junta de Serviços Gerais de AA do Brasil (JUNAAB) com autorização de AA World Services, Inc. São Paulo. 1996.
- AUSTIN, J. L. – *Quando dizer é fazer – palavras e ação*. Tradução de Danilo marcondes de Souza Filho. Porto Alegre. Artes Máficas. 1990. 136p.
- BAKHTIN, M - *Marxismo e filosofia da linguagem*. Ed. HUCITEC. São Paulo, 1992.
- _____ Os gêneros do discurso. In: *Estética da criação verbal*. São Paulo, Martins Fontes, 1992. P.277 –326.
- _____ *Speech genres and other late essays* – Translated by Vern. W. Mcgee. University of Texas. Press Slavic Series nº 08. 1986.
- BAZERMAN, Charles – Systems of genres and the enactment of social intentions. *Gender and the new rhetoric*. Organizado por Aviva Freedman e Peter Medway .taylor & francis.(editora) 1978 P 79- 101 (capítulo de um livro)
- BERNARDINO, Cibele Gadelha - *Lingüística da interação : a questão do método*. Monografia Fotocópia. 1998.
- BILL, W – *Doze conceitos para serviços mundiais – como foram adotados pela 12ª Conferência Anual de Serviços Gerais de Alcoólicos Anônimos de 26 de Abril de 1962* – ALCOHOLICS ANONYMOUS WORLD SERVICES, INC. New York. U.S.A. 1983.
- BONINI, A - *Questões de tipologia textual* - fotocópia.1999.
- _____ *O ensino de tipologia textual em manuais didáticos de 2º grau*. Mimeo.1999.
- BOURDIE, P - A economia das trocas lingüísticas - In: *Coleção Cientistas Sociais*. Org. Renato Ortiz. Coordenador Florestan Fernandes. Ed. Ática.
- BRANDÃO, H.N.- *Introdução à análise do discurso*. 4 ed. São Paulo. Ed. Unicamp. 1995.

- BRUNER, Jerome e WEISSER, Susan – A invenção do ser: a autobiografia e suas formas. In: *Cultura escrita e oralidade*. Org. David R. Olson e Nancy Torrance. Coleção Múltiplas escritas. Editora ática. 2 ed. 1997. P. 141-161.
- BURKE, Kenneth – The rhetorical situation.. *The quarterly Journal of Speech* . volume 65. Número 1. Fevereiro 1979. P 263-275.
- CAMPBELL, Karlyn Kohros e JAMIESON, Kathleen Hall – Form and genre in rhetorical criticism : an introduction. In Form and Genre- shaping rhetorical action. Organizadores – Karlyn Kohrs Campbell e Kathleen Hall Jamieson. Editado por The Speech Communication Association. 1978. p 9 – 31....
- DIJK, Teun A. Van – Text and Context. Explorations in the semantics and pragmatics of discourse..parte II – Pragmatics. Longman linguistics library nº 21. 1992. P.167 – 185.
- EYSENCK, Michael. W., KEANE, MART, T. – *Psicologia cognitiva : um manual introdutório*. Artes Médicas. São Paulo. 1994.
- FREEDMAN Aviva & MEDWAY, Peter – News views of genre and their implications for education. In: *Learning and teaching genre*. Portsmouth NH : Heinemann. 1994.
- _____ - Location genres studies: antecedents and prospects. In: *Genre and new rhetoric*. London: Taylor & Frnacis. 1994. 01-20.
- FURLANETTO, M.M.- *Gênero discursivo, tipo textual e expressividade*. Florianópolis; fotocópia, s.d.
- GARCEZ, Lucília – Vygotsky e Bakhtin – um diálogo. In : *A escrita e o outro – os modos de participação na construção do texto*. Brasília. Ed. da Universidade de Brasília. 1998. 45 – 56.
- GABLER, Iracema – Narração, depoimento e ritual. In : *As falas do réu*. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. 1996. 32-48. (Dissertação de Mestrado)
- GERALDI J. W. E ILARI R. - SEMANTICA. 5º edição . editora ática. 1992
- GOFFMAN, E - A situação negligenciada. In: *Sociolinguística Interacional: antropologia, lingüística e sociologia em Análise do discurso*. (org). Branca Telles Ribeiro e Pedro M. Garcez. Porto Alegre. AGE, p.11-15. 1998.
- GUIMARÃES, E - *A articulação do texto* 3 ed. - São Paulo - Ática, 1993.
- JESUS e BRANDÃO – Mito e tradição indígena.

- KATRIEL, T.- Desabafo como ritual verbal em discursos israelenses. Universidade de Haifa. Tradução- Edson Francoso. In: *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, nº 11, p. 129-143, 1986.
- KOCH e FÁVERO - Contribuição a uma tipologia textual. In: *Letras e Letras*, Uberlândia, 3(1): 3-10, 1987.
- KOCH, I.V.- *A inter-ação pela linguagem* - São Paulo. Contexto, 1992.
- MACHADO, Ana Rachel – *O diário de leituras – A introdução de um novo instrumento na escola*. Martins Fontes. São Paulo. 1998.
- MACHADO, Irene A. - Os gêneros e a ciência dialógica do texto. In: *Diálogos com Bakhtin*. Carlos Alberto Faraco, Cristovão Tezza, Gilberto de Castro (orgs.) Beth Brait et al. Ed. Da UFPR, 1996.
- MAGALHÃES, M.I. - Metodologia, contexto social e discurso: a relação com os informantes - *Anais da ANPOLL*. 1990.
- MAINGUENEAU, D - *Novas tendências em análise do discurso* 2.ed. Pontes. São Paulo. 1993.
- MALDIDIER, CI. NORMAND, E ROBIN, R. - Discurso e ideologia : bases para uma pesquisa. In: *Gestos de leitura – da história no discurso*. Eni puccinelli Orlandi (org.) [et al.] ; tradução: Betânia S. C. Mariani [et al.]. Campinas, São Paulo. Ed. da UNICAMP. 1994. 67-102.
- McCLEARY, Leland Emerson – Aspectos de uma modalidade de discurso mediado por computador.... tese 1996. USP. São paulo. Faculdade de Filosofia , letras e ciências humanas da Unicversidade de São paulo.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio – Por uma proposta para a classificação dos gêneros textuais. Mimeo. 1996.
- MILLER, Carolyn R. _ Genre as social action. In: *Genre and new rhetoric*. Freedman & Medway. London. Taylor & Francis. 1994. 23 - 42.
- _____ _ Rhetorical Community : the cultural basis of genre. In: *Genre and new rhetoric*. Freedman & Medway. London Taylor & Francis. 1994. 67 – 78.
- OLIVEIRA, Lúcia P. - Posicionamento teórico. In: *Variação intercultural na escrita: contrastes multidimensionais em inglês e português*. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo. 1997. 15-72. (Tese de Doutorado)
- PERRONI, Maria Cecília . A técnica narrativa primitiva. Cap. 3 do livro Desenvolvimento do discurso narrativo. Coleção texto e linguagem. Martins Fontes. São Paulo 1992. P.71 –136.

- RODRIGUES, Bernardete Biasi, - *Estratégias de condução de informações em resumos de dissertações*. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis.1998. (Tese de Doutorado)
- SEARLE, John R. – Os actos de fala... Almedina. Coimbra- Portugal.. coordenação de tradução Carlos Vogt..1984..
- SCHNEUWLY, Bernard – *Gêneros e tipos de textos : considerações psicológicas e ontogenéticas*. Tradução: Roxane Helena Rodrigues Rojo. Mimeo.1996.
- SILVA, S.A.- Um estudo da entrevista baseado na análise de gêneros lingüísticos. In: *The Specialist*. São Paulo.
- SILVA, V.L.P.- Forma e função nos gêneros de discurso. In: *Alfa*. São Paulo, 41, 79-98, 1997.
- SILVA, J.Q.G. – Gênerodiscursivo e tipo textual. SCRIPTA – Revista do programa de Pós-graduação em letras e do Conselho de Estudos Luso-afro-brasileiros da PUC de Minas – Lingüística e filologia- Volume 2. Nº 4. 1º semestre 1999 . Belo Horizonte.p 87 –106.
- SWALES, J.M.- Genre analysis - Setting the Scene. In: *Genre Analysis: English in Academic and Research Settings*. Cambridge. University Press. 1990.
- _____ - re-thinking genre: another look at discourse community effects comunicação apresentada em Re-thinking Genre Colloquium, Ottawa: Carleton University, 1992 (inédito).
- Vimos a acreditar - A aventura espiritual de AA tal como experimentada pelos membros individualmente*. Traduzido e editado na língua portuguesa com autorização de AA World Services, Inc. pela JUNAAB. 1996.
- VILELA, Mário – Gramática de valências.. Livraria Almedina. Coimbra. 1986..

